



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS

AMANDA DA COSTA CARVALHO

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS FALADO EM  
ÁREAS INDÍGENAS GALIBI-MARWORNO E KARIPUNA**

BELÉM-PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

D111e da Costa Carvalho, Amanda  
ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS  
FALADO EM ÁREAS INDÍGENAS GALIBI-MARWORNO E  
KARIPUNA / Amanda da Costa Carvalho. — 2019.  
125 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Abdelhak Razky  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras,  
Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará,  
Belém, 2019.

1. Dialetoлогия Pluridimensional. 2. Geossociolinguística. 3.  
Contato Linguístico. 4. Português Brasileiro Indígena. 5.  
Fonética. I. Título.

CDD 417.2

---

AMANDA DA COSTA CARVALHO

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS FALADO EM ÁREAS  
INDÍGENAS GALIBI-MARWORNO E KARIPUNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras – com ênfase em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

Linha de Pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais

BELÉM – PA

2019

AMANDA DA COSTA CARVALHO

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS FALADO EM ÁREAS  
INDÍGENAS GALIBI-MARWORNO E KARIPUNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras – com ênfase em Estudos Linguísticos.

Data: 1/7/2019

Conceito: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Abdelhak Razky (Orientador – PPGL-UFPA/UnB)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz (Avaliadora Interna – CNPq/PPGL-UFPA)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Celeste Maria da Rocha Ribeiro (Avaliadora Externa – UNIFAP)

*À minha mãe Socorro e à minha filha Dulce.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre foi meu conforto nos momentos vividos longe de minha família;

À minha filha Dulce, que, mesmo pequena, soube entender minhas ausências e sempre me recebeu com um sorriso amoroso a cada retorno de minhas viagens, bem como minha mãe Socorro e meu pai Roberto, que sempre me apoiaram para que eu nunca desistisse;

Ao meu irmão Júnior, que sempre esteve disponível para me ajudar como irmão e também como cartógrafo. Minha tia Joana e primas Mary, Jeane, Rafa, Larissa e Manu, por serem meu apoio em momentos que precisei;

Ao amigo e eterno orientador Almir Gomes, por sempre ter confiado no meu trabalho desde a graduação e por nunca ter medido esforços para que esta pesquisa fosse concluída;

Ao professor e orientador de Mestrado, Abdelhak Razky, pela disponibilidade e paciência em ajudar com ótimas orientações mesmo que distante, assim como a professora Marilúcia Oliveira, pelo apoio e força que sempre me transmitiu;

A todos os outros professores do PPGL-UFPA, com quem pude ter boas lições durante as disciplinas e à coordenação do curso pelo suporte;

Aos professores da UNIFAP, especialmente na figura da Mara Santos e Glauber Romling, por permitirem que eu os acompanhasse nos trabalhos de campo nas aldeias;

Aos grupos e colegas de pesquisa do NELI (UNIFAP) e do GeoLin Term (UFPA), por me possibilitarem contribuições, aprendizados, histórias e boas risadas;

Aos meus amigos de longa data Rikary, Rayane e todos da “rapeize”, além dos novos Léa, Emídio, Gilmar, Natália, Doraci, Fábio, Stella, Carlene, que foram surpresas boas que o mestrado meu deu;

À tia Diva, Thiago e Romário, por terem me cedido espaço em suas casas no período que morei em Belém e por, de certa forma, contribuírem para meu amadurecimento;

A todos os colaboradores e aos amigos indígenas que fiz nessa jornada, em especial, a João e Josi Galibi, por me ajudarem com o trabalho de campo e me possibilitarem conhecer e valorizar ainda mais os povos indígenas em geral;

Aos caciques e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), pela autorização de entrada à Terra Indígena Uaçá e às aldeias.

Ao fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPA), por investirem no meu futuro profissional e tornarem esta pesquisa possível, mesmo com a atual conjuntura política brasileira.

## RESUMO

Pretende-se neste trabalho mapear, no nível fonético, o português falado pelos povos Karipuna e pelos Galibi-Marworno, habitantes da Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque, estado do Amapá, em fronteira com a comuna francesa de Saint-Georges, do Departamento de Ultramar da Guiana Francesa. O objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar a variação fonética encontrada no Português Brasileiro Indígena em contato com a língua Kheuól (Crioulo de base francesa falado pelos indígenas), nas realizações de vogal média pretônica vogal média pretônica [e]; manutenção do ditongo [ei], [ou] e /R/ em coda silábica na posição interna. Os pressupostos teórico-metodológicos que conduziram esta pesquisa fundamentaram-se na Dialetoologia Pluridimensional e Contatual (RADKE; THUN, 1996; THUN, 1998), na Geolinguística (GILLIERON, 1902) e na Geossociolinguística (RAZKY, 1998). Baseando-se nas comunidades estudadas, na Dialetoologia Pluridimensional e na Geossociolinguística, as dimensões selecionadas foram a dialingual-diatópica, a topostática, a diassexual/diageracional. Foram selecionados 4 pontos de inquérito: duas comunidades Galibis-Marworno (Kumarumã e Tukay) e duas Karipunas (Manga e Santa Isabel). Preteriram-se quatro colaboradores estratificados socialmente (idade e sexo) em cada localidade: (i) primeira faixa etária, um homem e uma mulher de 18 a 37 anos; (ii) na segunda faixa etária, um homem e uma mulher de 45 a 75 anos. Ao longo da coleta de dados foram aplicados: Questionário Fonético-Fonológico (QFF) adaptado com o total de 164 perguntas, com respostas bilíngues; Questionário Sociolinguístico do projeto *Atlas Sonoro das Línguas Indígenas Brasileiras* (CABRAL et al., 2015). Os resultados sociolinguísticos mostraram que os Galibi-Marworno e os Karipuna são dois povos totalmente distintos, com níveis diferentes de proficiência em KH e PBI. A análise fonética corroborou com trabalhos anteriormente realizados sobre os fenômenos fonéticos identificados, com a exceção da realização do ditongo [ei]. Acrescentamos ainda que, os dados referentes às análises sociais dos dados fonéticos não foram significativos para a variação fonética. Esse contexto nos permite propor que o falar regional do PB dos colaboradores não indígenas que habitam áreas próximas às aldeias pesquisadas, é propagado nas áreas indígenas, formando, conseqüentemente, um contínuo de fala com marcas regionais.

**Palavras-chave:** Dialetoologia Pluridimensional. Geossociolinguística. Contato Linguístico. Português Brasileiro Indígena. Fonética.

## ABSTRACT

The aim of this work is to map, at the phonetic level, the Portuguese spoken by the Karipuna and Galibi-Marworno peoples, located in the Uaçá Indigenous Land, in the municipality of Oiapoque, in the state of Amapá, bordering the French commune of Saint-Georges, Department of French Guiana. The general objective of this research is to describe and analyze the phonetic variation found in Brazilian Portuguese Indigenous in contact with the Kheúól language (Creole of French base spoken by the natives), in the realizations of pretonic medium vowel pretonic average vowel [e]; maintenance of the diphthong [eɪ], [ou] and / R / in the syllable coda in the internal position. The theoretical-methodological assumptions that led to this research were based on Pluridimensional and Contactual Dialectology (RADKE; THUN, 1996; THUN, 1998), on Geolinguistics (GILLIERON, 1902) and Geosociolinguistics (RAZKY, 1998). Based on the communities studied, in the Pluridimensional Dialectology and Geosociolinguistics, the selected dimensions were the diatopic dialectal, the topostatic, the diasexual / diagenational. Four survey points were selected: two Galibi-Marworno (Kumarumã and Tukay) and two Karipuna (Manga and Santa Isabel) communities. Four employees were socially stratified (age and gender) in each locality: (i) the first age group, a man and a woman aged 18 to 37; (ii) in the second age group, a man and a woman between 45 and 75 years of age. Throughout the data collection were applied: Phonological-Phonological Questionnaire (QFF) adapted with the total of 164 questions, with bilingual answers; Sociolinguistic Questionnaire of the Sonorous Atlas of Brazilian Indigenous Languages Project (CABRAL et al., 2015). The sociolinguistic results showed that the Galibi-Marworno and the Karipuna are two totally distinct peoples, with different levels of proficiency in KH and PBI. The phonetic analysis corroborated previous work on the identified phonetic phenomena, with the exception of the ditongo [eɪ]. We also add that, data related to social analyzes of phonetic data were not significant for phonetic variation. This context allows us to propose that the regional PB talk of the non-indigenous collaborators who live in areas close to the researched villages is propagated in the indigenous areas, forming, consequently, a continuum of speech with regional talk.

**Keywords:** Pluridimensional Dialectology. Geosociolinguistics. Linguistic Contact. Portuguese Brazilian Indigenous. Phonetics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espaço variacional e as disciplinas da variação .....	32
Figura 2 – Disciplinas em interface com os estudos de Contato Linguístico .....	43
Figura 3 – Esquema de Criação de Mapas (Cartas) de Conteúdo Linguístico .....	46
Figura 4 – Vogais tônicas do PB .....	49
Figura 5 – Vogais pretônicas do PB .....	49
Figura 6 – Entrevista com colaboradora.....	65
Figura 7 – Reunião com a comunidade na aldeia Kumarumã .....	66
Figura 8 – Placa de identificação da Aldeia Indígena Tukay .....	67
Figura 9 – Aldeia Kumarumã .....	68
Figura 10 – Área de embarcações da Aldeia Manga .....	69
Figura 11 – Rio Curipi.....	70
Figura 12 – Indígenas da comunidade Santa Isabel .....	70
Figura 13 – Tratamento no editor de planilhas.....	72
Figura 14 – Interface do software <i>ArcMap</i> .....	73
Figura 15 – Espectro cromático RGB.....	76

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Terras e Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará.....	17
Quadro 2 – Intervenções fônicas por contato linguístico. ....	42
Quadro 3 – Estratificação Social .....	58
Quadro 4 – Informações dos colaboradores .....	59
Quadro 5 – Distribuição de perguntas do QFF .....	61
Quadro 6 – Demonstrativo de estratificação para a carta dialingual .....	78
Quadro 7 – Demonstrativo de estratificação para carta diassexual/diagenérica.....	78
Quadro 8 – Resposta dos colaboradores – Uso em Kheuól.....	81
Quadro 9 – Resposta dos colaboradores – Uso em Português.....	82
Quadro 10 – Estratificação por faixa etária e sexo da realização da vogal média pretônica /e/ nas localidades Galibi-Marworno.....	87
Quadro 11 – Estratificação por faixa etária e sexo da realização da vogal média pretônica /e/ nas localidades Karipuna .....	87
Quadro 12 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização do ditongo oral decrescente [ei] nas localidades Galibi-Marworno.....	94
Quadro 13 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização do ditongo oral decrescente [ei] nas localidades Karipuna .....	94
Quadro 14 — Estratificação por faixa-etária e sexo da realização do ditongo oral decrescente [ou] nas localidades Galibi-Marworno .....	98
Quadro 15 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização do ditongo oral decrescente [ou] nas localidades Karipuna .....	94
Quadro 16 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização de róticos em coda silábica medial nas localidades Galibi-Marworno .....	102
Quadro 17 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização de róticos em coda silábica medial nas localidades Karipuna .....	102

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Terras Indígenas e Aldeias do Oiapoque.....	20
Mapa 2 – Terras Indígenas do Amapá.....	21
Mapa 3 – Situação dos atlas estaduais brasileiros .....	39
Mapa 4 – Rede de Pontos .....	59
Mapa 5 – Mapa Hidrográfico do município de Oiapoque.....	76
Mapa 6 – Base cartográfica para as Cartas Linguísticas .....	77

## LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS

Carta Linguística 1 – Vogal média anterior pretônica [e] e [ɛ]: Diatópica.....	53
Carta Linguística 2 – Perfume .....	54
Carta Linguística 3 – F02: Vogal média pretônica anterior /e/.....	55
Carta Linguística 4 – Explicativa .....	77
Carta Linguística 5 – Como fala, entende, lê e escreve em Kheuól e Português.....	82
Carta Linguística 6 – Realização da vogal média pretônica /e/ (diatópica).....	86
Carta Linguística 7 – Realização da vogal média pretônica /e/ (diassexual e diageracional) .....	88
Carta Linguística 8 – Realização do ditongo oral decrescente [eɪ] (diatópica). ....	91
Carta Linguística 9 – Realização do ditongo oral decrescente [eɪ] (diassexual e diageracional). ....	93
Carta Linguística 10 – Realização do ditongo oral decrescente [oʊ] (diatópica). ....	95
Carta Linguística 11 – Realização do ditongo oral decrescente [oʊ] (diassexual e diageracional). ....	97
Carta Linguística 12 – Realização de róticos em coda silábica medial (diatópica).....	99
Carta Linguística 13 – Realização de róticos em coda silábica medial (diageracional e diassexual). ....	101

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DOS POVOS GALIBI-MARWORNO E KARIPUNA .....</b>	<b>18</b>
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>28</b>
3.1 CONCEITOS E TEORIAS .....	28
3.1.1 Os caminhos percorridos pela Dialetoлогия e a Geografia Linguística .....	28
3.1.2 Estudos Dialetológicos no Brasil .....	35
3.1.3 A Dialetoлогия e o Contato Linguístico .....	41
3.1.4 Tipologia dos Atlas Linguísticos .....	45
3.2 VARIAÇÃO FONÉTICA NO PARÁ E NO AMAPÁ.....	50
3.2.1 Variação de vogais médias pretônicas .....	50
3.2.2 Variação dos ditongos /ei/ e /ou/ .....	54
3.2.3 Variação de róticos em coda silábica.....	56
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>57</b>
4.1 PONTOS DE INQUÉRITO .....	57
4.2 COLABORADORES .....	59
4.3 QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO (QS).....	61
4.4 QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF).....	61
4.5 COLETA DE DADOS .....	64
4.6 TRATAMENTO DOS DADOS .....	71
4.6.1 Procedimentos de Cartografia .....	72
4.6.2 Organização das Cartas Linguísticas .....	78
<b>5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>81</b>
5.1 VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA .....	81
5.2 VARIAÇÃO FONÉTICA.....	85
5.2.1 Realização da vogal média pretônica /e/.....	86
5.2.1.1 Análise diatópica .....	86
5.2.1.2 Análise Social.....	87
5.2.2 Realização do ditongo oral decrescente [ei] .....	91
5.2.2.1 Análise Diatópica .....	91
5.2.2.2 Análise Social .....	93
5.2.3 Realização do ditongo oral decrescente [ou].....	95
5.2.3.1 Análise geográfica.....	95
5.2.3.2 Análise social .....	97
5.2.4 Realização de róticos em coda silábica medial .....	99
5.2.4.1 Análise geográfica.....	99
5.2.4.2 Análise social .....	101
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>114</b>
ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO .....	115
ANEXO B – FONÉTICO-FONOLÓGICO ADAPTADO .....	118

## 1 INTRODUÇÃO

A realização de estudos sobre as línguas naturais torna perceptível a grande variabilidade sonora que o ser humano pode realizar, resultando em diversas combinações possíveis entre sons. Línguas como o Rotokas, por exemplo, que possuem apenas doze fonemas em sua fonologia (FIRCHOW; FIRCHOW, 1969) ou a língua Taa, que possui dez fonemas (NAUMANN, 2013), podem apresentar interessantes combinações, que, de fato, demonstram a riqueza linguística inerente às línguas.

Assim como as demais línguas, o Português Brasileiro (PB) apresenta grande variabilidade linguística que necessita de descrição e análise. A história linguística do Brasil é composta por uma diversidade de contatos linguísticos de populações de diferentes origens étnicas que foram/são responsáveis pelas variedades faladas por milhões de brasileiros.

Dessa forma, com a motivação de registrar a complexidade linguística identificada no PB, a Dialetoleologia brasileira, por meio do método da Geografia Linguística, tem realizado a descrição e análise das variedades que contemplam grande parte da realidade sociolinguística do país.

Nos últimos dez anos, as pesquisas dialetológicas brasileiras têm destacado projetos que investigam, em sua maioria, as variedades do PB falado em área urbana, principalmente após a criação do Comitê do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 1996, ocasionando o crescimento na publicação de atlas estaduais no modelo do projeto.

Com o passar do tempo, os trabalhos dialetais evidenciaram ainda mais as áreas rurais (em sua maioria com dados do Projeto ALiB), criando-se, *a posteriori*, a necessidade de investigar espaços que retratassem a variabilidade linguística do PB utilizado por comunidades quilombolas e indígenas, visto que muitas delas nunca foram documentadas.

Considerando-se que atualmente existem aproximadamente 200 línguas faladas em território brasileiro, sendo 190 delas indígenas (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011), muitas variedades do PB ainda não foram registradas ou amplamente estudadas, considerando a grande expansão da língua oficial brasileira em áreas indígenas, ocasionada pelo florescente contato com não indígenas iniciado desde a colonização do país.

Embora os estudos geolinguísticos sobre o PB em contato com línguas indígenas ainda não possuam uma grande tradição de estudo no Brasil, destacam-se projetos, como o já citado ASLiB (CABRAL et al., 2015) e o Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI) (RAZKY; GUEDES; COSTA, 2018). Tais iniciativas têm registrado o uso do PB

por povos da região do complexo regional amazônico, que compreende os estados do Norte do Brasil, além de parte do Maranhão.

Neste contexto, um dos estados contemplados com os projetos ASLiB e ALiPAI é o Amapá. Localizado no Planalto das Guianas e cercado por reservas ambientais, esta unidade de federação tem cinco povos indígenas (Galibi Kalinã, Galibi-Marworno, Karipuna, Palikur e Wajãpi), com seus respectivos costumes, línguas e culturas particulares.

Conforme Vidal (2009), devido ao contexto multiétnico e, conseqüentemente poliglota, no Amapá há registros de diferentes graus de contato linguístico por parte das diversas línguas indígenas de diferentes origens, das variedades do PB nas aldeias, além da forte presença da Língua Francesa e do Crioulo Francês devido à fronteira com a Guiana Francesa.

Embora a presença do PB nessas comunidades não seja recente, há poucos estudos dialetológicos e sociolinguísticos sobre as variedades do Português faladas por povos indígenas do Amapá, tendo como pioneiros a tese de Ribeiro (2018) e as dissertações de Guedes (2005) e Rodrigues (2017).

Assim, a pesquisa que deu origem à presente dissertação objetivou, primordialmente, descrever parte da realidade linguística dos Galibi-Marworno e Karipuna localizados na Terra Indígena Uaçá no município de Oiapoque, estado do Amapá, no que diz respeito ao PB falado, em seus aspectos fonético-fonológicos, considerando as variáveis sexo e faixa etária, com ênfase na identificação de contato linguístico entre a língua Kheuól e o PB, na perspectiva da Geossociolinguística.

Pretendeu-se especificamente:

- (i) Documentar por meio de questionários e organizar um banco de dados fonéticos e sociolinguísticos do PB falado pelos Karipuna e pelos Galibi-Marworno nas aldeias Kumarumã, Manga, Santa Isabel e Tukay, localizados na Terra Indígena Uaçá.
- (ii) Cartografar e realizar estudos interpretativos dos fenômenos fonéticos com maior produtividade na perspectiva de sua interface com outras áreas do conhecimento;
- (iii) Verificar a situação sociolinguística do PB nas aldeias pesquisadas.

Para cumprir tais objetivos e responder as perguntas que surgiram no decorrer desta pesquisa, este trabalho buscou descrever, delinear e analisar os fenômenos e agrupamentos linguísticos falados nas aldeias sob o aspecto fonético.

Quanto as realizações fonéticas estudadas, esperou-se uma maior influência da língua Kheuól no Português falado pelos Galibi-Marworno, e para os Karipuna, supõe-se maior interferência do Português utilizado pelos habitantes da sede de Oiapoque, considerando-se os graus de bilinguismo nas aldeias que os falantes desta pesquisa poderiam apresentar.

Dessa forma, teve-se como hipótese sobre os aspectos do perfil sociolinguístico dos falantes das comunidades pesquisadas: (i) Os habitantes das aldeias Karipuna (Manga e Santa Isabel), por estarem mais próximos da sede municipal de Oiapoque, possuem maior fluência em PB, o que também pode ocasionar a não total fluência em PB pelo Galibi-Marworno devido a terem aldeias mais distantes, além dos Galibi-Marworno utilizarem com mais frequência o Kheuól nas aldeias do que os Karipuna.

A respeito da descrição dos dados fonéticos, acredita-se que o PB falado nas aldeias pesquisadas seja bem próximo da variedade falada na sede do município de Oiapoque, já descrita anteriormente no Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), sendo eles:

- (i) A maior frequência do uso da vogal média pretônica [e];
- (ii) A manutenção do ditongo [ei];
- (iii) A monotongação de [ou] e;
- (iv) A manutenção de /R/ em coda silábica na posição interna.

Nos capítulos a seguir, destacar-se-á (i) o contexto sociohistórico onde estão dos povos Galibi-Marworno e Karipuna; (ii) os pressupostos teóricos que nortearam esta pesquisa; (iii) a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados; (iv) a análise dos dados propriamente dita e, por fim, a conclusão desta pesquisa (v).

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DOS POVOS GALIBI-MARWORNO E KARIPUNA

Devido ao decréscimo populacional indígena decorrente do etnocídio e da guerra de ocupação iniciada com a chegada dos portugueses, em virtude do seu projeto colonizador, o Brasil ainda apresenta certa densidade no número de línguas indígenas faladas e também uma larga variedade genética por meio de várias famílias linguísticas representadas no país, tendo em vista que a Amazônia concentra mais de 2/3 das línguas indígenas brasileiras (MOORE et al., 2008).

De acordo com Gallois e Grupioni (2003), nas áreas correspondentes ao estado do Amapá e do Norte do Pará, dez diferentes sociedades indígenas compartilham sete Terras Indígenas (TI) demarcadas e homologadas:

Quadro 1 – Terras e Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará

	Amapá			Pará			
	Norte			Noroeste	Norte		
Terra Indígena	Uaçá	Galibi	Juminã	Wajãpi	Parque do Tumucumaque	Paru d'Este	Zo'é
Povos	Galibi-Marworno	Galibi do Oiapoque (Kalinã)	Galibi-Marworno	Wajãpi	Aparai	Aparai	Zo'é
	Karipuna	Karipuna	Karipuna		Wayana	Wayana	
	Palikur				Tiriyó		
					Katxuyana		

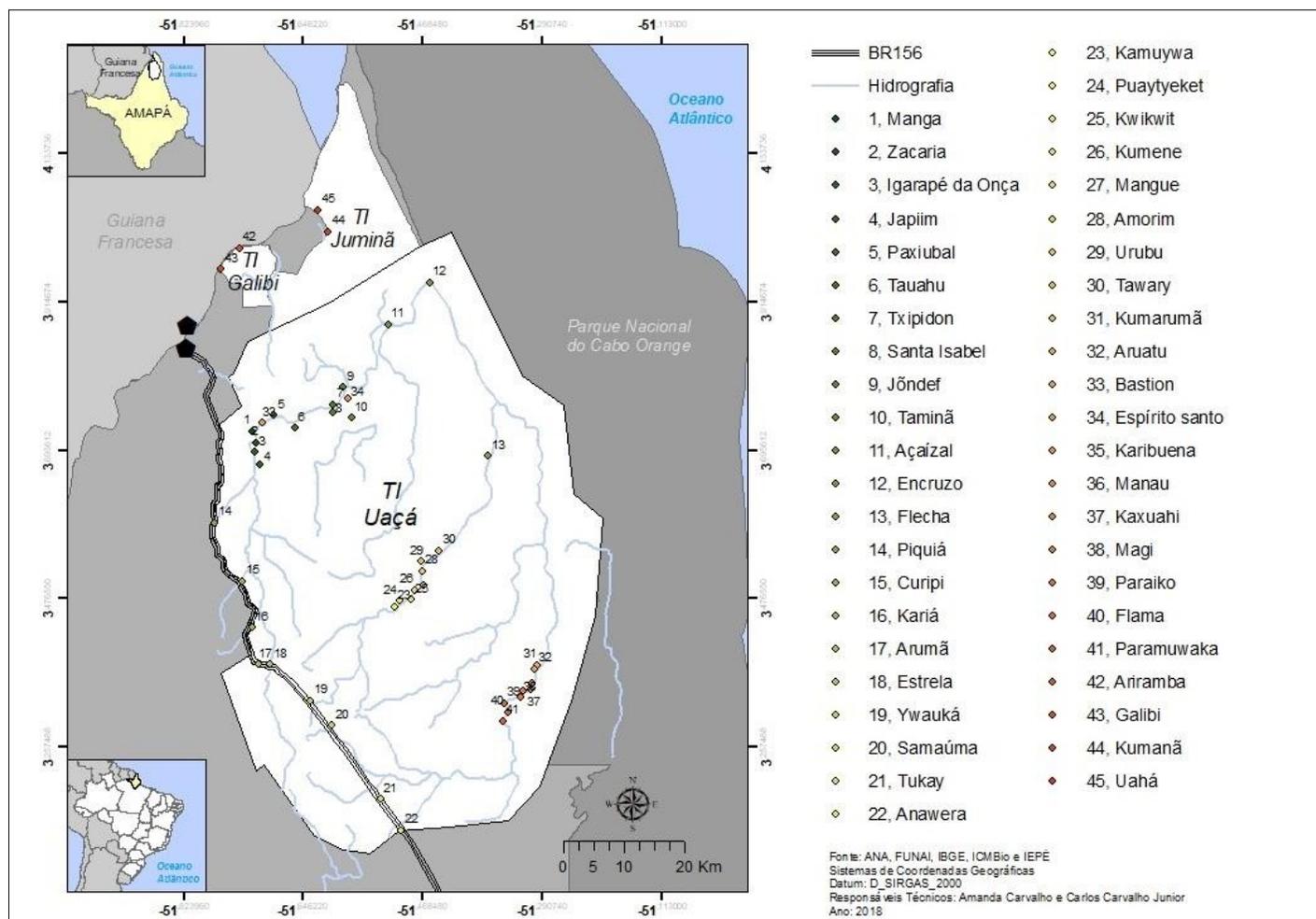
Fonte: Adaptado de Gallois e Grupioni (2003)

Os autores citados no parágrafo anterior acrescentam ainda que as relações estreitas dos povos do Amapá e Norte do Pará duram pelo menos três séculos, tendo em vista que os limites das fronteiras nacionais que avizinham da Guiana Francesa ao Suriname não enfraqueceram as ligações inter-étnicas dos povos indígenas da região, ou seja, são séculos de experiência de contato que versam histórias que provam que os povos indígenas dessa parte da Amazônia nunca foram isolados entre si.

No Amapá, como pode ser observado no quadro 1 e no mapa 1, são registrados povos indígenas no Norte e Noroeste do estado. Os povos do Norte se localizam precisamente no município de Oiapoque e compartilham entre si as TIs Uaçá, Galibi e Juminã. No Noroeste está localizado apenas o povo Wajãpi que está dividido entre os municípios de Vitória do Jari, Pedra Branca do Amapari e Mazagão (GRUPIONI, 2002).

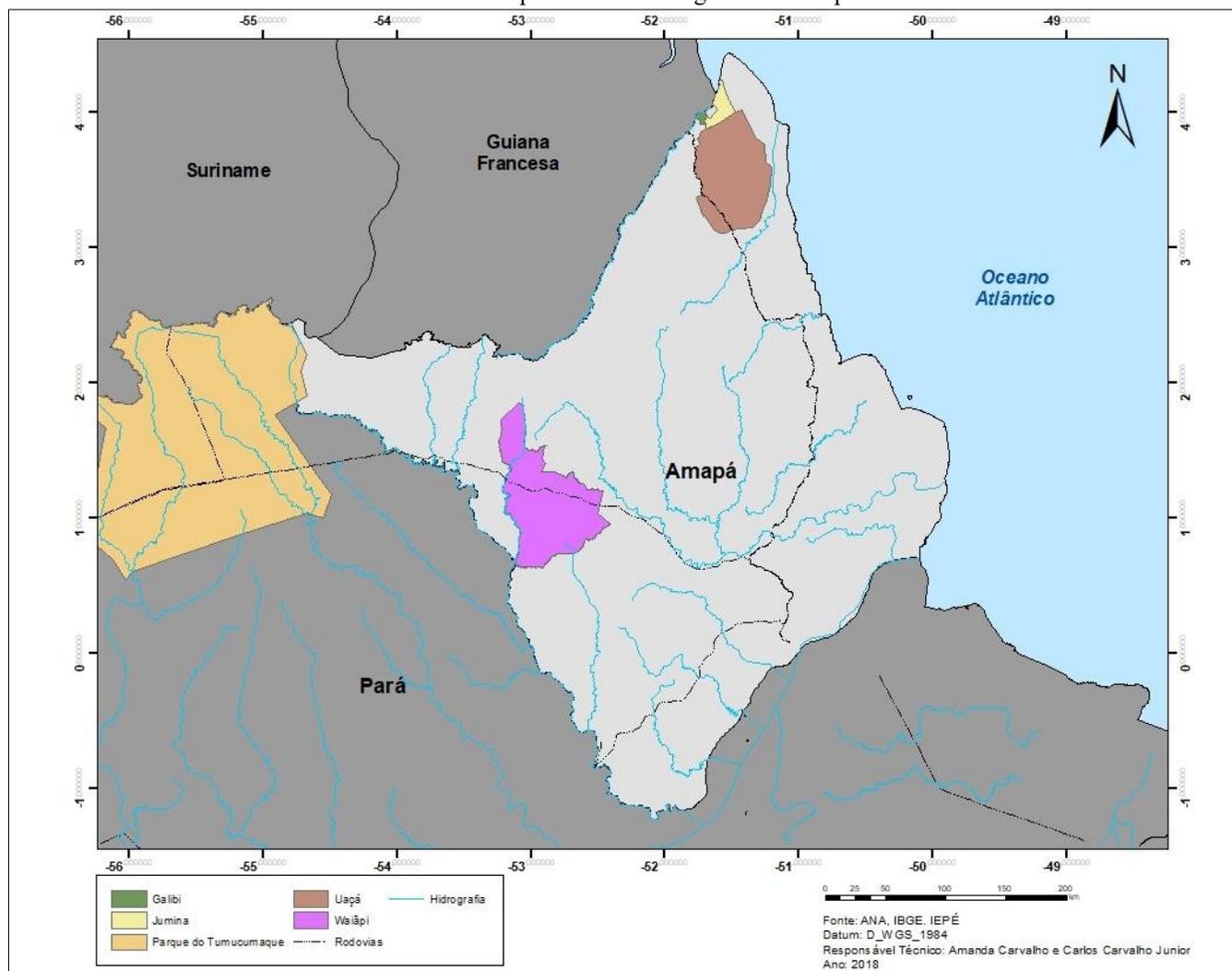
Como pode se observar no mapa, ao norte do estado, especificamente no município de Oiapoque, na região do baixo Rio Oiapoque, a população indígena está distribuída em 45 aldeias em três TIs:

Mapa 1 – Terras Indígenas e Aldeias do Oiapoque



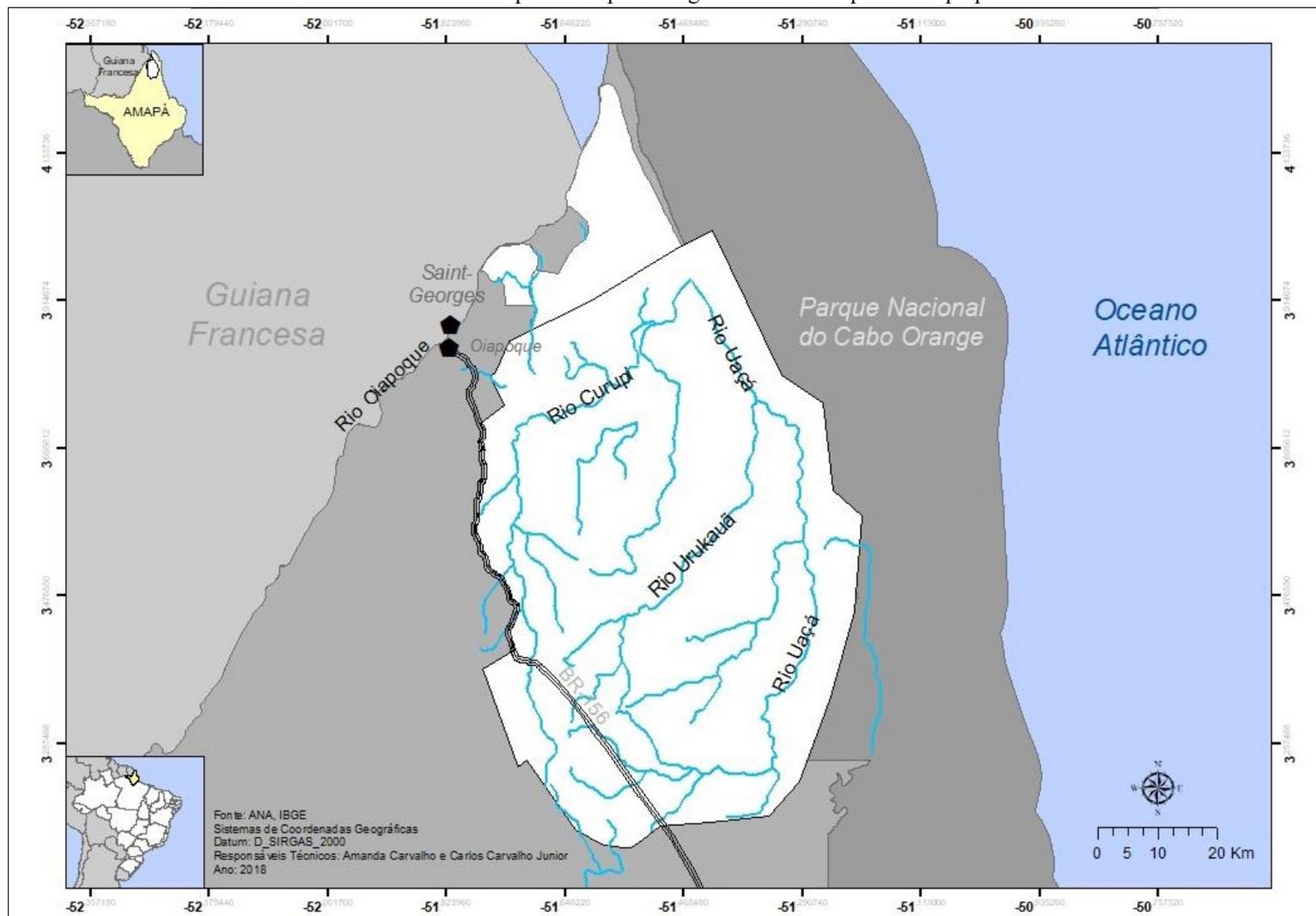
Elaborado pela autora com revisão técnica de Carlos Carvalho Júnior (CREA-AP)

Mapa 2 – Terras Indígenas do Amapá



Elaborado pela autora com revisão técnica de Carlos Carvalho Júnior (CREA-AP)

Mapa 3 – Mapa Hidrográfico do município de Oiapoque



Elaborado pela autora com revisão técnica de Carlos Carvalho Júnior (UEAP)

Segundo Vidal (2009), o contexto de Oiapoque em que povos indígenas de diferentes culturas convivem próximos uns dos outros contribuiu para a formação de uma população poliglota e multicultural, com a presença de línguas de diferentes origens: portuguesa, francesa, crioula de base francesa (falada nas aldeias Karipuna e Galibi-Marworno como língua materna, com fonologia e léxico diferenciados), Palikur (Aruak) e os Galibi Kalinã (Karib).

Sendo assim, do ponto de vista linguístico, o Amapá é o único estado brasileiro onde se fala uma língua crioula de base francesa e único lugar no mundo em que tal língua é também língua materna de povos indígenas, apontando um contexto interessante para qualquer linguista (GALLOIS; GRUPIONI, 2003). Essa conjuntura faz com que o município de Oiapoque reflita a multiculturalidade linguística da região que, conseqüentemente, contribui para a formação identitária amazônica.

A atual composição étnica dessa região é a consequência de um processo histórico arduo de refúgio de populações ameríndias de diferentes origens, juntamente de negros escravizados durante o período colonial.

A região do estado do Amapá, segundo Vidal (2009), desde o final do século XVI foi alvo de nações colonizadoras europeias, que perceberam a riqueza do espaço. Por isso, foram realizadas diversas atividades com diferentes intenções com a população nativa: fazer prisioneiros, estabelecer missões, realizar escambos, construir feitorias e colônias. Ao longo dos séculos, nativos e estrangeiros, de acordo com as contingências e os próprios interesses, estabeleceram alianças, fizeram trocas ou entraram em guerra.

Esses povos foram reunidos em missões jesuíticas no baixo Rio Oiapoque conduzidas pela França e Holanda. Segundo Huslman (2011), os indígenas da região mantinham boas relações comerciais com europeus de forma autônoma. Devido tal contexto, durante o século XVIII, portugueses, que tinham interesse em dominação do território, passaram a tomar ofensivas contra quem os excluísse da comercialização, o que resultou em ataque e extermínio de povos daquele espaço. Outra versão, apontada por Mussolino (2000), é de que as relações entre tais populações se mantiveram pacíficas até o início da colonização efetiva, em que a força de trabalho indígena começou a ser utilizada nas plantações, causando reação violenta por parte dos indígenas que se seguiu no século XVII.

De acordo com Nimuendajú (1926), os primeiros registros sobre as sociedades Galibi-Marworno e Karipuna se dá logo após o Brasil colônia. Os Galibi foram formados basicamente pela junção de povos de origem Karín, com Maraón, Aruã e Aruak, com influências em sua

constituição por Sakáka, Itután, além de negros da Guiana Francesa, chineses, árabes e europeus. O autor acrescenta que os Maraón são considerados os povos mais antigos na região do Uaçá, por terem sido identificados juntamente de outras 12 nações indígenas, em 1596, por Lawrence Keymis. Já os Aruán, originários das ilhas da foz do Amazonas, teriam chegado na região em grupos menores no fim do século XVIII.

Sobre tal contexto, Arnaud (1969) afirma que os Galibi-Marworno, propriamente ditos, não apresentam uma fonte que explique a sua migração. Coudreau (1893) os denomina de Aruán, por outro lado, Nimuendajú (1926) assegura que nenhum pesquisador teria discernido tal população das demais. Sendo assim, Arnaud (1969) julga que tal povo teria imigrado a região após os Aruak.

Nimuendajú (1926) descreve que devido à forte presença francesa no Uaçá, todos os índios já haviam substituído suas línguas originárias pelo Crioulo de base francesa, com exceção dos Palikur. Os Karipuna e os Galibi eram considerados mais ocidentalizados, já os Palikur eram “quase tão civilizados como os crioulos” (ARNAUD, 1969, p.4).

A respeito dos Galibi-Marworno, Mussolino (2000) afirma que, após o período de conflitos entre europeus, os povos Maraón, Aruak, Aruã foram extintos, no entanto, eles conseguiram impedir o estabelecimento dos europeus na área por meio de efetivas de bases coloniais na região. Eles teriam apoiado os franceses em ataques contra os portugueses na região do delta amazônico: “As represarias viriam através da destruição de aldeias com maior interferência francesa, especialmente no fim do século XVIII.” (NIMUENDAJÚ, 1926, p. 112).

Mussolino (2000) acrescenta que devido ao Tratado Provisório de 4 de março de 1700, assinado por Portugal e França, a região seria dividida: os portugueses utilizariam a margem meridional do Rio Oiapoque e os franceses, a margem setentrional do mesmo rio. A disputa pela posse da região entre França e Brasil só foi resolvida no ano de 1900, pelo Laudo Suíço, a partir dos esforços da diplomacia brasileira representada pelo Barão do Rio Branco. De acordo com Granger (2011), a imprecisão da fronteira definida entre Brasil e Guiana Francesa, de forma geral, provocou ao menos três séculos de disputas até a arbitragem internacional de 1900 dando razão ao Brasil.

Segundo Anonby (2007), Galibi-Marworno é uma autodesignação bastante recente, que substitui termos, como "Galibi do Uaçá", ou simplesmente "do Uaçá", "Uaçauara" ou "mun Uaçá" ("gente do Uaçá", em crioulo), pois tal povo só passaria a viver em uma única localidade: Santa Maria dos Galibis do Uaçá, atualmente Aldeia Kumarumã, à implantação de uma

escola, a criação da Comissão Colonizadora do Oiapoque (1930) e a instalação de um posto do então Serviço de Proteção aos Índios (SPI) no encontro dos rios Uaçá e Curipi (ARNAUD, 1969).

A respeito da origem Karipuna, Picanço (2003) e Anonby (2007) informam que a Revolta dos Cabanos (doravante Cabanagem) em 1830, no então estado do Grão-Pará, foi o pontapé inicial para a formação do povo Karipuna do Amapá. Grupos formados por ameríndios de língua Tupi, habitantes das proximidades do Rio Tocantins, e agricultores fugiram pelo Estreito de Breves, localizado na foz do Rio Amazonas. Inicialmente, eles se estabeleceram no Rio Ouanari, na Guiana Francesa e depois se alojaram à margem direita do Rio Oiapoque, no alto Curipi.

No entanto, devido a problemas na localidade, que alguns autores acreditam ter sido uma epidemia de sarampo (ARNAUD, 1969) ou por infestação de formigas (PICANÇO, 2003), os indígenas mudaram-se para o curso médio do Rio Oiapoque.

Para Coudreau (1893) e Nimuendajú (1926), esta população era principalmente composta por “brasileiros refugiados” que falavam dialetos até então identificados como próximos à família Wajãpi.

Já os registros de Anonby (2007) apontam que, em 1927, durante a Expedição Rondon, organizada pelo governo brasileiro, foram denominados como “Karipunas” os povos habitantes do Rio Curipi, termo utilizado até hoje.

Conforme Gallois e Grupioni (2003), no decorrer desse processo, populações se isolaram em diferentes pontos de difícil acesso, como em áreas de várzea e da floresta, além de campos e rios próximos a cachoeiras. Contudo, no início do século XIX, as sociedades retomam o aldeamento na região do baixo Rio Oiapoque.

Os autores do parágrafo anterior afirmam que durante esse processo de realojamento, na virada no século XX, ameríndios foram “descobertos” novamente por extrativistas e pesquisadores tanto do lado brasileiro como nas fronteiras do Suriname e da Guiana Francesa. Nesse mesmo período, segundo Anonby (2007, p. 7), “com a descoberta de ouro na região em 1854, muitos garimpeiros vindos de outras regiões do Brasil e de outros países se deslocaram aos rios Oiapoque e Curipi”. Registra-se também a presença de escravos negros brasileiros fugidos ao longo do Rio Curipi e dos regatões utilizados para fins comerciais (COUDREAU, 1893).

O fluxo intenso de pessoas na região ocasionou uma série de novas doenças às populações indígenas da região, tendo como resultado um grande número de mortes. A partir

do quadro alarmante e de projetos com o intuito de “abrasileirar” as comunidades indígenas que seriam mais próximas dos costumes franceses, várias políticas assistenciais de saúde e educação atribuídas ao governo brasileiro foram implantadas na virada do século XIX/XX.

Devido ao fracasso do projeto colonizador implementado pelo SPI em meados da década de 1940, decisões tomadas pelo governo afetariam grandemente a organização dos povos Galibi e Karipuna.

Tassinari (2003) afirma que durante muito tempo, a Escola obrigou o uso exclusivo da Língua Portuguesa por parte dos indígenas, punindo-os fisicamente caso utilizassem a Língua Crioula, além da implantação fervorosa de costumes cristãos. As mesmas situações seriam vivenciadas pelos Karipuna com a chegada da escola em 1934 na aldeia Espírito Santo, que funcionaria por três anos na casa do chefe da aldeia. Em 1945, o SPI retorna ao Uaçá e ativa uma nova escola na aldeia Santa Isabel.

Embora os esforços do SPI para o prevailecimento da Língua Portuguesa nas aldeias, o Crioulo prevaleceu entre os Galibi-Marworno e os Karipuna, substituindo as línguas faladas pelos seus ancestrais, conhecidas como Língua Galibi Antigo e Karipuna, além de trazerem a Escola com o propósito “civilizador”.

Tassinari (2002) afirma que as orientações do SPI eram de levar a “ordem” e o “progresso” às comunidades mais distantes para que os indígenas “amansassem”. A autora acrescenta que as escolas da região reforçavam o ideal “nacionalizador” por meio do ensino de História do Brasil, da Língua Portuguesa e proibição do uso da língua indígena, o Kheuól.

Assis (1981) reforça que a situação nas escolas no período “civilizatório” era tão comovente ao ponto de os professores serem aconselhados a castigar os indígenas que falassem suas línguas maternas, pois eram consideradas “dialetos selvagens”. A pesquisadora afirma que, segundo os indígenas mais antigos da região, os professores proibiam o uso do Kheuól até mesmo nos domicílios, pois o objetivo do SPI era reduzir a influência francesa na região para, dessa forma, legitimá-la como parte do território brasileiro.

De acordo com Bastos (2013), o grande despertar da situação em que os povos do baixo Oiapoque viviam somente ocorreu com o marco legal realizado por meio do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da FUNAI em 1971, com a chegada do Padre Nello Ruffaldi na região, pois, com o desenvolvimento de projetos relacionados à valorização cultural indígena, ocorreu a implantação da primeira escola bilíngue com incentivo do uso do Kheuól e do Português.

Em seguida, conforme Silva (2001), tem-se o registro da elaboração de um dicionário Português/Kheuól/Português, realizado pelos missionários do SPI. Tal fato proporcionou maior ânimo para a introdução factual da escola bilíngue, onde os alunos poderiam ser alfabetizados na língua indígena. O autor afirma ainda que, em 1986, é criada a primeira turma de ensino supletivo destinado à formação de professores Galibi-Marworno e Karipuna, com a realização do Curso de Formação de Professores (magistério) em regime modular.

Em seguida, registra-se a elaboração do Currículo de Ensino Fundamental nas Escolas Indígenas Galibi-Marworno e Karipuna, com publicação em 2006, que ressaltou a importância do ensino bilíngue, pois, “a escola bilíngue ideal para os povos indígenas do Oiapoque é aquela em que professores e alunos expressam e transmitem seus conhecimentos com competência comunicativa nas línguas Kheuól e Português” (CURRÍCULO, 2006, p. 34).

No tocante às características linguísticas dos povos Galibi-Marworno e Karipuna, embora sejam classificados com a mesma língua, o Kheuól (crioulo de base francesa), eles se diferem em diversos domínios linguísticos.

De acordo com Tobler (1983), os Karipuna falam um dialeto originário do crioulo guianense, com acréscimo de palavras da sua língua ancestral e palavras aportuguesadas. O autor acrescenta que a língua original possui ligações genéticas com o troco Tupi falado na Amazônia. Já os Galibi-Marworno, segundo Anonby (2007), falam Kheuól há muito mais tempo que os Karipuna, pelo menos há 100 anos.

Anonby (2007) acrescenta, ainda, que os referidos povos apresentam algumas diferenças fonológicas, pois o Galibi-Marworno apresenta uma variedade muito mais próxima da língua falada pelo povo de Saint-Georges (cidade que faz fronteira com o Oiapoque) do que o Karipuna. As pesquisas do autor apontam que não há problemas na compreensão entre falantes de ambos os povos, assim como poderia existir entendimento com falantes de outras variedades de crioulo de base francesa, como o de Santa Lúcia e da Martinica.

Segundo Ferreira e Alleyne (2007, p. 336), a variedade falada pelos Galibi-Marworno tendência às vogais média-abertas [ɛ] em sílabas abertas, enquanto a variedade Karipuna prefere a vogal média fechada [e], como em late [late] (Karipuna) vs. laté [latɛ] (Galibi- Marworno), e terra: bōswe [bōswe] (Karipuna) vs. bōswé [bōswɛ] (Galibi-Marworno).

Por outro lado, Vidal (2000) e Picanço (2000) acreditam que tais povos falam a mesma língua, sendo que o que os diferencia é apenas a pronúncia: os Karipuna pronunciam com o som mais fechado e os Galibi, mais aberto.

Já o Kheuól, por muito tempo, foi utilizado como língua franca para relações entre Galibi-Marworno, Karipuna e Palikur, porém, segundo os colaboradores desta pesquisa, atualmente, a língua utilizada para comunicação com os outros povos é a portuguesa. Essa situação revela como a imposição feita pelo governo brasileiro, com o objetivo de “desafrancesar” as populações do baixo Oiapoque, foi, de certa forma, eficaz.

Gomes (2012) revela que os referidos povos apresentam diferentes graus de contato com a sociedade não indígena. Em algumas comunidades, o contato tem permitido o avanço progressivo do Português sobre a língua indígena. Sobre os Karipuna, Santos (2009 apud CAMPETELA et al., 2017), pesquisadora indígena, afirma que:

É verdade que a Língua Kheuól vem sendo cada vez menos usada pelas gerações mais novas. Isso pode ser um problema para a nossa memória coletiva, para a preservação dos nossos conhecimentos, pois através da Língua fazemos o registro, contamos tudo o que vivemos. Sendo assim, para aumentar o uso da Língua Kheuól na comunidade de Santa Izabel, nós pesquisamos políticas linguísticas que outras comunidades já adotaram e vamos fazer propostas com o objetivo de envolver a comunidade no compromisso de usar cada vez mais a Língua Kheuól. (SANTOS, 2009 apud CAMPETELA et al., 2017, p. 153).

Nota-se que ainda há poucos registros sobre a atual situação linguística dos povos citados, demonstrando que existe muita coisa a se fazer. Dessa forma, esta dissertação tem como foco os povos Galibi-Marworno e Karipuna, com vistas a colaborar com o maior detalhamento no registro das variedades do Português Brasileiro Indígena falado por tais sociedades.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, esta dissertação se fundamentou na Dialetologia Pluridimensional e na Geossociolinguística. Por isso, neste capítulo, para melhor discussão dos conceitos e literatura abordados, optou-se por dividi-lo em dois momentos: (i) Os conceitos e teorias (3.1) e (ii) Temas em escopo (3.2).

No primeiro momento, referente aos conceitos e teorias, primeiramente, apresenta-se, de forma concisa, o caminho percorrido pela Dialetologia e sua metodologia, a Geografia Linguística (3.1.1), desde a sua concepção areal até a pluridimensionalidade. Em seguida, serão evidenciados os principais trabalhos que contribuíram para o estabelecimento da Dialetologia no Brasil (3.1.2), assim como a Geossociolinguística e as atuais perspectivas de trabalho. Adiante, discute-se como a Dialetologia brasileira tem observado os fenômenos contatuais em diferentes contextos linguísticos (3.1.3). Ao final, discute-se brevemente as tipologias dos atlas linguísticos, referentes ao espaço geográfico e a cartografia linguística (3.1.4.).

No segundo momento, será realizada a revisão dos temas em escopo, sendo eles: (3.2.1) Variação da vogal média pretônica anterior /e/; (3.2.2) Variação da vogal média pretônica posterior /o/; (3.2.3) Variação da vogal média pretônica /e/ em contexto final; (3.2.4) Variação dos ditongos /ei/ e /ou/; (3.2.5) Variação do grupo (nd); (3.2.6) Variação da lateral /ʎ/ em sílaba tônica.

#### 3.1 CONCEITOS E TEORIAS

##### 3.1.1 Os caminhos percorridos pela Dialetologia e a Geografia Linguística

Tendo em vista que a Dialetologia investiga variedades que venham a ser apresentadas por qualquer língua natural e, conseqüentemente, lida com a gama de variações resultantes da diversidade de seus usuários (FERREIRA; CARDOSO, 1994), entende-se que a variação e a mudança linguística são intrinsicamente ligadas às características sociais diversas de seus falantes, sendo impossível não as absorver. Com vistas a esse contexto, Coseriu (1987, p. 76) afirma que as palavras mudam dentro de um contínuo em um sistema interrompido de reconstituição, chamado de “realidade da linguagem”.

Sendo assim, da mesma forma que uma língua falada nos dias atuais não é semelhante a utilizada anos atrás, seus falantes também mudam conforme o tempo. Essa realidade faz com que a língua não esteja exposta à ação do tempo através da variação e mudança, mas também as outras formas de interferências, como sexo, idade, escolaridade, espacial, entre outras.

Sobre a temática, Brandão (1991) afirma que há interesse no estudo dos aspectos geográficos, com relação à língua, desde a Antiguidade Clássica, por meio dos gregos e romanos. Segundo Dubois (2006), a preocupação era salvaguardar as formas “puras” das línguas que estavam em contato com os “dialetos”.

Após o registro do pioneirismo linguístico grego e romano na Antiguidade Clássica, tem-se o desenvolvimento da Filologia por meio dos estudos literários e da comparação de textos escritos de diferentes épocas. Segundo Saussure (1971 [1916]), destaca-se nessa época a liderança de Wolf (1777) e os trabalhos de maior “caráter linguístico” de Ritsch acerca de Plauto. Contempla-se a esse período o crédito para com o desenvolvimento dos estudos de línguas pelo viés histórico que viriam a seguir.

Adiante, ao final do século XVI e começo do XVIII, tendo em vista a existência de instrumentos básicos para o estudo de línguas, como noções de fonética articulatória e morfologia, Pop (1950, p. 23) afirma que os “dialetos” passam a ter um caráter mais relevante nas pesquisas em comparação com as épocas anteriores. Desse período, destaca-se Benzeliuss (1726), como precursor da aplicação dos questionários por correspondência; Pontopidan (1749), com a primeira publicação de caráter lexical; Ihre (1769), com o *Glossarium Suiogothicum* e Grégoire (1790), com o estudo dos “patoás” franceses.

Já no século XIX, juntamente com o surgimento de pesquisas acerca da historicidade e parentesco das línguas, a Gramática Histórica apresenta uma nova perspectiva no que tange aos estudos dialetais. Conforme Dubois (2006, p. 304), em contraposição aos gramáticos do século XVIII que interpretavam os “dialetos” como formas abastadas e que a língua *standard* era sempre a forma mais antiga, os pesquisadores histórico-comparatistas passam a privilegiar o estudo dos “dialetos” por meio da observação de suas práticas e regularidades.

Com base na mudança de perspectiva dos estudos dialetais ocorridos no século XIX, Cardoso (2010, p. 35) aponta seis importantes marcos para estudos relacionados a aspectos de língua e espaço:

- Criação da *Academie Celtique* em 1804;
- Posição de J. Grimm (1812; 1819) em defesa dos “patoás” e da primeira descrição de um grupo de dialetos alemães;
- Coleta de dados por meios de pesquisas de campo sistemáticas em Baviera, por Schmeller (1921);

- Possibilidade da criação de mapas fonéticos por Monnier (1823);
- Publicação da pesquisa de Bopp (1833) sobre as línguas indoeuropeias;
- Publicação do *Atlas Linguistique de l'Europe*, por Biondelli (1841, sob influência do *Atlas Ethnographique du Globe*, de Balbi (1826).

Em seguida, ainda no século XIX, alguns linguistas, denominados de neogramáticos – iniciam uma nova escola linguística baseada nas “leis fonéticas” e no “princípio da analogia”. Embora fossem criticados devido à importância dada à fonética, salienta-se a significância dos neogramáticos em relação ao desenvolvimento de novas perspectivas para com os estudos linguísticos, pois, a partir de então, “não se viu mais a língua como um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (SAUSSURE, 1971 [1916], p. 12). Nesse importante período na história da Linguística, ainda com laços estreitos com os neogramáticos, nasce a Dialetoлогия.

No primeiro momento, a Dialetoлогия é entendida como “a que descreve comparativamente os diferentes sistemas ou ‘dialetos’ em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites” (DUBOIS, 2006, p. 185). Segundo Thun (2017a), o começo das pesquisas dialetológicas reflete a necessidade da elite burguesa europeia em entender melhor as influências da Revolução Industrial para com a diversidade linguística rural que naquele momento estava perdendo sua “pureza” e a “profundidade” dialetal.

Thun (2017a) acrescenta que essas pesquisas pioneiras consistiam no uso de “leis fonéticas” para identificação de exceções linguísticas, na busca da manutenção dialetal com influências metodológicas oriundas da linguística histórica-comparativa e dos neogramáticos.

O método utilizado pela Dialetoлогия, denominado de Geografia Linguística, desde então ocupa-se em localizar as variações das línguas por meio da recolha sistemática do testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados” (CARDOSO, 2010, p. 35) por meio de mapas especiais com um número considerável de formas linguísticas (COSERIU, 1987). Contudo, muitas críticas foram feitas ao entendimento que a Dialetoлогия possuía na época em considerar apenas uma dimensão (doravante Monodimensional).

O estudo da variação dialetal destacava-se pelo interesse na descrição da diversidade geográfica, nomeada de Variação Diatópica. Pela concepção de Rossi (1984):

As principais razões do êxito e repercussão do método dito ‘geográfico’, numa época em que, mesmo na Europa, as comunicações difíceis e as escassas motivações para intensificar os contatos diretos entre os habitantes de áreas

geográficas distanciadas entre si, decorrentes, mais que de qualquer outro condicionamento, do modo de produção vigente, justificam o seu impacto. (ROSSI, 1984, p. 105).

Acerca da variação diatópica, Cardoso (2010) afirma que:

Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográficos. Tal visão conduziu a que os estudos geolinguísticos aflorassem em todos os continentes e apresentassem um continuado e crescente desenvolvimento. (CARDOSO, 2010, p. 47).

Segundo Thun (2017), os primeiros trabalhos voltados à variação diatópica consistiam na coleta de dados realizadas em diversas localidades com a escolha de um número ínfimo de informantes por ponto de inquérito, os quais deviam obedecer a critérios rígidos tais como: possuírem residência estável e serem as pessoas mais antigas das localidades; considerava-se que este informante seria o mais sábio e conhecedor do “dialeto” local.

O autor acrescenta que, devido ao perfil de escolha dos informantes, as primeiras pesquisas incorporavam o mínimo de fatores sociais (com apenas uma faixa etária e diferenciação de sexo) e o máximo de fundamentos gramaticais, tendo como principal tarefa o registro areal dos então “dialetos de uma mesma língua” (THUN, 2017, p. 4). Ainda sobre as primeiras pesquisas diatópicas, Cardoso (2010) acrescenta que:

Os primeiros estudos classificados como de cunho dialetal buscam retratar diferenças espaciais. O interesse pelo conhecimento da realidade linguística inserida no espaço físico levou a que se desenvolvessem trabalhos com a finalidade de descrever áreas e de apontar a realidade linguística de um território politicamente definido. Foi esse o objetivo das primeiras investidas no campo da Dialectologia, como demonstra a iniciativa do Ministério do Interior na França - para ficar apenas um exemplo ilustrativo -, em 1897, que realizava inquérito por correspondência, sob a responsabilidade principal de Charles- Etienne Coquebert de Montbret, para recolher versões da parábola do filho pródigo em cem diferentes *patois*, quase todos na França, cujos resultados se destinavam ao estabelecimento do perfil da língua francesa como língua materna, delineando-se os espaços por ela ocupados e demarcando-se os limites linguísticos ao interior do país. (CARDOSO, 2010, p. 48).

As pesquisas dialetológicas francesas inicialmente permitiram um maior entendimento das realidades linguísticas do ponto de vista geográfico e político. Com o passar do tempo, tais estudos passaram a ser realizados por mais pesquisadores em novos espaços, resultando em trabalhos de grande e pequenas dimensões.

Segundo Alinei (1994, p. 21), os estudos dialetais nesse período estavam envolvidos em um “movimento contraditório”, pois “não se começou da área menor para caminhar-se na direção da maior, mas se começou pela de maior extensão, seguindo-se na direção de áreas

menores”. De forma geral, os primeiros estudos dialetais, feitos no continente europeu, destacaram-se pelo objetivo em traçar a realidade nacional e delinear fronteiras.

As primeiras compilações de mapas linguísticos, denominados de Atlas Linguísticos, ocorreram por trabalhos pioneiros: o Atlas Linguístico da Alemanha, de Wenker (1881), o Atlas Linguístico Daco-romeno, de Weigand (1909). Contudo, segundo Cardoso (2010), Jules Gilliéron é o detentor do mérito de estabelecer uma direção para as pesquisas dialetais.

De acordo com Cardoso (2010), embora Gilliéron já houvesse realizado pesquisas dialetais em proporções menores, como o *Patois de la commune de Vionnaz (Bas-Valais)* e o *Petit Atlas Phonétique du Valais Roman (sud du Rhône)* em 1880-1881, é com a publicação do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), em 1901, é que o pesquisador ganha maior destaque.

Para Dubois (2006), o ALF tinha por objetivo estabelecer o estudo dos “patoás” galo-romanos. A metodologia proposta por seu autor consistia na composição de um questionário com aproximadamente 1.500 frases e palavras usuais com o essencial dos sistemas lexicais, fonéticos, morfológicos e até mesmo sintáticos, diferenciando-se, dessa forma, dos trabalhos dialetais anteriores que prezavam basicamente a fonética.

Conforme Pop (1950), embora Gilliéron tenha selecionado E. Edmont como o único pesquisador para a percorrer as 630 localidades designadas para o ALF, o inquiridor havia recebido uma formação fonética, além de possuir grande sensibilidade à identificação e transcrição da variação fonética. Após a coleta *in loco*, Edmont encaminhava os dados para Gilliéron para fins cartográficos, o que resultou em 1920 em mapas linguísticos do período de quatro anos de pesquisa (1897-1901).

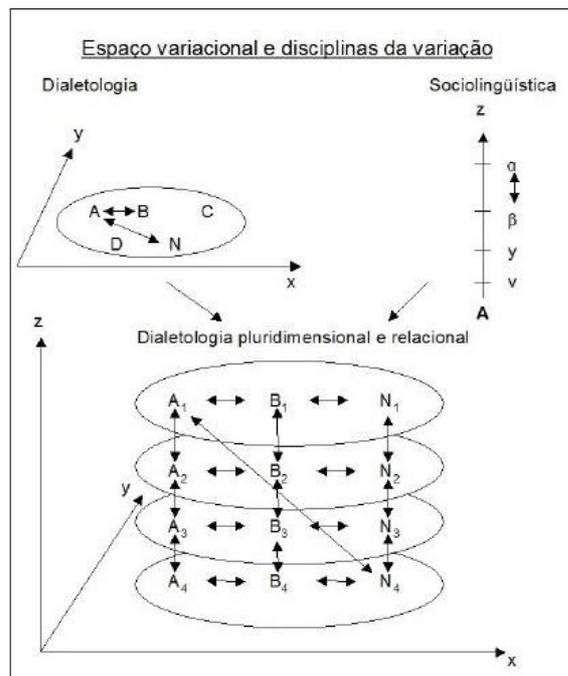
Embora tenha recebido diversas críticas referentes à metodologia (sobretudo relacionadas ao questionário) e o não registro de fatores sociais nos mapas, o ALF representa um importante passo nos estudos dialetais, haja vista que tal prática foi fundamental para a criação de atlas linguísticos posteriores. De acordo com Rossi (1980), o atlas de Gilliéron e Edmont foi responsável pelo início da aplicação do método da Geografia Linguística com rigor científico.

Em um segundo momento da Dialetoлогия, após a sua popularização fora do continente europeu, as pesquisas dialetais buscaram novos rumos com destaque as realizadas na América. Os atlas que foram produzidos a partir desse segundo momento passaram a questionar a real representação do caráter humanista na ciência da linguagem, a fim de reconhecer as influências sociais que são inerentes as línguas, principalmente após o advento da Sociolinguística, a partir dos anos 1960.

O avanço natural da área fez com que a Dialectologia Tradicional necessitasse se adaptar às expansões urbanas, novas tecnologias, estruturas sociais e ao desenvolvimento de novas disciplinas da Linguística. Tais fatores tornaram-se motivações para que Radtke e Thun (1996) iniciassem um novo período para os estudos dialetais, a Dialectologia Pluridimensional e Relacional.

A respeito do novo modelo de estudos dialetológicos, Thun (1998) afirma que devido as limitações tanto por parte da Dialectologia Monodimensional (a que considera apenas a dimensão diatópica) quanto pela Sociolinguística Multidimensional (que considera as dimensões sociais), a Dialectologia Pluridimensional, enquanto disciplina da ciência geral da variação linguística, corresponde ao espaço tridimensional, por considerar tanto a dimensão diatópica quanto a social (Figura 1).

Figura 1 – Espaço variacional e as disciplinas da variação



Fonte: Thun (1998, p. 705)

Com base na figura 1, Thun (1998) afirma que a superfície bidimensional corresponde à Dialectologia e a vertical à Sociolinguística, tendo como conjunto o espaço variacional tridimensional do ponto de vista pluridimensional.

O autor justifica a junção das disciplinas tendo em vista que:

A Dialectologia Areal e a Sociolinguística, disciplinas historicamente separadas, convergem em uma geolinguística aprimorada que pode ser chamada oportunamente de "Dialectologia pluridimensional" e que é entendida como parte da ciência geral da variação linguística das relações entre variantes e variedades de um lado e falantes por

outro. [...] Não deixa de ser geolinguística, pois a Dialectologia pluridimensional não pode renunciar a variação diatópica e a superfície bidimensional. Seu campo favorito é a superfície e o espaço grande o suficiente para que todas as inter-relações apareçam. No entanto, a preferência pela macroanálise não exclui a possibilidade de que a Dialectologia pluridimensional trabalhe em menor escala (em mesozonas e microzonas). (THUN, 1998, p. 5, tradução nossa)<sup>1</sup>

A partir disso, a Dialectologia assinalada pelo prisma pluridimensional passa a considerar a coleta de informações tanto do viés diatópico (geográfico), como também do enfoque sociolinguístico por meio do controle das dimensões, conforme Thun (2017a):

- (i) dialingual (duas ou mais línguas);
- (ii) diastrática (classes sociais);
- (iii) diatópica-cinética (contraste entre topostático e topodinâmico<sup>2</sup>);
- (iv) diageracional (faixa-etária);
- (v) diassexual (mulher-homem);
- (vi) diafásica (estilo);
- (vii) diarreferencial (metalinguagem).

Com o novo contexto de pesquisa dentro da Dialectologia, pela perspectiva da pluridimensionalidade, a descrição linguística passa a ser mais completa e ordenada devido ao maior controle de variedades linguísticas e da escolha do perfil do colaborador com maior variabilidade social. Os instrumentos de recolha de dados tornam-se capazes de captar a variação nas suas diferentes manifestações: os questionários devem registrar não somente a emissão, mas também contexto do ato da fala. Isso quer dizer que a admissão do viés social nos dados dialetológicos é a reivindicação das novas exigências globais.

A partir de então, numa definição mais moderna, segundo Cardoso (2016, p. 13), entende-se a Dialectologia como “ramo da linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os

<sup>1</sup> La Dialectologia areal y la Sociolingüística, disciplinas históricamente separadas, confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente “Dialectologia pluridimensional” y que se entiende como parte de la ciencia general da variación lingüística e de la relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro. [...]. No deja de ser una geolingüística porque la Dialectologia pluridimensional no puede renunciar a la variación diatópica y a la superficie bidimensional. Su campo predilecto son la superficie y el espacio lo suficientemente grandes para que aparezcan todas las interrelaciones. Pero esta preferencia por el macroanálisis no excluye la posibilidad de que la Dialectologia pluridimensional trabaje en escala menor (em mesozonas y microzonas).

<sup>2</sup> Entende-se aqui “topostático” referente aos colaboradores residentes em domicílio fixo e topodinâmico para os de domicílio móvel.

aspectos sociais e a cronologia dos dados” e que, por meio do método da Geografia Linguística, tem por objetivo: (i) descrever as variedades linguísticas de alguma(s) língua(s) em determinado espaço geográfico; (ii) qualificar as ocorrências compiladas pelo prisma social e; (iii) examiná-las pelo ponto de vista do período em que estão submetidas.

Cardoso (2016) detalha que, no domínio geográfico, a Dialetoologia Moderna identifica a variedade que uma determina língua manifesta diatopicamente e descreve as idiossincrasias locais que individualizam ou não determinada região. No âmbito social, constatam-se variantes que não podem ser explicadas pela variável diatópica e que necessitam de argumentos baseados nos fatores sociais para buscar respostas. Na perspectiva da cronologia dos dados, a Dialetoologia propicia os princípios para a comparação entre dados que representem sua etimologia e as interferências de outras línguas que existentes naquele espaço percorrido na história.

Acrescenta-se, ainda, a importância da coleta de dados *in loco*, destacando às variáveis consideradas mais pertinentes para com o objetivo almejado pelo pesquisador, pois, de acordo com Cardoso (2010, p. 19), idade, sexo, escolaridade, profissão, inserção social estabelecem-se variáveis que a Dialetoologia, por meio da Sociolinguística, busca controlar e identificar por meio da Geografia Linguística e da cartografia dos dados.

Assim sendo, ao se estudar língua como mecanismo de comunicação social, as pesquisas dialetológicas atuais não consentem com a não consideração de motivações extralinguísticas e nem as consequências que tais fatores implicam nos seus usuários, deixando os estudos linguísticos por meio dessa perspectiva cada vez mais sensíveis às necessidades globais dos falantes.

### **3.1.2 Estudos Dialetológicos no Brasil**

Desde o seu firmamento em meados do século XIX, com as primeiras publicações de atlas linguísticos na Europa, a Dialetoologia tem se adaptado às necessidades linguísticas modernas. Dessa forma, no Brasil, registram-se diversos períodos da Dialetoologia: do seu princípio com a presença das particularidades do Português Brasileiro (PB) no atlas de Balbi (1826) até as recentes pesquisas realizadas em áreas indígenas. Os caminhos percorridos pela Dialetoologia Brasileira serão destacados nesta seção.

Para a melhor compreensão das pesquisas dialetais desenvolvidas em solo brasileiro, periodizações históricas foram realizadas. A primeira sugestão é feita por Nascentes (1952, 1953b), com a proposta de divisão dos estudos dialetológicos brasileiros em duas fases:

**1ª fase:** Inicia-se em 1826 com o estudo comparativo lexical do Português Brasileiro com o Português de Portugal pela contribuição de Borges de Barros no livro *Atlas Ethnographiqye du Globe*, de Balbi (1826). O final dessa fase ocorre com *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral (1920), sendo caracterizada por projetos inaugurais focados em aspectos semânticos e lexicais;

**2ª fase:** De 1920 até os dias atuais. Essa fase é marcada pelos trabalhos dialetais monográficos e por avanços metodológicos em comparação à 1ª fase, como a utilização de uma determinada área por meio da descrição *in loco* para posterior análise, com vistas ao reconhecimento de fenômenos semântico-lexicais, fonético-fonológico e morfossintáticos. Tem-se como marco inicial a obra *O Dialeto Caipira*.

A respeito do caminho brasileiro dentro da Dialectologia, Cardoso (2003) afirma que o maior desenvolvimento dessas pesquisas realmente ocorre a partir de meados do século XX, com o Decreto n. 30.642, de 20 de março de 1952, durante o governo Vargas. Fato esse não considerado por Nascentes (1952, 1953b), gerando a necessidade de se acrescentar uma 3ª fase.

Devido a carência de inclusão de uma **3ª fase**, Ferreira e Cardoso (1994) propõem uma tríade. Esta consiste nas etapas sugeridas por Nascentes (1952; 1953b) com o acréscimo da terceira devido à prioridade expressa no Decreto n. 30.642. Além disso, as autoras destacam o pioneirismo de Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi por suas contribuições para o início dos estudos sistemáticos na esfera da Geografia Linguística. As autoras ressaltam ainda a sedimentação da mentalidade dialetológica (SILVA NETO, 1957), além do início de pesquisas geolinguísticas para a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI et al., 1963).

Com o passar do tempo, novas tendências no campo da Dialectologia Brasileira continuaram a acontecer. Por isso, Mota e Cardoso (2006) projetam uma nova divisão levando em consideração as periodizações anteriores da Dialectologia no Brasil e a criação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) em 1996.

Dessa forma, as autoras propõem a seguinte divisão:

- (i) 1ª fase: de 1826 a 1920;
- (ii) 2ª fase: de 1921 a 1952;
- (iii) 3ª fase: de 1963 a 1996;
- (iv) 4ª fase: de 1996 aos dias atuais.

A partir da gênese do Projeto ALiB, durante o Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, novas orientações metodológicas foram implantadas e amplamente seguidas nos atlas regionais com forte influência do ALiB, sendo impossível não considerar como resultado o crescimento de pesquisas geolinguísticas em território nacional após a criação deste projeto. Atualmente, o projeto está consolidado e é referência metodológica, mantendo-se sempre ativo com diversos estudos.

Em vista às divisões propostas feitas anteriormente, Romano (2013) sugere a reflexão das diferenças entre as pesquisas de 3ª e 4ª fase por meio de dois momentos:

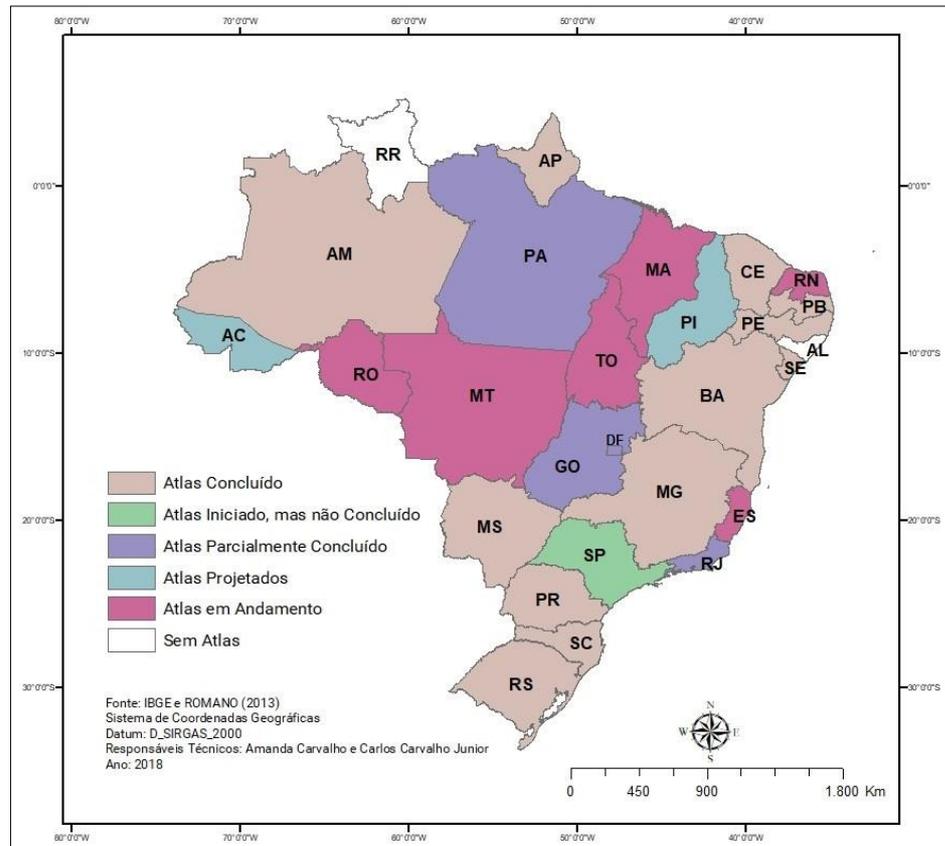
**1º momento:** Inicia-se com a publicação do primeiro atlas linguístico estadual, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI et al., 1963), até 1996 com o Projeto ALiB. Alguns pesquisadores priorizaram a diatopia em seus atlas, por exemplo: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI et al., 1963), *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977), *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALTENHOFEN; KLASSMAN, 2011).

Outros privilegiam as dimensões da variação: *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987) e o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994).

**2º momento:** Corresponde às pesquisas realizadas após o Projeto ALiB até os dias atuais. A partir desse momento, os dialetólogos passam a utilizar uma metodologia preestabelecida aos moldes ALiB, incentivados pelos diretores científicos do projeto.

No mapa seguinte, adaptado de Romano (2013, p. 229), é possível identificar a situação atual dos atlas nos estados brasileiros:

Mapa 3 – Situação dos atlas estaduais brasileiros



Elaborado pela autora com base na atualização do mapa proposto por Romano (2013, p. 229)

Segundo Mota e Cardoso (2006), as fases vividas pela Dialetoлогия no Brasil coincidiram metodologicamente com a inclusão do caráter social implementado pela Sociolinguística, tendo como consequência a não utilização da perspectiva tradicional da Dialetoлогия.

As primeiras discussões sobre a relação entre Dialetoлогия e Sociolinguística no Brasil são feitas por Razky (2003), ao observar que as pesquisas sociolinguísticas realizadas no Brasil, até aquele momento, atendiam apenas as demandas social e local, bem como a Geolinguística se circunscrevia apenas na dimensão espacial mínima. Nesse contexto, Razky (2003) propõe a perspectiva Geossociolinguística por meio da implantação do controle social na coleta e análise de dados geolinguísticos considerando variáveis como idade, sexo e escolaridade.

Razky (2004) discute ainda que, com o advento da pluridimensionalidade, a análise de dados geolinguísticos recobrou-se de maior complexidade de dados na mesma localidade e entre localidades, tendo em vista que, por muito tempo, os estudos dialetológicos tradicionais se ocuparam na distribuição geográfica dos “dialetos” por meio de isoglossas o que, de acordo com Cardoso (2016, p. 16, grifo nosso), são um “conjunto de linhas imaginárias que unem

pontos comuns, ou que separam áreas distintas, que se somam e exibem uma relativa **homogeneidade** no seio de uma comunidade linguística em relação a outra”.

No entanto, Razky (2013) observa que em um mesmo ponto geográfico pode vir a ocorrer variantes como menor ou maior uso dentro de um contínuo linguístico. Por essa razão, o autor afirma que o conceito de isoglossas deixa de apresentar as características necessárias para a descrição linguística, propondo o termo Agrupamento.

Razky (2013) acrescenta que o conceito de agrupamento é fruto da mobilidade geográfica dos falantes e do acesso do universo linguístico do outro por meio dos meios de comunicação. Assim, segundo o autor, não se deve limitar apenas as variantes mais produtivas dos itens encontrados em uma mesma localidade ou região, mas sim verificar o registro maior de variação, sugerindo uma expansão do universo de acesso à variabilidade linguística pelo falante. Essa configuração dos dados linguísticos é possível devido à metodologia pluridimensional e geossociolinguística que consegue mostrar uma realidade mais complexa.

A percepção geossociolinguística de Razky (2013) tem obtido destaque no cenário da Dialetoлогия brasileira. A primeira aplicação metodológica, de modo experimental, é posta em prática no Projeto *Atlas Geossociolinguístico do Pará* (AliPA) e depois no *Atlas Geossociolinguístico Sonoro do Pará* (ALiSPA) (RAZKY, 2004). A Geossociolinguística tomou maior proporção com sua aplicação por outros linguistas, como no *Atlas Geossociolinguístico de Londrina* (AGeLO) (ROMANO, 2012), *Atlas Linguístico do Amapá* (ALAP) (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), além de diversos artigos, livros, dissertações e teses.

No entanto, outros pesquisadores propuseram, assim como Razky (2003), a inclusão de características da Sociolinguística dentro dos estudos dialetológicos. Cristianini (2012) propõe a Sociogeolinguística para denominar a metodologia geolinguística que considera os princípios geográficos e sociais na coleta, registro e na análise de dados linguísticos. A autora argumenta que essa terminologia não se limita à cartografia linguística, mas também ao mapeamento histórico-geográfico do locus pesquisado. Assim como Razky (2003), Cristianini (2012) sugere a Sociogeolinguística como método dentro da disciplina Dialetoлогия, diferentemente de Guy (2012) ao apresentar a Sociodialetologia.

De acordo com Guy (2012), dadas as afinidades entre os interesses e objetivos tanto da Dialetoлогия quanto da Sociolinguística, os pesquisadores e teóricos que atuam em ambas as áreas são praticamente os mesmos. Dessa forma, ele diz: “acho que podemos tratar os dois campos como um só, e vou usar a palavra Sociodialetologia para descrever esta unidade (...).

Esta é a palavra que o Prof. Elizaincin usou numa publicação dele, e vou apropriá-lo hoje, e agradeço-lhe o conceito” (GUY, 2012, p. 46), ou seja, o autor observa a Sociodialetoлогия como um novo ramo da Linguística que uniria as duas disciplinas – Sociolinguística e Dialetologia – “consideradas até certo ponto sinônimas” (CARDOSO, 2010, p. 26).

De qualquer forma, outros linguistas foram inspirados por Razky (2003), Cristianini (2012) e Guy (2012) e iniciam discussões metodológicas para compreensão de que a dimensão sociolinguística é igualmente significativa à dimensão espacial, além de buscar novos espaços de observação.

Sendo assim, levando em consideração que os estudos dialetais devem acompanhar a situação não estática de qualquer língua natural, percebe-se que a Dialetologia Brasileira tem ampliado seus espaços de observação. Constata-se o florescimento de pesquisas geolinguísticas em não capitais (sendo a maioria a partir dos dados do ALiB) e em comunidades quilombolas e indígenas.

Os trabalhos que retratam as variedades do PB faladas por comunidades quilombolas e indígenas têm sido destaque por serem pioneiros e por descreverem etnolinguisticamente povos que por muito tempo foram esquecidos pelo Estado.

Grandes projetos têm surgido para atender a essas necessidades da escassez de pesquisas com comunidades quilombolas e indígenas. Em áreas quilombolas têm-se o *Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará* – AGQUINPA (DIAS, 2017), o *Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema Pernambucano* – ALQUIMIPE (SÁ, 2018), além de artigos e pesquisas de doutorado em andamento.

Em áreas indígenas têm-se os macroprojetos *Atlas Sonoro das Línguas Indígenas* – ALSLIB (CABRAL et al., 2015) e o *Atlas Linguístico do Português Falado em Áreas Indígenas* – ALiPAI, que compõe o quinto eixo do grupo de pesquisa Geossociolinguística e Terminologia – GeoLinTerm, da Universidade Federal do Pará, coordenado pelo professor Abdelhak Razky, no qual está dissertação está inserida.

Tendo em vista o panorama traçado nesta subseção, acredita-se que a Dialetologia, junto ao método da Geografia Linguística, está traçando, no Brasil, um novo curso dentro do escopo da ciência da linguagem, tanto por parte do crescimento de atlas linguísticos estaduais pós-ALiB, como também pela percepção do método geossociolinguístico em comunidades tradicionais. Entende-se que a Dialetologia brasileira rompe de vez os limites teórico-metodológicos tradicionais e experimenta novos espaços ainda não linguisticamente analisados.

Na seção seguinte será destacado, de forma breve, o desenvolvimento e estabelecimento dos trabalhos de Contato Linguístico e as pesquisas dentro e fora do Brasil realizadas pela perspectiva da Dialetologia Contatual.

### 3.1.3 A Dialetologia e o Contato Linguístico

Os estudos linguísticos nas últimas décadas têm dado maior atenção aos efeitos ocasionados pelo contato entre línguas. Atualmente, é inevitável reconhecer o impacto linguístico que o recorrente fluxo migratório e a mobilidade humana trazem, tanto no plano físico quanto no virtual, tendo em vista que populações entram em contato com povos falantes de línguas distintas a todo momento.

“As línguas têm estado em contato certamente por milhares de anos, provavelmente desde o começo da humanidade (pelo menos muito perto do começo), tão logo os humanos falaram mais de uma língua” (THOMASON, 2001, p. 6). Sendo assim, “desde que as línguas começaram a se diversificar, acompanhando o movimento das populações, começou também a haver contato de línguas” (COUTO, 2009, p. 150).

Em uma definição mais geral (ou mais simplória), o contato linguístico decorre do uso de mais de uma língua no mesmo espaço e tempo entre falantes de línguas diferentes, o que não necessariamente requer competências linguísticas complexas por parte de seus interlocutores. Por isso, enquanto há diversas formas de ocorrência de contatos linguísticos - como por exemplo, através da colonização, escravidão, entre outras -, não há uma definição uniforme para o termo na literatura acadêmica (THOMASON, 2001, p.1).

Dessa forma, toda interação linguística por si só pode ser considerada contato de língua, mesmo que apresente estruturas linguísticas semelhantes, tendo em vista que falantes são expostos a muitas variedades de suas línguas que se diferenciam minimamente do ponto de vista gramatical. Aqui, utilizaremos o termo Contato Linguístico referente a situações em que grupos de pessoas que falam mais de uma língua ou variedades semelhantes estão em contato com pessoas que falam variedades diferentes.

Línguas em contato e seus respectivos contextos têm sido encarados pela Linguística de diversas maneiras com o decorrer do tempo. Segundo Winford (2003, p. 1), “por muito tempo linguistas puristas entenderam que as línguas resultantes de contato linguístico eram aberrações de uma ‘língua verdadeira’, embora outros acreditavam que as línguas resultantes de contato aconteciam devido a uma aprendizagem ineficaz”. Contudo, compreende-se, atualmente, que essas línguas são confirmações da criatividade humana ao encontrarem uma necessidade

comunicativa, em que quebrar barreiras linguísticas e criar uma nova estratégia de comunicação é indispensável.

Conforme Winford (2003), as combinações linguísticas complexas resultantes de contato são processos criativos não aleatórios que, de certa forma, afetam línguas gradativamente de uma forma ou de outra, pertencendo duas extensas categorias de fatores: interno (linguístico) e externo (social e psicológico), por meio de uma perspectiva geral, podem ocorrer três amplas categorias de contato linguístico, sendo eles por meio da manutenção linguística, da mudança linguística e da criação de novas línguas. Boa parte das línguas se encaixam em mais de um dos contextos referidos, assim como há outras que não se inserem em nenhum.

Os efeitos das mudanças linguísticas resultantes de situação contatual têm sido pesquisados há um certo tempo por diversas perspectivas. Segundo Thomason (2001), durante o apogeu da Linguística Histórica, em meados do século XIX, os estudos sobre contato linguístico passam a ter maior destaque nos debates sobre a natureza da mudança linguística, porém, tornaram-se marginalizados com o crescimento do Estruturalismo.

Ainda sobre as relações entre Contato Linguístico e a Linguística Histórica, Winford (2003) aponta que elas foram baseadas na discordância sobre o papel desempenhado pela forma que o contato induziu mudanças linguísticas dentro da história das línguas, o que possibilitou também o crescimento do campo durante o século XIX e XX, além de que somente com os estudos de Weinrich (1953) – considerado o pioneiro e responsável pela sistematização do campo dos estudos contatuais – e Haugen (1950a, 1950b, 1953), é que as pesquisas dentro dessa temática se delinearão para uma perspectiva linguística e sociocultural, embora ainda dentro dos moldes estruturalistas.

Inicialmente, as análises eram direcionadas às situações individuais de contato. Para Weinreich (1953), o *locus* de contato era o próprio indivíduo por meio de interferências relacionadas aos desvios de normas. Para o autor, tal contexto implicaria em mudanças de padrões linguísticos e poderia ser melhor compreendido em uma ampla configuração psicológica e sociocultural.

Pela perspectiva de Weinreich (1953) pode-se distinguir três formas de interferência, de uma língua para outra, resultante de contato linguístico: fônica, sintática e lexical. No que diz respeito as intervenções fônicas, elas podem ocorrer de uma forma mais “superficial”, pela pouca diferenciação fonética, como até mesmo de forma mais “intensa” com a integração de empréstimos entre línguas.

O quadro 2 apresenta as formas de interferência propostas por Weinreich (1953), que atuam tanto na estrutura como na não estrutura das línguas:

Quadro 2 – Intervenções fônicas por contato linguístico

Formas de Interferência	Exemplo	Estrutura		Não estrutural	
		Estímulos	Fatores de Resistência	Estímulos	Fatores de Resistência
Pouca diferenciação fonética	/d/ e /t/ não diferenciado	Ausência de distinção na primeira língua	Produtividade na distinção	-	Fidelidade à segunda língua
Muita diferenciação fonética	[k] e [k <sup>h</sup> ] tratados como fonemas separados	Presença de distinção (apenas) na primeira língua	-	-	-
Reinterpretação para traços fonéticos relevantes	[p] surdo tratado fonemicamente tenso e apenas simultaneamente surdo	Diferenciação nos sistemas fonêmicos	Existência de lacunas dentro do padrão linguístico	-	-
Substituição fonética	[r] para [R] onde há apenas um fonema vibrante	Diferentes pronúncias para fonemas equivalentes	Risco de ambiguidade com outro fonema	Valor social para a primeira língua	Fidelidade à segunda língua
Integração de empréstimos	Inglês /rajs/ para havaiano /laiki/	Diferenciação nos sistemas fonêmicos. Forma homogênea com diferenciação estrutural na primeira língua do falante	Homonímia em potencial	Intolerância ao reconhecimento de empréstimos linguísticos e Monolinguismo do falante	Valor social para a primeira língua

Fonte: Weinreich (1953, p. 64-65)

Por outro lado, para Thomason e Kaufman (1988), o contato linguístico não está centrado no indivíduo como defendido por Weinreich (1953), mas sim no grau de bilinguismo encontrado nas comunidades, sendo esse um dos maiores indícios de que a mudança linguística era induzida por contato (*contact-induced language change*). Assim, os fatores sociais passam a ser os principais condutores de mudança linguística.

Thomason e Kaufman (1988) defendem que as restrições puramente linguísticas sobre mudança induzida por contato não eram suficientes para explicar a mudança linguística, pois as regras fonológicas e gramaticais, de forma geral, estão entre as características linguísticas que podem ser transferidas de uma língua para outra. Desse modo, as formas de interferência linguística incluem padrões na ordem das palavras, fonética, inventário fonêmico, regras fonológicas (incluindo harmonização vocálica), aglutinação e morfemas emprestados de todas

as categorias. A partir de então, a comparação sistemática entre situações de contato linguístico, por uma perspectiva social, tomou maior notoriedade.

De acordo com Matras (2010), as pesquisas contemporâneas da Linguística são guiadas pela suposição de que o contato linguístico ocorre sobre o modo como os sistemas linguísticos influenciam uns aos outros, podendo variar de acordo com a situação onde ocorre o contato.

À vista disso, os estudos dentro do tema Contato Linguístico têm se desenvolvido por meio de uma metodologia multifacetada e interdisciplinar (OKSAAR, 1996). O caráter interdisciplinar dos estudos contatuais pode ser observado na figura 2:

Figura 2 – Disciplinas em interface com os estudos de Contato Linguístico



Elaborado pela autora, com base em Oksaar (1996)

As pesquisas contatuais desenvolvidas em interface com disciplinas da Linguística possibilitaram que o conhecimento sobre Contato Linguístico se tornasse uma disciplina: a Linguística de Contato<sup>3</sup>. Tal situação não impediu que as demais disciplinas da Linguística, interessadas, continuassem suas pesquisas, uma vez que manifestações de contato podem ser encontradas em todos os domínios linguísticos.

<sup>3</sup> Com base em Mesthrie (2009) e Thomason; Kaufman (1988), o campo de atuação da Linguística de Contato está majoritariamente ligado à formação de línguas: *Crystallized pidgins, Abrupt Creoles e Bilingual mixed languages*.

De modo geral, os estudos de Contato Linguístico buscam entender como as formas linguísticas utilizadas por falantes de uma dada língua influenciam uns aos outros sociolinguisticamente. Em suma, as disciplinas em interface do contato linguístico estão particularmente preocupadas com as maneiras pelas quais os falantes de diferentes variedades influenciam uns aos outros e como suas línguas são alteradas.

No entanto, observa-se que o interesse atual na pesquisa de contato linguístico mudou claramente nos últimos anos. Destaca-se a Dialectologia tendo em vista o escopo desta pesquisa, além de ser uma das disciplinas da Linguística que observa o falante tanto pela perspectiva espacial quanto social, naturalmente se interessando em entender como o contato linguístico funciona enquanto fenômeno social.

Nos últimos anos, as pesquisas dialetológicas têm aumentado os campos de observação para melhor compreender as diferentes formas linguísticas, como foco nas variedades mistas resultantes de contato linguístico entre línguas (cf. subseção 3.1.1). Dessa forma, nesta dissertação, há uma interface entre a Dialectologia e os estudos contatuais a fim de buscar maior detalhamento das variedades linguísticas apresentadas pelo Português Brasileiro Indígena falado em duas aldeias Karipuna (Manga e Santa Isabel) e duas Galibi-Marworno (Kumarumã e Tukay).

### 3.1.4 Tipologia dos Atlas Linguísticos

Para a execução dos objetivos traçados pela Dialectologia, utiliza-se o método da Geografia Linguística, também conhecida como Geolinguística. O método consiste na cartografia de dados linguísticos – carta linguística ou mapa linguístico –, por meio da identificação e levantamento sistemático de diferentes realidades dialetais distribuídas por pontos de inquérito (conjunto de localidades que compõe um espaço de pesquisa linguística, selecionadas a partir de critérios anteriormente determinados). Assim como a Dialectologia, a Geolinguística obteve diversos direcionamentos e métodos tanto para com a observação geográfica como pela cartografia linguística.

Em relação ao espaço geográfico, pela concepção de Alinei (1994, p. 21), os atlas linguísticos podem ser classificados em:

- **Regionais:** Atendem à necessidade de aprofundar o conhecimento da realidade linguística de uma região. Ex.: Projeto do *Nouvel Atlas Linguistique de la France par Régions* (1950).

- **Nacionais:** Tem como prioridade o estabelecimento da realidade linguística de um país. Ex.: *Atlas Linguistique de la France* (1903).
- **Grupos linguísticos:** Retratam a identidade de famílias linguísticas. Ex.: *Atlas Linguistique Roman* (1987).
- **Continentais:** Permitem a comparação entre línguas e a definição de políticas linguísticas. Ex.: *Atlas Linguarum Europae* (1970).

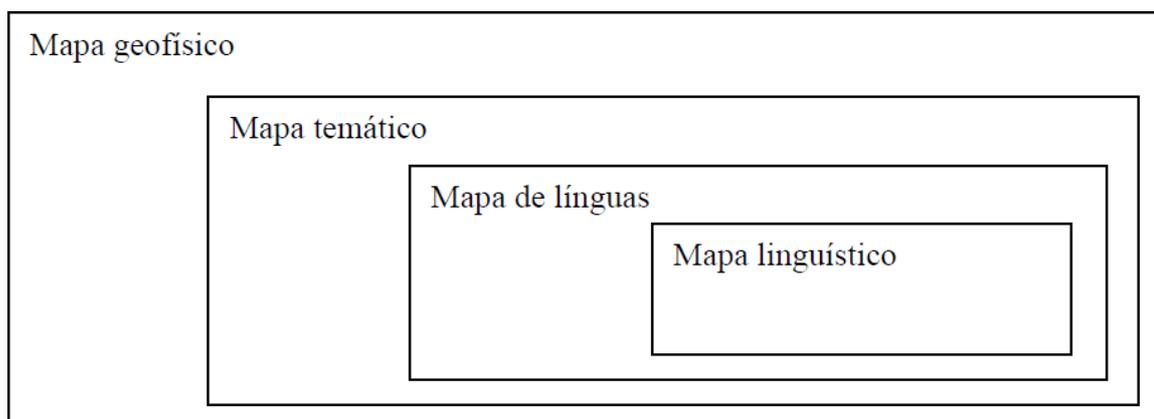
No que se refere à natureza dos dados, Cardoso (2010, p. 78) classifica os atlas linguísticos em três gerações:

- (i) **1ª Geração:** Apresenta dados cartograficamente com o acréscimo ou não de notas e figuras complementares as informações. Apresentam cartas onomasiológicas (para cada conceito há um conjunto de formas que o identificam diatopicamente) e semasiológicas (para uma dada forma há diferentes conceitos registrados em uma determinada localidade). Exemplo: *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994);
- (ii) **2ª Geração:** Apresenta dados espacialmente distribuídos, com foco na análise de fenômenos registrados, por meio de cartas interpretativas. Exemplo: *L' Atlas Linguistique Roman* (CONTINI, 1992);
- (iii) **3ª Geração:** Caracterizada pela possibilidade de audição e captação das falas dos informantes, por meio da documentação cartográfica. Também são conhecidos pela denominação de “atlas falantes”. Exemplo: *Atlas Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004).

Em relação aos diferentes momentos da Geolinguística, a Cartografia Linguística tem acompanhado as tendências e necessidades globais das línguas, embora a utilização de mapas para outros fins que não somente geofísicos anteceda ao método da Dialetologia.

De acordo com Thun (2017b), mediante a documentação linguística e os aspectos geofísicos, os mapas de conteúdos linguísticos estão inseridos em um grupo macro chamado de “mapas temáticos” ou “técnicos”. É importante destacar que os mapas propriamente linguísticos, que retratam formas de línguas específicas, foram antecidos pelos “mapas de língua”, que estão relacionados à propagação de línguas. A organização desses mapas pode ser vista na figura abaixo:

Figura 3 – Esquema de Criação de Mapas (Cartas) de Conteúdo Linguístico



Fonte: Thun (2017b, p. 60)

A organização dos mapas temáticos foi importante para a compreensão da evolução metodológica da Cartografia Linguística, possibilitando, com o passar do tempo, o progresso dos instrumentos e melhor acessibilidade ao acesso de informação dos procedimentos cartográficos. Segundo Thun (2017b), a Cartografia Linguística pode ser dividida em quatro momentos históricos:

(i) **Dos Mapas de Língua aos Mapas Linguísticos:** Embora seja difícil identificar quem primeiramente utilizou mapas para descrever língua, um dos primeiros a propor desprendimento gradual entre os mapas de língua e os linguísticos é Hérvas (1784), no final do século XVIII, a partir do que o autor denominaria de *carta glottografica*. Outras contribuições foram feitas, no entanto, somente a partir do século XIX, assim, novas obras tomaram maior notoriedade, como: *Asia Polyglotta*, de J. Klaproth (1823) – primeiro atlas especializado de línguas -; o *Atlas Ethnographique du Globe et classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langues*, de Balbi (1826); o *Physikalischen Atlas, Gotha, Volume 8 – Ethnographie*, de Heinrich Berghaus (1845-48). Em geral, o fluxo de dados era realizado por intermediários por meio de listas de palavras sistemáticas com o método semasiológico<sup>4</sup>.

(ii) **Os Atlas Linguísticos Monodimensionais:** A segunda fase da Cartografia Linguística se inicia com os atlas linguísticos: *Deutscher Sprachtlas*, de Georg Wenker (1889-1923); o ALF, de Jules Gilliéron (1902 - 1910); o *Linguisticscher Atlas des Dacotumänischen Sprachegebiets*, de Gustav Weigand (1860-1930). A partir desse momento, uma mesma

<sup>4</sup>De acordo com Dubois et al. (2006), a Semasiologia consiste no estudo do signo na busca da determinação de conceitos, geralmente voltados à lexicologia estrutural, visando à representação de estruturas que elucidam uma unidade lexical.

metodologia seria seguida com a utilização de um catálogo composto por perguntas que deveria ser aplicado numa rede de pontos. Embora Wenker continuasse aplicando os instrumentos de pesquisa por correspondência, Weigand e Gilliéron passam a utilizar anotações diretas de um entrevistador que vai a campo. É importante destacar que o primeiro atlas propriamente linguístico é de Gilliéron (1880), o *Petit Atlas Phonétique du Valais roman (sud du Rhône)*, além também de ser o fundador do atlas micro e macroespaciais, o caso do ALF (1902-1910). Gilliéron abre caminho para a Geolinguística Diatópica, delimitando a identificação de variedades que marcam a arealidade.

(iii) **Os Atlas Pluridimensionais:** Ao passo do programa intensivo dos atlas monodimensionais, com a colaboração de Gaston Paris e concretizado parcialmente por Gilliéron, foi apresentado por Abbé Rousselot um programa contrastivo que poderia ser denominado como pluridimensional-pontual. Contudo, somente com as conclusões feitas por Rousselot (1891) de que mesmo no interior de uma família, os membros de gerações e sexo distintos não falavam igual. Gilliéron, durante os levantamentos do ALF, reconhece o que atualmente chama-se de “variável” ou “dimensões da variação”. No entanto, somente com o impulso da Sociolinguística, a Geolinguística Monodimensional torna-se pluridimensional, tendo, dessa forma, os fatores extralinguísticos sendo não apenas considerados, mas também ampliados. Outro fator importante é o projeto pluridimensional *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), de Harald Thun, Carlos E. Forte e Adolfo Elizaincín (1989), porque o levantamento de dados considerou a pluralidade dos informantes, além de obter dados considerados mais seguros.

(iv) **Atlas linguístico das Redes de Comunicação:** Sua criação foi motivada pela necessidade de compreensão de dados resultantes de respostas, espontâneas ou repetidas, que informam sobre as formas linguísticas disponíveis de maneira ativa ou passiva. Essa proposta experimental tem como objetivo identificar registros estilísticos que ocorrem no contato entre representantes de diferentes grupos presentes no espaço de uso das variedades. O método, já utilizado em parte na coleta de dados do ADDU (THUN et al., 1989), determina, de certo modo, a linha de difusão vertical ou diagonal-horizontal das mudanças linguísticas.

Sobre mapeamento linguístico, Coseriu (1982) afirma que o mesmo pode ser realizado por meio de mapas: (i) fonéticos (registro de variantes de um fonema e alofones); (ii) lexicais (registro de palavras que expressão a mesma ideia, independente de variação fonética); (iii) similares (registro dos paralelos e meridianos do espaço pesquisado organizados em colunas,

no seu respectivo trapézio esférico); (iv) propriamente linguísticos (registram a seriedade dos dados linguísticos coletados nos pontos de inquérito).

Tais mapas se diferenciam dos sintéticos e dos pontuais, Romano (2014) aponta que os do tipo sintético necessitam de maior elaboração, em virtude de estabelecerem áreas limítrofes correspondentes às formas típicas comprovadas (mapa de isoglossas), por sua vez, os pontuais não necessitam de tais limites registrados em todos os pontos investigados (mapas analíticos). O autor também destaca que os mapas fonéticos e lexicais podem ser expostos mediante um mapa sintético geral com diferentes localizações de ocorrências linguísticas, denominadas de zonas de isoglóssicas.

Por outro lado, Monte Giraldo (1987) classifica os mapas linguísticos em:

- (i) **Analíticos:** Respostas transcritas da forma que foram previamente coletadas, juntamente de notas para melhor compreensão dos dados;
- (ii) **Sintéticos:** Apresentam apenas os fenômenos mais produtivos que podem ser comparados com outras regiões;
- (iii) **Mistos:** Utilizam símbolos e cores específicas para variante de cada ponto, sem transcrição fonética detalhada, meio termo entre os do tipo analítico e sintético).

Uma nova perspectiva tem sido abordada por Telles e Ribeiro (2006, 2008) a respeito da Cartografia Linguística. De acordo com as autoras, o Atlas Linguístico é interpretado como “um conjunto de mapas ou cartas geográficas, de um conjunto de dados sobre determinado assunto, sistematicamente organizados” composto por ‘mapas temáticos’ e ‘cartogramas” (TELLES; RIBEIRO, 2008, p. 4).

Telles e Ribeiro (2006, p. 211) apresentam a definição de mapa temático (ou carta temática) como a “representação dos fenômenos localizáveis de qualquer natureza e de suas correlações”, ou seja, é qualquer mapa que trate de outro assunto além da simples representação do terreno, permitindo, assim, análises a respeito do tema cartografado e possibilitando relações com outros dados.

Por outro lado, “cartograma” é entendido pelas autoras acima citadas como “um esquema representativo de uma superfície que apresenta informações qualitativas e quantitativas, de eventos geográficos, cartográficos e socioeconômicos” (TELLES; RIBEIRO, 2008, p. 4).

Dessa forma, para Telles e Ferreira (2006, p. 213), “atlas” é considerado o conjunto de mapas/cartas que abordam determinada temática, de forma sistematizada, e de acordo com a necessidade do usuário.

Com base nas informações acima citadas, as autoras propõem a reflexão de que muitos dos atlas publicados são conjuntos de cartogramas, tendo em vista a ausência de informações geográficas, por exemplo, sistema de projeção, de referência para as coordenadas, entre outras.

De modo geral, a utilização da Cartografia Linguística, segundo Cardoso (2010), possibilita focalizar a realidade, conhecer melhor fenômenos e fatos linguísticos apropriados para melhor compreensão de informações linguísticas e que deve sempre acompanhar as adaptações da Dialetoлогия para com as multiplicidades de dados.

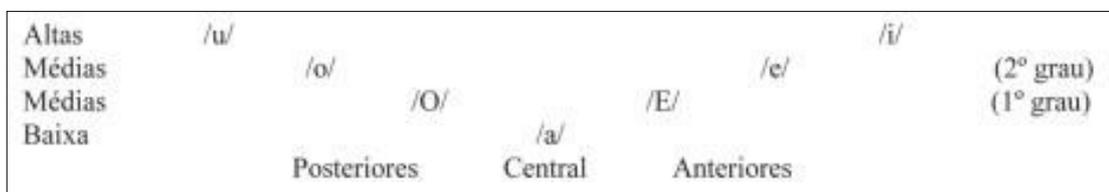
Em vista disso, para a melhor compreensão do contexto linguístico encontrado nas aldeias pesquisadas neste trabalho, discute-se na seção seguinte algumas pesquisas fonéticas dialetológicas e/ou sociolinguísticas realizadas no eixo Pará-Amapá.

## 3.2 VARIAÇÃO FONÉTICA NO PARÁ E NO AMAPÁ

### 3.2.1 Variação de vogais médias pretônicas

É de comum acordo que alguns fonemas da Língua Portuguesa possuem maior possibilidade de variação. As vogais médias pretônicas fazem parte desses fonemas que apresentam maior variabilidade. Câmara Jr. (2007 [1970]), por meio da descrição sincrônica pioneira sobre as vogais do PB, afirma que ele apresenta sete vogais orais em posição tônica, sendo elas:

Figura 4 – Vogais tônicas do PB



Fonte: Câmara Jr. (2007, p. 41)

Segundo o autor, deve-se a neutralização das médias altas (/e/ e /o/) e as baixas (/ɛ/ e /ɔ/) na posição pretônica com a redução para cinco fonemas vocálicos, devido ao processo de neutralização, desaparecendo a oposição entre primeiro e segundo grau (segundo a designação do autor). Dessa forma, as vogais pretônicas são representadas da forma a seguir:

Figura 5 – Vogais pretônicas do PB

Altas	/u/			/i/
Médias		/o/		/e/
Baixas			/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2007, p. 44)

Além disso, “Os fonemas referentes às vogais médias-altas em posição pretônica podem ser realizados foneticamente como vogais médias-altas, vogais altas ou, ainda, em determinadas regiões do Brasil, como vogais médias-baixas” (CARMO; TENANI, 2013, p. 609), pois, de acordo com Câmara Jr. (2007), isso ocorre por conta de tendência natural de assimilação do traço da vogal tônica pela pretônica.

Nascentes (1953), a respeito das variações vocálicas do PB, reconhece que as variedades da região Norte são caracterizadas pelo abaixamento vocálico e as do Sul pelo alçamento. Silva Neto (1957 apud OLIVEIRA et al., 2014, p. 16) acrescenta que o Pará se caracteriza como uma “ilha dialetal” em relação aos demais “dialetos” circunvizinhos, resultante da tendência das vogais médias altas.

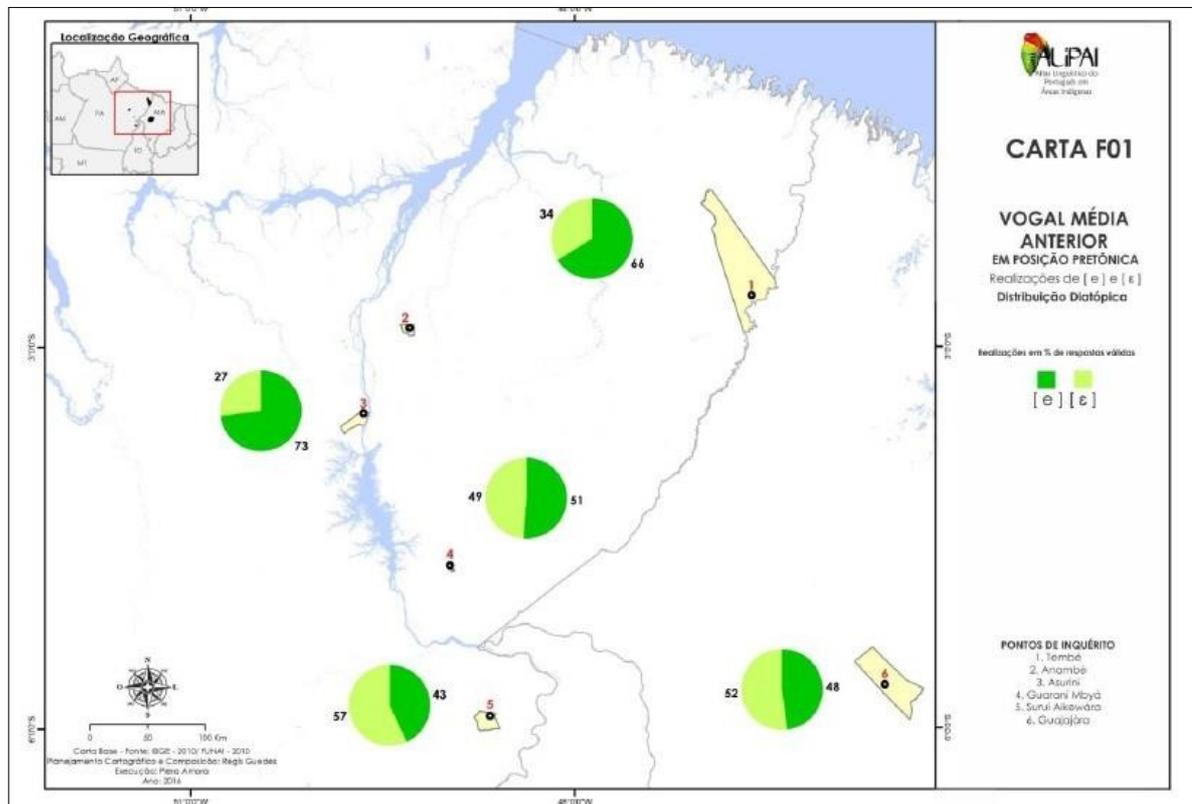
Bisol (1991) pesquisou sobre variação vocálica das médias pretônicas realizadas por 44 informantes estratificados pela sua origem étnica, mostrando que a regra de alteamento é favorecida pela vogal alta da sílaba seguinte e que, por outro lado, a presença de vogal alta tônica, ou não, em sílaba imediata desfavorece a aplicação da regra. Referente as variáveis extralinguísticas, Bisol (1991) considerou somente a faixa etária e a etnia, tendo em vista que o primeiro critério, e os informantes metropolitanos, possuem maior produtividade no alteamento.

Há outras pesquisas acerca do fenômeno realizadas no Brasil (cf. VIÉGAS, 1987; BORTONI et al., 1991; CÉLIA, 2004) na região Norte. No Pará, têm-se os trabalhos sociolinguísticos de Nina (1991), que analisou o alteamento do PB na capital paraense, Belém, Freitas (2001), que pesquisou o fenômeno em Bragança; Campos (2008), em Mocajuba; Dias e Cassique e Cruz (2007), na área rural de Breves; Cruz et al. (2008), sobre a variante do PB falado na área rural de Belém, entre outros.

No que diz respeito aos trabalhos geolinguísticos, têm-se os dados de cidades mapeadas pelo ALiSPA (RAZKY, 2004), sendo elas: Itaituba, Santarém, Altamira, Breves, Cametá, Abaetetuba, Belém, Bragança, Marabá e Conceição do Araguaia. De acordo com Razky e Lima e Oliveira (2012), de modo geral, o uso das vogais fechadas [e] e [o] foram mais recorrentes nos resultados do ALiSPA.

Em relação à pesquisa geolinguística em área indígena, tem-se a pesquisa de Guedes (2017), que ao mapear a variação fonética do Português em contato com cinco línguas indígenas da família Tupi-Guarani (Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Tembé, Guarani Mbyá e Guajajára), faladas no Pará e Maranhão, identificou uma gradação de ordem geográfica nos percentuais de ocorrência entre os pontos de inquérito, o que parece privilegiar as vogais médias abertas [ɛ], como pode ser observado na Carta 1, a vogal [e] apresenta maior realização nos pontos de inquérito Tembé, Anambé e Asurini, já [ɛ] possui maior frequência nos pontos Guarani Mbyá, Suruí Akewá e Guajajara.

Carta Linguística 1 – Vogal média anterior pretônica [e] e [ɛ]: Diatópica



Fonte: Guedes (2017, p. 163)

Segundo Guedes e Razky e Costa (2018), os dados mapeados entre os indígenas por Guedes (2017) seguem uma predisposição indicada pelo ALiSPA, no que se refere à variação diatópica, pois ambos os trabalhos seguem a mesma tendência diatópica na realização de [e] na região mais ao norte do estado do Pará, como que representando um prolongamento desse contínuo geográfico da região Sudeste do Pará em direção ao Maranhão. A carta abaixo indica esses agrupamentos:

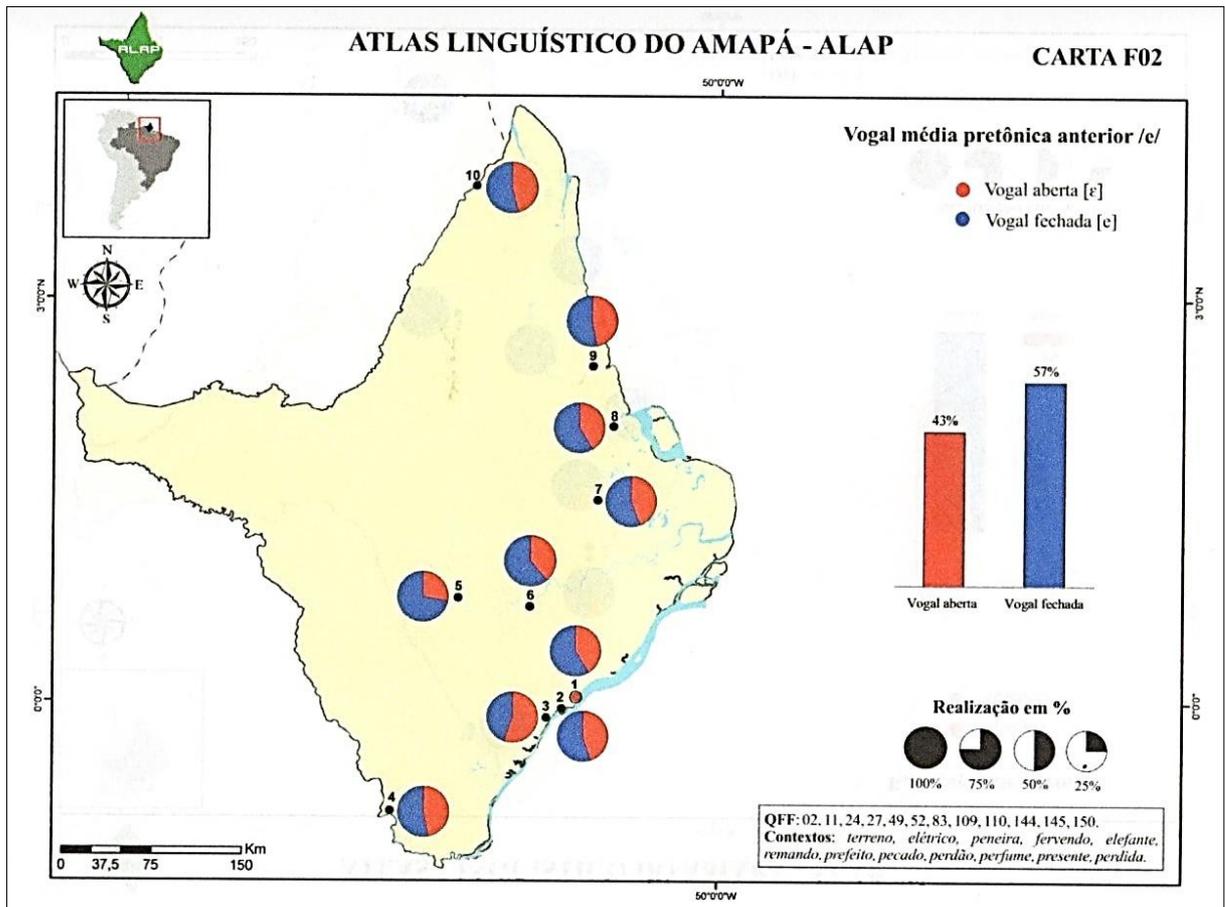
## Carta Linguística 2 – Perfume



Fonte: Guedes; Razky; Costa (2018, p. 186)

No Amapá, tem-se a cartografia do fenômeno no ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), no qual foi descrito o PB falado nas áreas urbanas dos municípios de Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque, no total de 40 informantes com estratificação social das variáveis de sexo e idade. A carta fonética F02, do ALAP, correspondente à vogal média pretônica anterior /e/:

## Carta Linguística 3 – F02: Vogal média pretônica anterior /e/



Fonte: Razky; Ribeiro; Sanches (2017, p. 57)

De maneira geral, observou-se que os estudos realizados nas vogais médias pretônicas, em especial no Amapá e no Pará, que as vogais fechadas possuem maior produtividade do que as abertas, tanto nas pesquisas em área urbana e rural quanto nas indígenas.

### 3.2.2 Variação dos ditongos /ei/ e /ou/

Assim como o grupo das vogais médias pretônicas, a pesquisa sobre a variação dos ditongos orais decrescentes no PB tem crescido continuamente na Linguística, segundo Farias e Oliveira (2003), tendo em vista que a representação desse fenômeno na escrita se afasta cada vez mais de sua representação na fala.

De modo geral, conforme Catford (1988), ditongos são uma sequência de segmentos vocálicos que ocorrem em uma mesma sílaba, sendo um interpretado como vogal – com proeminência acentual – e outro como glide – sem proeminência acentual. Silva (2011) acrescenta ainda que há casos em que os ditongos apresentam uma sequência de glide-vogal,

chamados de Ditongos Crescentes, assim como vogal-glide, os Ditongos Decrescentes, os quais podem ser tanto orais quanto nasais<sup>5</sup>.

Silva (2011), sobre os fenômenos fonológicos relacionados aos ditongos no PB, apresenta a Ditongação e a Monotongação. A Ditongação consiste na inserção de um glide após uma vogal ou a transformação de um monotongo (vogal única que ocupa a posição de núcleo da sílaba) em um ditongo. A Monotongação, por outro lado, ocorre quando um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal tanto com ditongos crescentes como com os decrescentes.

Tais fenômenos fonológicos têm sido bastante pesquisados no PB por meio de diferentes perspectivas. Pela perspectiva da Linguística Histórica tem-se as pesquisas de Bueno (1967) e Câmara Jr. (1969); pela Teoria Autossegmental, por meio das representações fonéticas e fonológicas encabeçadas por Bisol (1989); sociolinguística, por Paiva (1989) pela análise de /ei/ e /ou/; a Teoria da Otimalidade por Bonilha (2003); assim como pela Dialectologia por meio dos atlas linguísticos. Destacar-se-á, aqui, sobretudo, as pesquisas dialetológicas com ditongos decrescentes realizadas no Norte do Brasil.

Em relação às pesquisas sociolinguísticas sobre os ditongos decrescentes no Pará, destacam-se as de Farias (2008) e Lopes (2002). Farias (2008), ao investigar a distribuição geossociolinguística do ditongo [ei] no PB paraense, observa que a monotongação de [ei] não contempla o estado inteiro, tendo sua maior frequência no município de Bragança, além de que fatores estruturais, como a posição do ditongo na palavra e a estrutura silábica, foram determinantes para a realização monotongada em boa parte do Pará.

Por sua vez, Lopes (2002) ao pesquisar as variáveis dos ditongos [ou] e [ei] do PB falado em Altamira-PA, identifica que “a redução dos ditongos [ei] e [ou] é linguisticamente condicionada pelos fatores de localização dos ditongos na estrutura morfológica da palavra, contexto fonético seguinte e natureza de origem/uso da palavra”.

No Amapá, tem-se a descrição realizada pelo Alap (2017), em que a manutenção do ditongo [ei] é 58% superior aos 42% de sua monotongação, já [ou] apresenta a porcentagem de monotongação 58% superior aos 42% de manutenção da ditongação.

Assim, tem-se que na região norte a realização mais produtiva fica a cargo dos ditongos, porém a produção de monotongos, apesar de não ser a mais frequente, mantem-se com resultados bem próximos da ditongação.

<sup>5</sup> Para Câmara Jr. (1969) e Lopez (1979), só há ditongos decrescentes no Português, pois os crescentes variam livremente com o hiato, como em [su'ar ~ 'swar]. Bisol (1989, p. 119), ao concordar com Câmara Jr. (1969) e Lopez (1979), afirma que “a sequência VV (glide-vogal) é o resultado de ressilabação pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do português e surgem da fusão de rimas de duas sílabas diferentes”.

### 3.2.3 Variação de róticos em coda silábica

Este item se refere as pesquisas das variantes fonéticas do som de /R/, relaciona-se a um grupo comum chamado de róticos. Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), essa terminologia é utilizada em função do grafema R representar as variações orais dos sons de /R/, que embora possuam características articulatorias heterogêneas, se relacionam fonologicamente entre si.

Segundo Silva (2011), os róticos no PB podem ser o tepe [r], a vibrante [r̃], as fricativas [x, ɣ, h, h̃], a retroflexa [ɽ] em posição de coda silábica, tendo em vista que esta posição é suscetível à variação dialetal. A autora acrescenta que, quando ocupada por um rótico, a coda silábica pode vir a sofrer o fenômeno fonológico do Apagamento, o qual é caracterizado pelo cancelamento de um segmento tanto vocálico quanto consonantal.

Referente as variações dialetais de róticos em posição de coda silábica no falar paraense e amapaense, destacam-se as pesquisas geossociolinguísticas de Razky e Ribeiro (2007) e o ALAP (2017).

Ao analisarem os dados extraídos na fala de 44 colaboradores estratificados socialmente em idade, sexo e escolaridade referentes à variável /R/ do ALiB nos estados do Amapá e Pará, Razky e Ribeiro (2007) observaram que há o uso predominante da variante fricativa glotal surda/sonora [h/ h̃] nas cidades pesquisadas. Já no ALAP (2017) foi identificado que o não apagamento de róticos em coda silábica em posição interna com realização glotal é 86% mais produtivo do que os 14% de apagamento.

Sumarizando os fenômenos destacados nesta seção, destacou-se que, embora os resultados de pesquisas realizadas sobre as vogais médias pretônicas, os ditongos /ei/ e /ou/ e variação de róticos em coda silábica sejam bem delineadas sobre o PB, pouco se conhece desses fenômenos no PBI, o que destacamos neste trabalho.

Sendo assim, optamos selecionar esses fenômenos para esta dissertação por nos permitem comparações com os resultados dos dados coletados por esta pesquisa realizada em campo

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta dissertação baseia-se metodologicamente na Geossociolinguística (RAZKY, 2003) e na Dialetoлогия Pluridimensional (THUN, 1998), conforme as orientações propostas pelo comitê do ALiB (1996) e os projetos ASLiB (CABRAL et al., 2015) e ALiPAI (RAZKY; GUEDES; COSTA, 2018). Dessa forma, a seguir, serão destacados os procedimentos metodológicos utilizados para este estudo do Português falado nas áreas indígenas Galibi-Marworno e Karipuna.

### 4.1 PONTOS DE INQUÉRITO

Considera-se que a determinação dos pontos de inquérito selecionados para a pesquisa dialetológica não é definida somente em consequência do espaço geográfico e suas características linguísticas, mas também por outras idiosincrasias: a história das sociedades analisadas, o tipo de povoamento, a situação demográfica, entre outros (FERREIRA; CARDOSO, 1984). Nesta pesquisa, priorizaram-se duas sociedades indígenas, os Galibi-Marworno e os Karipuna, habitantes da TI Uaçá. Para a seleção dos pontos linguísticos da pesquisa foram considerados alguns critérios como:

- (i) Distância geográfica da sede municipal de Oiapoque e a proximidade com a área fronteiriça (Guiana Francesa);
- (ii) Histórico de povoamento da região;
- (iii) Contatos linguísticos de diversas origens;
- (iv) Contingente populacional das aldeias e a falta ou o baixo número de estudos linguísticos.

O critério geográfico também foi observado na disposição que as aldeias abrangem a TI Uaçá (cf. capítulo 2). A escolha do critério de distância da sede de Oiapoque na seleção dos pontos visou, ainda, a uma análise comparativa entre os resultados coletados com os dados publicados no ALAP, pois o município de Oiapoque também foi um ponto de inquérito do atlas.

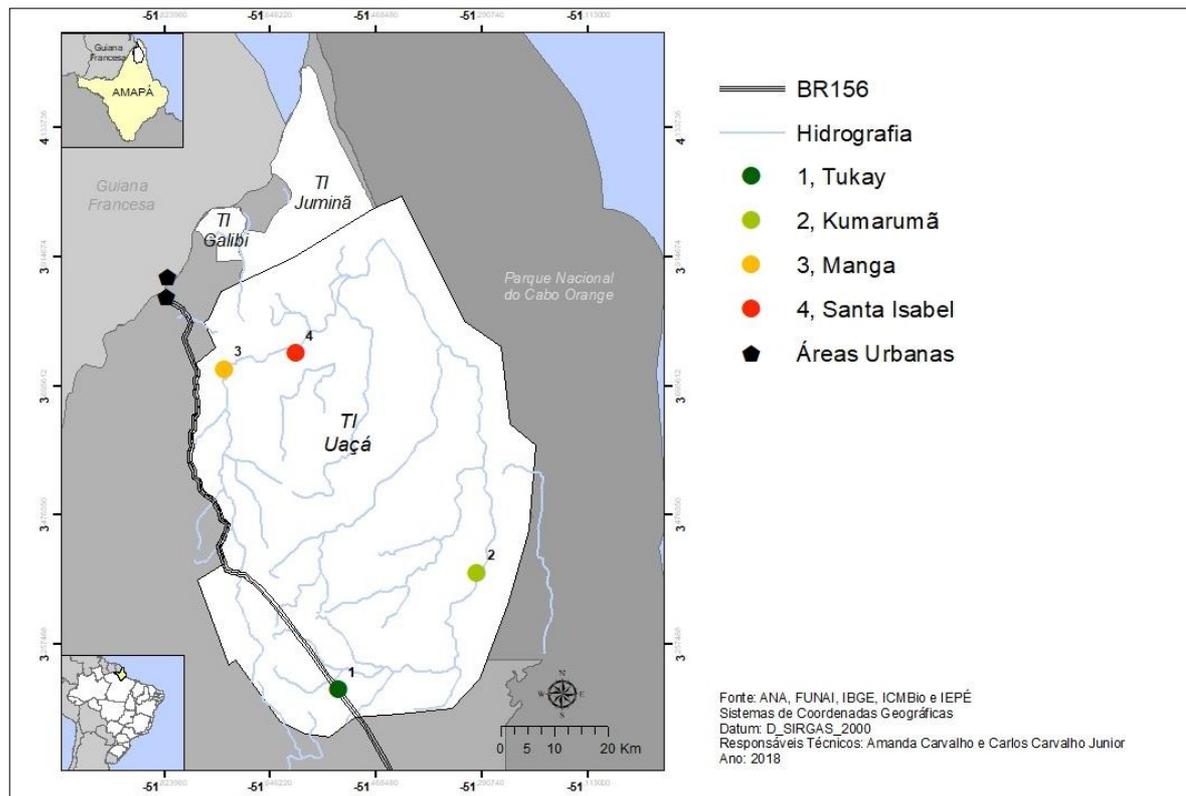
O critério de povoamento da região foi escolhido por causa do histórico de disputas entre Brasil e França. A região do baixo Oiapoque, antes denominada de Contestado, foi alvo de rivalidade entre os dois países por anos, pois, somente na década de 1920, o Estado brasileiro consolida a fronteira com a Guiana Francesa e passa a controlar as populações do Uaçá.

As populações do Uaçá sempre estiveram em processos de coalização e guerras que, ao longo dos últimos séculos, fizeram com que a fronteira entre os povos estivesse em constante redefinição e readaptação.

Como afirma Seu Adailson, indígena da aldeia de Kumarumã, em entrevista para esta pesquisa: “O rio Oiapoque para nós nunca foi uma fronteira [...], sempre tivemos parentes do outro lado [...], eles [os parentes] sempre visitaram a gente e nós eles”. Ou seja, o Rio Oiapoque, que divide os dois países, nunca realmente foi um “divisor” para com os familiares franco-guianenses<sup>6</sup>.

Referente à rede de contatos linguísticos, a escolha da região do Uaçá foi crucial, pois, de acordo com Funai (2011), em uma área de aproximadamente 470 mil ha habitam três sociedades bastante diversificadas entre si, além de estarem próximas a sede do município de Oiapoque e da área fronteira com a Guiana Francesa. No mapa 4 são destacados os pontos de inquéritos escolhidos para esta pesquisa:

Mapa 4 – Rede de Pontos



Elaborado pela autora com revisão técnica de Carlos Carvalho Júnior (CREA-AP)

<sup>6</sup> Para informações mais detalhadas sobre aspectos geográficos, históricos e sociais desses povos, conferir capítulo 2 desta dissertação.

## 4.2 COLABORADORES

No tocante à seleção dos sujeitos desta pesquisa deparou-se com questões importantes, segundo Cardoso (2010), pois deveriam ser consideradas a identificação (naturalidade, vinculações familiares, inserção social), idade, sexo e escolaridade dos colaboradores.

Com relação à identificação dos colaboradores, com base no ALiB e no ALiPAI, objetivando garantir, ao menos, a mínima representatividade dos povos Galibi-Marworno e Karipuna, estipularam-se os seguintes fundamentos:

- (i) Ser natural da aldeia investigada;
- (ii) Possuir pais também naturais dessa comunidade, ou ao menos, da mesma etnia;
- (iii) Não ter se afastado da aldeia por mais de 3 anos.

Sobre os três últimos aspectos: a idade, sexo e escolaridade, eles foram estipulados pelo controle sistemático de variáveis sociais convencionado pela Dialetologia Pluridimensional e Contatual (THUN, 1998) e a Geossociolinguística (RAZKY, 2003), buscou-se atender à seguinte estratificação social:

Quadro 3 – Estratificação Social

	Colaboradores				Total	Total Geral
	Feminino		Masculino			
	A	B	A	B		
Aldeia						
Kumarumã	1	1	1	1	4	16
Manga	1	1	1	1	4	
Santa Izabel	1	1	1	1	4	
Tukay	1	1	1	1	4	

Elaborado pela autora

Observa-se no quadro 3 que a pesquisa trabalhou com quatro colaboradores estratificados para compor a amostra em cada aldeia, sendo dois do sexo feminino (F) e dois do masculino (M), divididos em duas faixas etárias: A (18 a 37 anos) e B (47 a 75 anos), como sugerido no ALiPAI. Atenta-se que neste trabalho não foi possível mensurar a variável escolaridade, pois este critério é bastante oscilante nas sociedades pesquisadas, não permitindo parâmetro para controle.

Como já estabelecido pela metodologia ALiB, antes da inquirição, foram coletados dados sobre o colaborador em uma ficha de informações pessoais: nome, data de nascimento,

idade, sexo, endereço, estado civil, naturalidade, renda familiar, ocupação, naturalidade dos pais e cônjuge, domicílios, motivo e tempo de afastamento da aldeia, entre outros. Registrou-se também a frequência da utilização de meios de comunicação e preferências. É importante salientar que algumas das comunidades pesquisadas possuem um tempo reduzido de energia elétrica, como o caso da aldeia de Kuramarumã, com apenas 6 horas de uso contínuo no período das 18h às 24h.

Logo após a entrevista, foram feitas anotações sobre as características psicológicas, postura e espontaneidade do colaborador durante o inquérito, o ambiente, assim como outras observações. O quadro 4 apresenta informações gerais, recorrentes nas fichas, sobre os 16 colaboradores:

Quadro 4 – Informações dos colaboradores

<b>Aldeia</b>	<b>Código</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>
Kumarumã (Galibi-Marworno)	FAG01	Ensino Médio Completo	Agricultora e artesã
	MBG01	Ensino Médio Completo	Estudante
	FBG01	Ensino Médio Completo	Agricultora
	MBG01	Ensino Médio Completo	Agricultor
Manga (Karipuna)	FAK02	Ensino Fundamental Completo	Estudante e artesã
	MAK02	Ensino Médio Completo	Estudante
	FBK02	Não-Alfabetizada	Dona de Casa e artesã
	MBK02	Ensino Fundamental Completo	Aposentado
Santa Isabel (Karipuna)	FAK03	Ensino Médio Completo	Agricultora e artesã
	MAK03	Ensino Fundamental	Agricultor
	FBK03	Não-Alfabetizada	Agricultora
	MBK03	Não-Alfabetizado	Agricultor
Tukay (Galibi-Marworno)	FAG04	Ensino Médio Completo	Estudante
	MAG04	Ensino Médio Completo	Estudante
	FBG04	Ensino Fundamental Completo	Agricultora
	MBG04	Ensino Fundamental Completo	Aposentado

Elaborado pela autora

Observa-se que no quadro acima os colaboradores foram identificados pelos códigos conforme as variáveis sociais investigadas: ‘F’ para colaboradores do sexo feminino e ‘M’ para colaboradores do sexo masculino; ‘A’ para a primeira faixa-etária e ‘B’ para a segunda; ‘G’ para indígenas Galibi-Marworno e ‘K’ para os Karipuna; a numeração corresponde à ordem de coleta das localidades. Assim, por exemplo, para o código ‘FAG01’ leia-se: Mulher mais jovem Galibi-Marworno de Kumarumã.

Uma das maiores dificuldades foi de encontrar falantes mulheres de Português da segunda faixa etária Galibi-Marworno, visto que a grande maioria delas fala apenas Kheuól e não é alfabetizada.

Pode-se constatar no quadro 3 que, embora a variável escolaridade não tenha sido controlada nesta pesquisa, a maioria dos entrevistados é escolarizada e com Ensino Médio completo. No entanto, na segunda faixa etária, o número de analfabetos é maior.

Segundo um dos entrevistados, atualmente, é mais “fácil” estudar. Com a chegada da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e a criação do Curso Intercultural Indígena na sede de Oiapoque, mais pessoas da comunidade têm buscado o Ensino Superior, assim, mais professores indígenas têm ocupado as salas de aula das comunidades, o que tem refletido nos jovens, pois grande parte já possui Ensino Médio completo. Observa-se ainda que grande parte da população vive da produção de farinha e da confecção de artesanato.

#### 4.3 QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO (QS)

Por esta pesquisa ter sido realizada em comunidades indígenas políglotas, descrever os comportamentos linguísticos dessas populações é imprescindível. O registro de como as relações de contato linguístico têm se dado, torna-se necessária para posterior identificação de fenômenos geossociolinguísticos tanto na variedade do Português como na Língua Kheuól falada pelos Galibi-Marworno e Karipuna, assim como a compreensão da variação diarreferencial que direciona às escolhas linguísticas dos falantes.

Dessa forma, o Questionário Sociolinguístico (QS) utilizado neste trabalho (Anexo A) buscou compreender a realidade dos povos pesquisados, ao menos, parte dela, por meio de observações em campo e de 20 perguntas elaboradas pelo ASLiB. Sendo assim, o QS é dividido em duas seções que abordam tanto a língua indígena quanto a portuguesa: (i) Bilinguismo dos participantes da entrevista; (ii) Bilinguismo na comunidade.

#### 4.4 QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

O QFF adaptado utilizado nesta pesquisa é composto por questões utilizadas no ALiPAI, com acréscimo de perguntas adaptadas para os povos pesquisados (Anexo B). As 164 perguntas visam descrever fenômenos no âmbito vocálico e consonantal e comparar com o ALAP. As questões foram distribuídas da seguinte forma:

Quadro 5 – Distribuição de perguntas do QFF

Classificação do segmento	Contexto	N. da questão	Resposta esperada
Ditongos nasais decrescentes	-	82, 132, 26, 5, 102, 105, 106, 109, 114, 123	Passagem, homem, ruim, televisão, liquidação, calção, união, questão, promoção, coração
Ditongo oral decrescente [aj]	Antes de [ʃ]	6, 139	Caixa, baixa
Ditongo oral decrescente [eɪ]	-	3, 41, 98, 11, 55, 17, 58, 30, 90, 107, 121, 151	Prateleira, manteiga, bandeira, travesseiro, teia, torneira, peixe, peneira, prefeito, companheiro, peito, beijar
Ditongo oral decrescente [eʊ]	-	79, 164	Pneu, morreu
Ditongo oral decrescente [oɪ]	-	63, 142	Noite, doido
Ditongo oral decrescente [oʊ]	-	8, 9, 119, 140	Tesoura, roupa, ouvido, loura
Ditongo oral decrescente [ui]	-	84	Muito
Vogal média pretônica posterior /o/	Tônica	108, 100, 50, 28, 31, 36, 38, 54, 92, 94, 111, 114, 115, 118, 123, 76	Advogado, soldado, cavalo, gordura, colher, tomate, catapora, borboleta, colegas, borracha, inocente, promoção, coroa, orelha, coração, poça
	Hiato	59, 115, 126, 154	Canoa, coroa, joelho, assobio
	Nasal	43, 51, 107, 156	Bonito, montar, companheiro, encontrar
	Começo de palavra	49, 118	Ovelha, orelha
Vogal média postônica /ɔ/	Final de palavra	2, 16, 21, 33, 43, 50, 56, 65, 100, 107, 117, 121, 126, 131, 136, 154	Terreno, elétrico, fósforo, fervendo, bonito, cavalo, rato, ano, soldado, companheiro, pescoço, peito, joelho, vômito, genro, assobio
Vogal nasalizada	Antes de consoante nasal	89, 43, 51, 114, 131, 36, 137, 157, 106, 125, 22, 74, 98, 99, 107, 129, 144, 147, 148, 41, 47, 57, 59, 60, 67, 134, 10, 13, 111, 113, 120, 136, 150, 156, 2, 30, 33, 61, 103, 132, 40, 82, 88, 18, 19, 26, 153, 62	Início, bonito, montar, promoção, vômito, tomate, único, perguntar, união, umbigo, fumaça, número, bandeira, pernambucano, companheiro, banho, sandália, sobancelha, anel, manteiga, planta, elefante, canoa, remando, amanhã, família, caminha, lâmpada, inocente, mentira, dente, genro, presente, encontrar, terreno, peneira, fervendo, fazenda, cinema, homem, gema, passagem, emprego, ímã, ruim, dormindo, naftalina
Vogal média pretônica /e/	Tônica fechada	2, 5, 12, 11, 16, 20, 29, 30, 35, 57, 58, 74, 75, 81, 90, 91, 104, 110, 117, 127, 130, 149, 155, 157, 162, 163, 83, 85	Terreno, televisão, vestido, travesseiro, elétrico, fecha, grelha, peneira, cebola, elefante, peixe, número, estrada, seguro, prefeito, escola, defesa, pego, pescoço, ferida, desmaio, perfume, perdida, perguntar, hospede, esquerdo, real (reais), deve
	Tônica ou átona seguida de consoante nasal	33, 82, 103, 132, 150, 40, 88, 113, 120, 156	Fervendo, passagem, cinema, homem, presente, gema, emprego, mentira, dente, encontrar

	Em começo de palavra e antes de /s/ em coda silábica	75, 91, 163	Estrada, escola, esquerdo
	Fim de palavra átona	46, 57, 58, 63, 70, 85, 120, 149, 150, 162	Árvore, elefante, peixe, noite, tarde, deve, dente, perfume, presente, hóspede
	Em des(s)-, prefixo ou não	77, 130	Desvio, desmaio
Encontros consonantais	-	3, 4, 47, 48, 80, 114, 146, 147, 150, 156, 88, 90, 29, 86, 97, 39, 78, 7, 11, 16, 71, 75, 87, 108, 79, 62	Prateleira, prato, planta, placa, vidro, promoção, braguilha, sobranceira, presente, encontrar emprego, prefeito, grelha, obrigado, Brasil, clara, bicicleta, catraia, travesseiro, elétrico, três, estrada, trabalhar, advogado, pneu, naftalina
Proparoxítonas	-	13, 21, 23, 46, 68, 74, 122, 137, 162	Lâmpada, fósforo, pólvora, árvore, sábado, número, figado, único, hóspede
Oclusivas alveolares /t/ e /d/	Antes de [i]	64, 155, 32, 70, 162, 111, 113, 135, 12, 57, 63, 120, 150	Dia, perdida, liquidificador, tarde, hospede, inocente, mentira, tio, vestido, elefante, noite, dente, presente
Dígrafo /k <sup>w</sup> /	Antes de [i]	32, 102	Liquidificador, liquidação
/h/	Inicial	9, 26, 44, 45, 56, 60, 83, 95	Roupa, ruim, rosa, roxo, rato, remando, real, rasgar
	Intervocálico	2, 24, 27, 94, 101, 152, 164	Terreno, varrer, arroz, borracha, correio, sorriso, morreu
/h, r, ɾ/ em coda silábica	Medial	149, 28, 70, 155, 163, 33, 46, 157, 54, 153, 17, 99, 112, 73	Perfume, gordura, tarde, perdida, esquerdo, fervendo, árvore, perguntar, borboleta, dormindo, torneira, pernambucano, certo, catorze
	Final	19, 42, 51, 95, 151, 156, 157, 24, 31, 158, 32, 69	Ímpar, botar, montar, rasgar, beijar, encontrar, perguntar, varrer, colher, sair, liquidificador, calor
Lateral /l/	Em coda silábica	25, 34, 105, 138, 53, 148, 97, 100, 66, 96	Almoço, sal, calção, alta, mel, anel, Brasil, soldado, sol, azul
	Antes de [i] e [j]	134, 144, 32, 102	Família, sandália, liquidificador, liquidação
Lateral /ʎ/	Em sílaba tônica	31, 49, 52, 87, 118, 133, 146, 147	Colher, ovelha, abelha, trabalhar, orelha, mulher, braguilha, sobranceira
	Em sílaba átona	116, 126, 143, 159	Olho, joelho, velho, barulho
/s/ em coda silábica	Antes de oclusivas	128, 37, 162, 75, 109, 124, 95, 91, 117	Caspa, casca, hospede, estrada, questão, costas, rasgar, escola, pescoço
	Antes de fricativas	21, 77	Fósforo, desvio
	Antes de nasais	130, 161	Desmaio, mesma
	Antes de africadas	12	Vestido
	Em final de palavra	124, 15, 14, 27, 71, 93, 141	Costas, capuz, luz, arroz, três, dez, giz, voz, paz
Nasal /n/	Antes de [i] e [j]	89, 106, 137, 43	Início, união, único, bonito

Nasal /ɲ/	Antes de [i]	10	caminha
	Em sílaba tônica	67, 107, 129	Amanhã, companheiro, banho
Palavras com –nd	-	33, 60, 61, 98, 144, 153	Fervendo, remando, fazenda, bandeira, sandália, dormindo

Elaborado pela autora

Observa-se no quadro que a organização do QFF buscou contemplar os contextos linguísticos já investigados em outras pesquisas dialetológicas realizadas no Brasil permitindo também futuras comparações.

#### 4.5 COLETA DE DADOS

Para a realização da coleta de dados, no primeiro momento foram realizadas duas viagens de curta duração nos meses de janeiro e fevereiro de 2018 a fim de conhecer melhor o município, localizar possíveis contatos com os colaboradores da pesquisa, além de testar a primeira versão do QFF com quatro estudantes indígenas da UNIFAP – Campus Binacional Oiapoque, para determinar as perguntas permanentes dos questionários.

Nesse período ainda não se possuía a autorização da FUNAI, ou seja, não se podia acessar as TIs. Com a liberação da FUNAI e dos caciques, entre abril e julho de 2018 se teve acesso à TI Uaçá, juntamente com professores da UNIFAP, assim como aos pontos de inquérito. Feitos esses passos importantes da pesquisa, deu-se início às ações que permitiram a aplicação dos questionários fonético-fonológico e sociolinguístico.

Para isso, foi realizada uma viagem de campo, juntamente com o Projeto de Valorização das Línguas Crioulas (CAMPETELA et al., 2014), no começo do ano de 2018 a fim de aproveitar a época de cheia dos rios da região do baixo Oiapoque e por não ser o período de roça das aldeias. No entanto, o deslocamento via terrestre foi prejudicado devido aos atoleiros na BR-156, que liga Macapá a Oiapoque. Os inquéritos foram realizados em diferentes espaços: dentro das aldeias (Figura 6); na UNIFAP, Campus Macapá e Oiapoque; e na Casa de Apoio à Saúde Indígena do Amapá (CASAI), localizada na capital.

Figura 6 – Entrevista com colaboradora



Foto: Takumã Kuikuro (2018)

Os moradores das comunidades visitadas se mostraram sempre receptivos e prestativos, auxiliando na busca por colaboradores. A maioria das vezes se fez contato por meio dos professores indígenas do Curso Intercultural Indígena da UNIFAP com algum morador da comunidade.

Como pode ser observado na figura 7, ocorreram algumas reuniões com professores das aldeias para discutir como a comunidade poderia ajudar na pesquisa e como este trabalho retornaria para as aldeias.

Figura 7 – Reunião com a comunidade na aldeia Kumarumã



Foto: Takumã Kuikuro (2018)

Durante as entrevistas, foram anotadas informações na ficha do colaborador, da localidade e nos questionários, para depois serem catalogadas em planilha Excel. As inquirições foram todas registradas com o gravador digital *Zoom H4n Pro*, com os microfones ajustados no ângulo de 90° para focagem de som, em formato MP3.

Após a conversa inicial, explicou-se para o colaborador como funcionaria a entrevista. As inquirições ocorreram na seguinte ordem de aplicação: 1º questionário do colaborador; 2º da localidade; 3º sociolinguístico; 4º fonético-fonológico. Durante a aplicação do 4º questionário, o QFF, primeiramente era realizada a pergunta, caso o colaborador não entendesse ou não lembrasse da resposta, a questão era anotada no QFF e retomada ao final da aplicação.

O primeiro ponto de inquérito, a aldeia Tukay, pertence ao povo Galibi-Marworno e está localizada na BR-156, próxima ao Assentamento Vila Velha do Cassiporé, a cerca de 90 km da sede de Oiapoque.

Figura 8 – Placa de identificação da Aldeia Indígena Tukay



Foto: Judson Barros (2018)

A localidade Tukay foi visitada brevemente para conhecer a comunidade e realizar contatos. Com isso, em outro momento, foram realizadas entrevistas na Casa do Índio em Macapá e também dentro da UNIFAP. Os primeiros contatos com indígenas dessa comunidade ocorreram durante o tempo passado em Oiapoque e também no trabalho de campo em Kumarumã. Houve dificuldades em encontrar colaboradores que falassem PB, pois muitos só falam em Kheuól, principalmente os mais velhos, porém, ao final, se conseguiu realizar todas as entrevistas.

Em seguida, tem-se o ponto 2, a aldeia Kumarumã: uma grande ilha à margem direita do médio curso do Rio Uaçá, pertencente ao povo Galibi-Marworno. Para acesso à comunidade, primeiramente é necessário ir para a Aldeia Manga, do povo Karipuna, para poder ter acesso a uma embarcação, conhecida na região como “voadeira”, através do Rio Uaçá. Após aproximadamente sete horas de viagem, é possível avistar a aldeia.

Ao chegar em Kumarumã, de imediato, é possível observar a força da língua Kheuól como primeira língua (L1). Como os colaboradores da localidade afirmaram durante a aplicação do questionário sociolinguístico, a língua falada no dia a dia é o Kheuól, o Português só é utilizado por eles quando há necessidade de comunicação com pessoas que não moram na

aldeia, como pesquisadores, professores do Sistema Modular de Ensino Indígena (SOMEI), ou até mesmo pessoas de outros povos indígenas da região.

Figura 9 – Aldeia Kumarumã



Foto: Amanda Carvalho (2018)

Durante as entrevistas, em unanimidade, sempre que as perguntas eram feitas, os colaboradores primeiramente respondiam em Kheuól e só depois falavam a resposta correspondente em Português, tanto que, devido à força linguística da L1 na aldeia, houve muitas dificuldades em encontrar colaboradoras da segunda faixa etária, pois a maioria delas não falavam Português, mas, ao final, conseguiu-se localizar o número de pessoas necessárias.

O terceiro ponto de inquérito visitado foi a Aldeia Manga, que está localizada próxima à BR-156, que liga Macapá ao Oiapoque. Essa comunidade, pertencente ao povo Karipuna, apresenta maior facilidade de acesso em comparação as outras localidades selecionadas para esta pesquisa devido à proximidade com a sede do município de Oiapoque.

Figura 10 – Área de embarcações da Aldeia Manga



Foto: Projeto de Valorização das Línguas Crioulas do Amapá (2018)

Para a aplicação dos instrumentos desta pesquisa em Manga, houve o auxílio de indígenas Galibi-Marworno que estudam na UNIFAP Campus Oiapoque, assim, entrou-se em contato com os professores da Escola Estadual Jorge Iaparrá, ex-alunos do Curso Intercultural Indígena da UNIFAP, que foram muito solícitos e ajudaram a encontrar os colaboradores da pesquisa. Durante a aplicação dos questionários, percebeu-se que nessa comunidade, a língua majoritária é o PB, o que se confirmou durante a aplicação do questionário sociolinguístico, pois todos os colaboradores afirmaram que a única língua utilizada cotidianamente é o PB, o Kheuól é utilizado em sua maioria pelos mais velhos e na escola pelos jovens.

O último ponto de inquérito foi a Aldeia Santa Isabel (Ponto 4), localizada às margens do Rio Curipi (Figura 11), da sociedade Karipuna. O deslocamento foi feito de voadeira até a comunidade, logo depois do retorno do Ponto 1 e, assim como em Kumarumã, o único acesso é através do rio. Acrescenta-se ainda que, embora a aldeia tenha sido visitada de forma breve, as entrevistas foram realizadas na sede do município de Oiapoque, por intermédio de indígenas do Curso Intercultural Indígena da UNIFAP.

Figura 11 – Rio Curipi



Foto: Projeto Valorização das Línguas Crioulas do Amapá (2018)

Figura 12 – Indígenas da comunidade Santa Isabel



Foto: Projeto de Valorização das Línguas Crioulas do Amapá (2018)

Nesta comunidade, a língua majoritária é o PB. Os colaboradores de Santa Isabel admitiram que poucos falam Kheuól, apenas os mais velhos usam a língua. Acrescenta-se também que muitos projetos têm sido realizados para retomada da língua na comunidade, promovidos pelos acadêmicos do Curso Intercultural Indígena da UNIFAP, como afirmaram os entrevistados.

De modo geral, apesar dos impedimentos que surgiram por causa da demora na liberação de autorização de entrada às TIs, dos atoleiros na BR-156 (por não ser totalmente asfaltada, uma vez que a viagem ocorreu em períodos de chuva) e de duas das localidades terem acesso somente por via fluvial, conseguiu-se realizar a coleta de campo em todos os pontos de forma satisfatória.

#### 4.6 TRATAMENTO DOS DADOS

Com a aplicação dos instrumentos desta pesquisa foram gerados 16 arquivos em formato MP3 com duração total de 9 horas e 44 minutos de gravação contendo o resultado da aplicação de duas fichas (do colaborador e da localidade) e dois questionários (fonético-fonológico e sociolinguístico) transcritos pela própria pesquisadora, que obedeceu as regras estabelecidas pelo ALiB, no que tange à transcrição grafemática. A transcrição foi iniciada com a resposta do colaborador, sendo marcado com a legenda INQ. (inquiridor), COL. (colaborador), assim como palavras inteligíveis.

Com a parte grafemática completa, a transcrição fonética foi realizada pelo método de oitiva com revisão de dois profissionais da área, sendo um deles indígena, falante de Kheuól. Foram utilizados os símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) por meio da fonte SIL Doulos IPA (SILDIPAR.TTF).

Em seguida, os dados da pesquisa foram tratados no editor de planilhas Excel 2013, com o objetivo de calcular as porcentagens e gerar tabelas com os resultados, como pode ser observado na figura 13. Preferiu-se por analisar os fenômenos tanto no aspecto espacial como no social. Nas cartas estratificadas, os gráficos apresentam as porcentagens da ocorrência de acordo com gênero e faixa etária, pois dessa maneira, acredita-se, seria mais representativo. A imagem abaixo apresenta o *layout* do editor de planilhas utilizado.

Figura 13 – Tratamento no editor de planilhas

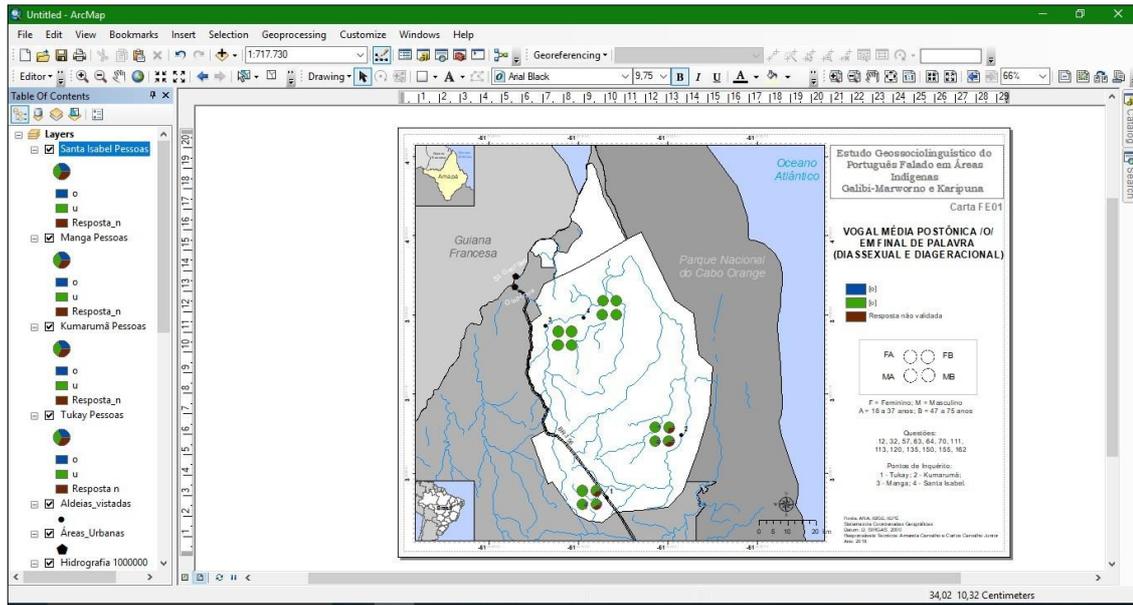
The image shows a screenshot of the Microsoft Excel 2010 interface. The title bar reads 'vogal medica postonica\_o\_ em final de palavra (version 1) [Salvo automaticamente]'. The ribbon is set to 'PÁGINA INICIAL' (Home). The spreadsheet contains a large table with multiple columns and rows. The data is organized into several vertical sections, each with a header row. The data appears to be a list of items with various attributes. The interface includes the ribbon with tabs like 'ARQUIVO', 'PÁGINA INICIAL', 'INSERIR', 'LAYOUT DA PÁGINA', 'FÓRMULAS', 'DADOS', 'REVISÃO', and 'EXIBIÇÃO'. The status bar at the bottom indicates 'Elaborado pela autora'.

Elaborado pela autora

#### 4.6.1 Procedimentos de Cartografia

Após a transcrição e organização dos dados, optou-se por utilizar o programa de geoprocessamento *ArcMap* (ESRI, 2009), juntamente com dados disponíveis na internet em formato de *shapefile*<sup>7</sup>. Na figura 14 se pode observar a interface do programa *ArcMap* durante a elaboração de uma carta linguística, tendo em vista as camadas (*layers*) que correspondem as informações que estão inseridas no documento, tais como: hidrografia, áreas urbanas, divisões de limites fronteiriços e estaduais, rodovias, aldeias etc.

<sup>7</sup> Segundo o programa de geoprocessamento *ArcMap* (ESRI, 2009), o *shapefile* é um formato popular de arquivo que contém dados geoespaciais em forma de coordenadas vetoriais utilizado pelo Sistema de Informações Geográficas (SIG), caracterizado pela simplicidade na edição e criação de mapas e da grande disponibilidade do formato na internet por meio de *sites* governamentais.

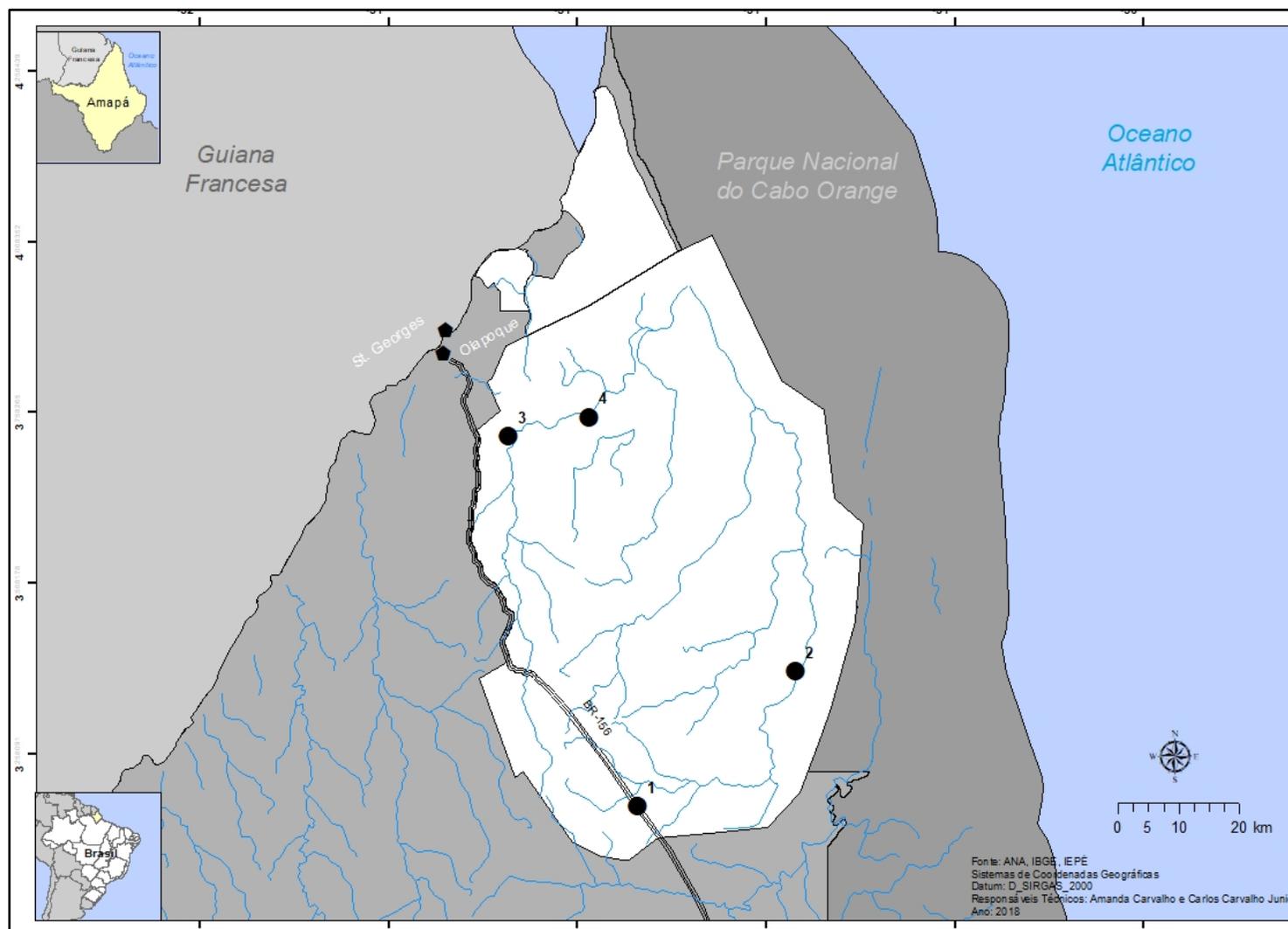
Figura 14 – Interface do software *ArcMap*

Elaborado pela autora

Acrescentou-se que algumas informações geográficas contidas nas cartas linguísticas foram mapeadas em trabalho de campo com o GPS (*Global Positioning System*) Garmin Etrex 10, com o auxílio e revisão de um profissional da área, por causa da criação de novas aldeias ainda não registradas nos mapas da região do baixo Oiapoque.

De maneira geral, com o auxílio de um profissional, foram elaborados os seguintes mapas sobre a região pesquisada: (i) Mapa de localização das Terras Indígenas e Aldeias do Oiapoque (Mapa 1); (ii) Terras Indígenas do Amapá (Mapa 2); (iii) Mapa hidrográfico do município de Oiapoque (Mapa 3); (iv) Situação dos atlas estaduais brasileiros (Mapa 4); (v) Mapa de rede de pontos (Mapa 5); (vi) Base cartográfica para as cartas linguísticas (Mapa 6).

Mapa 6 - Base cartográfica para as cartas linguísticas



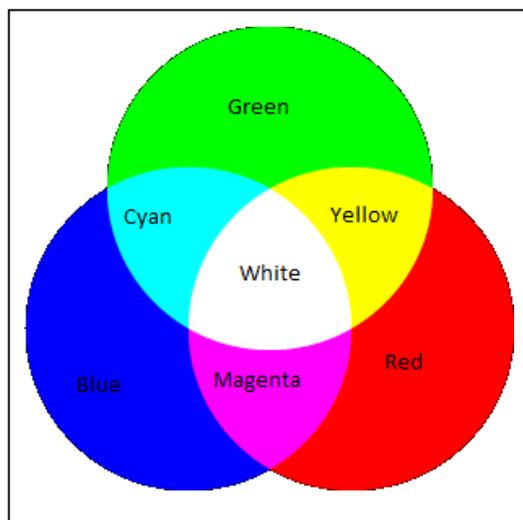
Elaborado pela autora com revisão técnica de Carlos Carvalho Júnior (CREA-AP)

#### 4.6.2 Organização das Cartas Linguísticas

Com vistas a atender os elementos da cartografia moderna e do *software* utilizado para a geração dos mapas temáticos, as cartas linguísticas apresentam características distintas criadas com objetivo de propiciar melhor compreensão do entendimento do leitor, dessa forma, optou-se por:

- 4.6.2.1 Padronizar quanto à escala, limite de fronteira, ponto de inquérito georreferenciados, hidrografia, títulos e legendas;
- 4.6.2.2 Destacar as Terras indígenas na cor branca e, ao fundo, a cor cinza em tom claro para o país vizinho e, em tom escuro, as áreas de reserva;
- 4.6.2.3 Enumerar e marcar as localidades pesquisadas com um círculo na cor preta;
- 4.6.2.4 Marcar as áreas urbanas próximas com um pentágono em preto;
- 4.6.2.5 Padronizar as cores das variantes com base no sistema de cores aditivo RGB (red, green e blue) em que o vermelho, o verde e o azul são combinados de várias formas de modo a reproduzir um espectro cromático, como pode ser observado na figura 15.

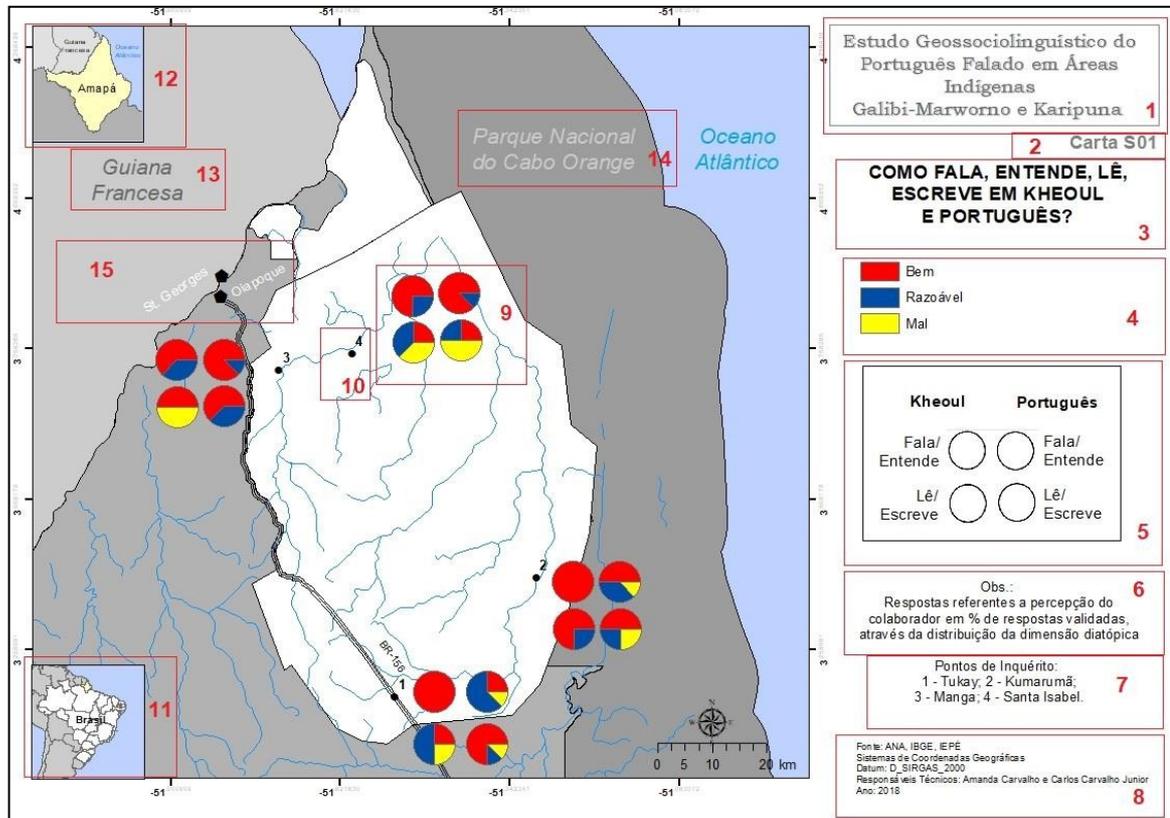
Figura 15 – Espectro cromático RGB



Fonte: *Teach Engineering* (2018)

Com base na padronização destacada acima, a seguir, serão detalhadas as informações destinadas às cartas linguísticas Dialingual, Diatópica e Diassexual-Diagenérica.

## Carta Linguística 4 – Explicativa



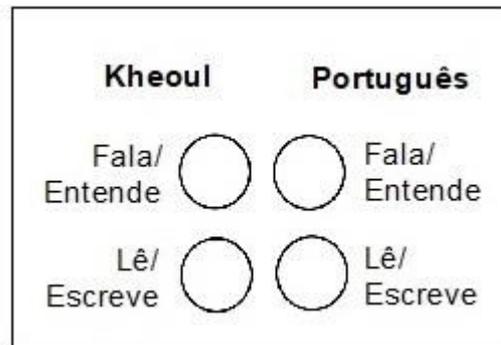
Elaborado pela autora com revisão técnica de Carlos Carvalho Júnior (UEAP)

1. Identificação do trabalho;
2. Número da carta;
3. Identificação do fenômeno linguístico;
4. Dados linguísticos;
5. Demonstrativo de estratificação (pode ser substituído por gráfico geral em cartas diatópicas);
6. Observações;
7. Listagem de pontos de inquérito;
8. Fonte de *shapefiles*
9. Gráficos por localidade;
10. Pontos de inquérito no mapa;
11. Mapa do Brasil;
12. Mapa do Amapá;

13. Limites geográficos.
14. Reversa ecológica;
15. Áreas urbanas.

Para o modelo de carta dialingual, aplicou-se um módulo dos comentários metalinguísticos para agrupar as habilidades de fala/entende e lê/escreve do Questionário Sociolinguístico (QS) em uma mesma carta, por meio de quatro gráficos no formato pizza na disposição demonstrada na imagem abaixo, tendo em vista que não foram encontrados casos em que algum colaborador “falasse”, mas não “entendesse”, ou que “entendesse” e não “falasse”, assim como “lê” e não “escreve” e vice-versa.

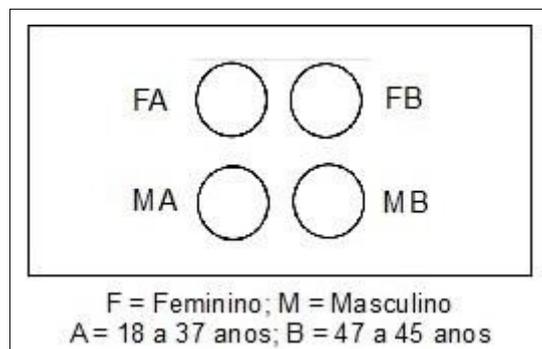
Quadro 6 – Demonstrativo de estratificação para a carta dialingual



Elaborado pela autora

Para as cartas diatópicas, é apresentado um gráfico em formato de pizza com dados linguísticos gerais para as localidades pesquisadas. Por outro lado, para as cartas estratificadas por sexo e faixa etária, optou-se por utilizar a organização abaixo.

Quadro 7 – Demonstrativo de estratificação para carta diassexual/diagenérica



Elaborado pela autora

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com base na amostra de dados linguísticos coletados nas comunidades indígenas pesquisadas, neste capítulo serão cartografados e analisados: (i) a variação sociolinguística em relação ao uso em Kheuól (KH) e Português Brasileiro (PB) na fala dos colaboradores; (ii) a variação fonética do PB indígena por meio das realizações com maior produtividade em consideração às dimensões espacial (diastrática) e social (diassexual e diageracional) da Dialetoologia Pluridimensional e Contatual (THUN, 1998), por meio de cartas linguísticas, gráficos e tabelas com suas respectivas porcentagens.

### 5.1 VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

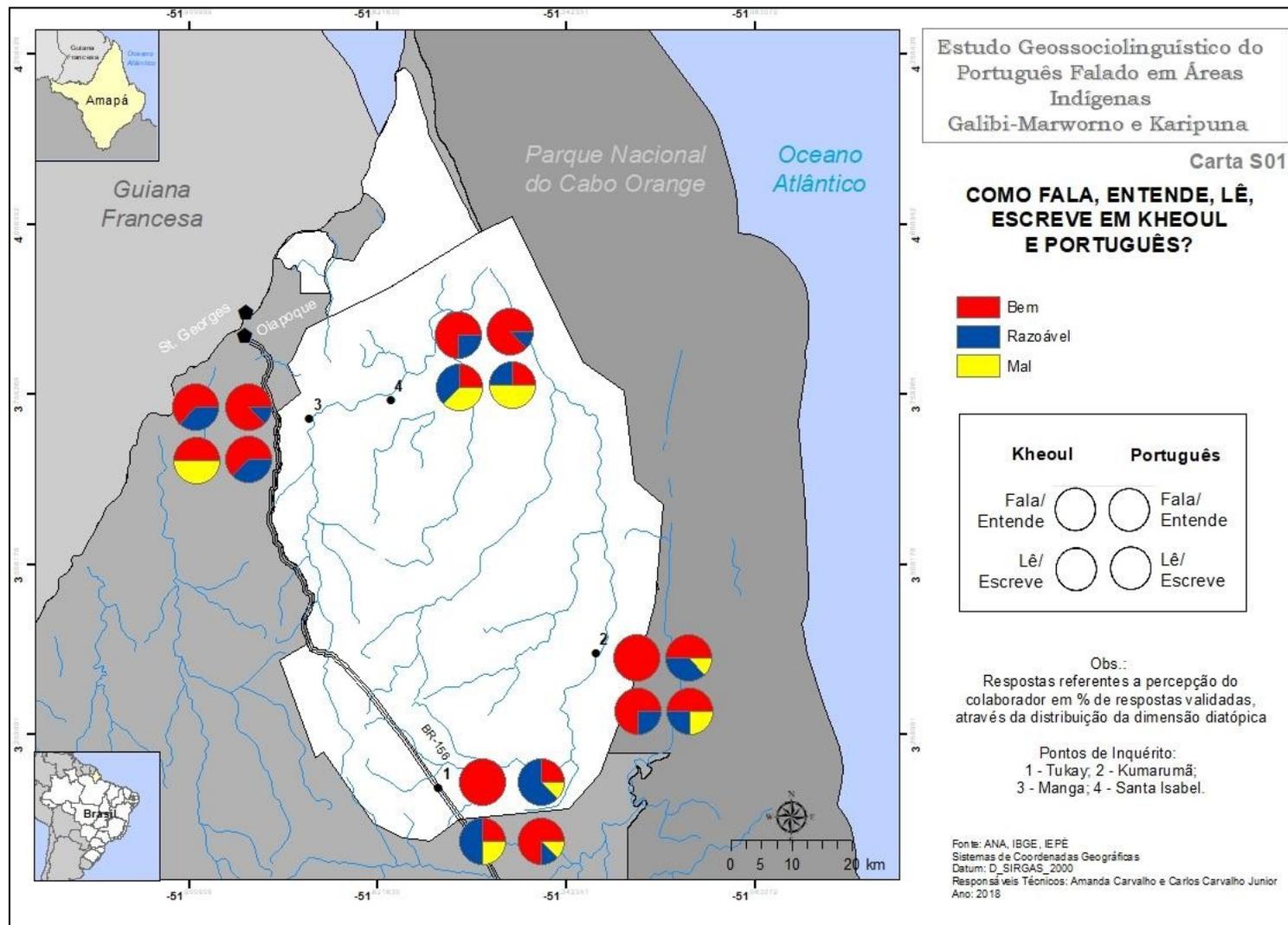
Nesta seção, discutimos os comportamentos linguísticos e comentários metalinguísticos/epilinguísticos, caracterizados como Variação Diarreferencial, por meio de uma carta dialingual, com o objetivo de discutir o contexto de uso das aldeias pesquisadas e a percepção linguística dos colaboradores no que diz respeito a sua fala e da comunidade que eles vivem.

Dessa forma, em conformidade com a perspectiva sociolinguística de análise e as produções acerca do ensino de língua nas comunidades pesquisadas (ver seção 2.5), optou-se pela elaboração de uma carta linguística que apresente as respostas referentes às perguntas 1 e 5 do QS.

Tanto a pergunta 1 quanto a 5 questionam como os colaboradores *falam, entendem, leem, escrevem, cantam, imitam, xingam, rezam, pensam e sonham* em PB e em KH. Para cada questão foram disponibilizadas três alternativas: bem, razoável e mal. Contudo, para a cartografia dos resultados, foram selecionadas apenas as atitudes linguísticas: *fala, entende, lê* e *escreve*, pois foram as que melhor se adaptaram as características culturais dos povos pesquisados.

A carta linguística dos povos Galibi-Marworno e Karipuna apresentada abaixo demonstra a distribuição das perguntas 1 e 5 com os percentuais nas quatro aldeias pesquisadas.

Carta Linguística 5 – Como fala, entende, lê e escreve em Kheuól e Português



Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se na carta 5 que o uso linguístico dos falantes varia bastante entre os povos em relação às habilidades selecionadas. Na língua KH, as habilidades de “fala” e “entende” foram avaliadas positivamente pelos colaboradores, tendo em vista o registro “mal” não ter sido identificado em nenhum dos pontos de inquérito e “razoável”, apenas nas aldeias Karipuna pesquisadas.

No tocante a “lê/escreve” em KH, assim como em “fala/entende”, “bem” registra a maior porcentagem, no entanto, os valores relacionados a “razoável” e “mal” se diversificam de acordo com a comunidade. No ponto 1 e 2, embora sejam ambos Galibi-Marworno, registram-se diferentes porcentagens a respeito da percepção dos colaboradores para “fala/entende”. Em Tukay, ponto 1, o registro de “razoável” exibe maior porcentagem do que “bem” e “mal”. Em contrapartida, Kumarumã, ponto 2, a avaliação de “bem” é mais frequente e “mal” não é descrito.

Por outro lado, nos pontos de inquérito Karipuna há maior registro de “mal” em “lê/escreve” sobre KH do que foi descrito pelos Galibi-Marworno. Na aldeia Manga (Ponto 3), houve registros apenas de “bem” e “mal” e em Santa Isabel (Ponto 4), “razoável” e “mal” aparecem bastante equilibrados em suas realizações.

Contudo, com a discriminação dos usos de “fala/entende” e “lê/escreve” em KH, como pode ser constatado no quadro abaixo, identifica-se que as mulheres, em sua maioria, avaliam positivamente (70,31%)<sup>8</sup> as suas habilidades em comparação aos homens, além de que o registro de “mal” ter sido identificado apenas nos colaboradores da 2ª faixa etária, tanto pelo sexo feminino quanto pelo masculino (Quadro 8).

Quadro 8 – Resposta dos colaboradores – Uso em Kheuól

Habilidades Linguísticas	Kheuól															
	Galibi-Marworno								Karipuna							
	Tukay				Kumarumã				Manga				Santa Isabel			
	FA	FB	MA	MB	FA	FB	MA	MB	FA	FB	MA	MB	FA	FB	MA	MB
Fala	B	B	B	B	B	B	B	B	R	B	R	R	B	B	R	B
Entende	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	R	B
Lê	B	B	B	R	B	R	B	B	B	M	B	M	B	M	R	R
Escreve	B	B	B	M	B	R	B	B	B	M	B	M	B	M	R	M
Bem= 70,31%; Razoável= 17, 19%; Mal= 12,50%.																

Fonte: Dados da pesquisa

<sup>8</sup> Como coincide de um mesmo colaborador pertencer a ambos critérios de análise (faixa etária e sexo), a porcentagem é dada pelo total de dados coletados (64).

Referente ao PB, as habilidades de “fala/entende” apresentam, em sua maioria, a avaliação de “bem” nas comunidades pesquisadas, com o registro de “mal” (12,50%) apenas nas aldeias Galibi-Marworno.

Para as habilidades “lê/escreve” em PB, nos pontos de inquérito 1, 2 e 3, a avaliação de “bem” foi a mais produtiva. No entanto, no ponto 4, o índice para “mal” foi o mais alto. Ressalta-se que no ponto 3, na Aldeia Manga, não houve registro de “mal”.

Com a separação das habilidades selecionadas, disponibilizadas no quadro 8, observa-se que a avaliação de “mal” sobre as habilidades de leitura e escrita PB são mais frequentes na percepção dos colaboradores da 2ª faixa etária. Consta-se ainda que o índice “regular” é mais constante nas respostas Galibi-Marworno do que nas apresentadas pelos Karipuna (Quadro 9).

Quadro 9 – Resposta dos colaboradores – Uso em Português

Habilidades Linguísticas	Português															
	Galibi-Marworno								Karipuna							
	Tukay				Kumarumã				Manga				Santa Isabel			
	FA	FB	MA	MB	FA	FB	MA	MB	FA	FB	MA	MB	FA	FB	MA	MB
Fala	R	M	R	B	M	R	R	B	B	R	B	B	B	B	B	R
Entende	B	R	R	R	R	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B
Lê	R	M	B	R	R	B	B	B	R	M	R	M	B	M	R	M
Escreve	R	M	B	R	R	R	B	B	R	M	R	M	B	M	R	M
Bem= 46,03%; Razoável= 36, 51%; Mal= 17,46%																

Fonte: Dados da pesquisa

Dessa forma, com base nas amostras coletadas e nas observações em pesquisa de campo, é possível delinear, preliminarmente, o perfil sociolinguístico dos povos Galibi-Marworno e Karipuna.

Embora a presença do PB nas comunidades não seja recente (ver capítulo 1), a recepção da língua foi bastante diferente nas comunidades. Os Galibi-Marworno apresentam maior resistência na utilização do PB em suas aldeias, utilizando o KH nas atividades rotineiras, pois, segundo os colaboradores, o PB só é utilizado nas aldeias quando há presença de pessoas de fora da comunidade, como os professores da UNIFAP, pesquisadores, comerciantes ou indígenas de outros povos.

Em contrapartida, a aceitação do PB nas comunidades Karipuna pesquisadas é maior em comparação com as Galibi-Marworno. Os colaboradores afirmam que apesar da criação de

diversos projetos para valorização do KH nas aldeias Karipuna sejam bastante frequentes, a presença do PB ainda é bastante forte, sobretudo entre os mais jovens.

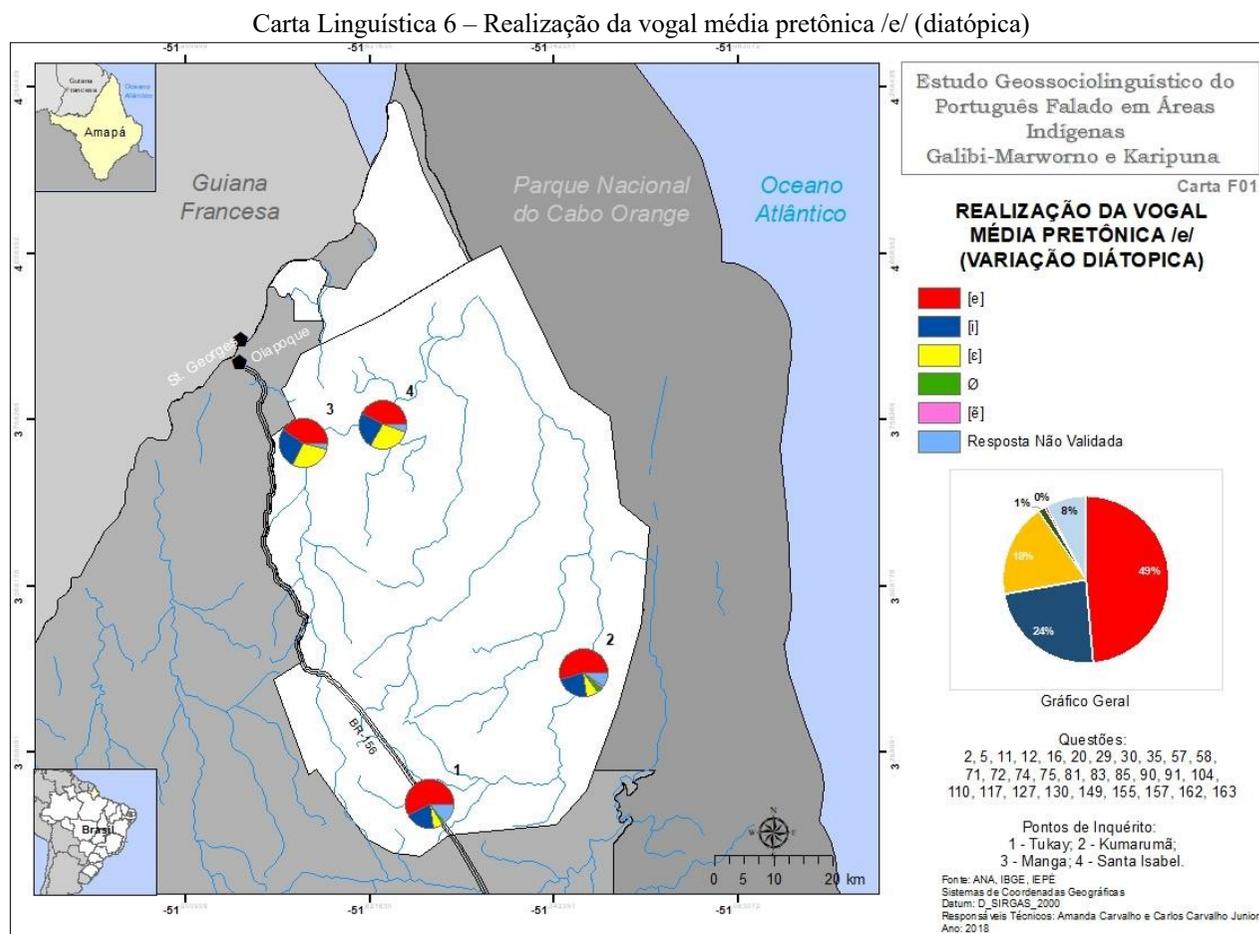
## 5.2 VARIAÇÃO FONÉTICA

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos a respeito da variação fonética do PB falado por meio da cartografia e análises fonéticas mais produtivas encontradas nas amostras de dados coletadas nas comunidades Galibi-Marworno e Karipuna.

Para a cartografia e discussão dos resultados, analisaram-se quatro realizações dentre as mais produtivas, sendo três vocálicas e uma consonantal. Primeiramente, elas serão comentadas pela perspectiva geográfica (dimensão diatópica) e, em seguida, pela perspectiva social (dimensões diassexual e diagenérica), como pode ser observado a seguir.

## 5.2.1 Realização da vogal média pretônica /e/

### 5.2.1.1 Análise diatópica



Fonte: Dados da pesquisa

Com base nos resultados obtidos, podemos afirmar que a realização da variante da vogal média pretônica anterior [e] é a mais utilizada em todas as aldeias pesquisadas com o total de 49% dos dados gerais, seguida de [i] com 24%, [ɛ] com 18%, 8% de respostas não esperadas e 1% destinado ao apagamento vocálico.

Nas aldeias Galibi-Marworno, as localidades 1 e 2, Tukay e Kumarumã, respectivamente, registram aproximadamente 60% das ocorrências com a variante [e], seguido de [i] com 20% e [ɛ] com 9%. O ditongo [eɪ] e as “respostas não esperadas” apresentam maior produtividade na localidade 1 com 6% e 12% respectivamente. Registra-se ainda a presença da variável [ẽ] apenas nos pontos de inquérito 1 e 2 e o “apagamento” no ponto 2 com 3% dos dados.

Nas aldeias Karipuna, as localidades 3 e 4, Manga e Santa Isabel, apresentam em valores aproximados: 37% das ocorrências de [e], 25% de [ɛ], 24% de [i], 10% de [eɪ] e 4% de “respostas não esperadas”. Dessa forma, podemos observar que os pontos de inquérito 3 e 4 apresentam maior equilíbrio na utilização das segundas variantes, além do não registro de [ẽ] e do baixo percentual de respostas não esperadas.

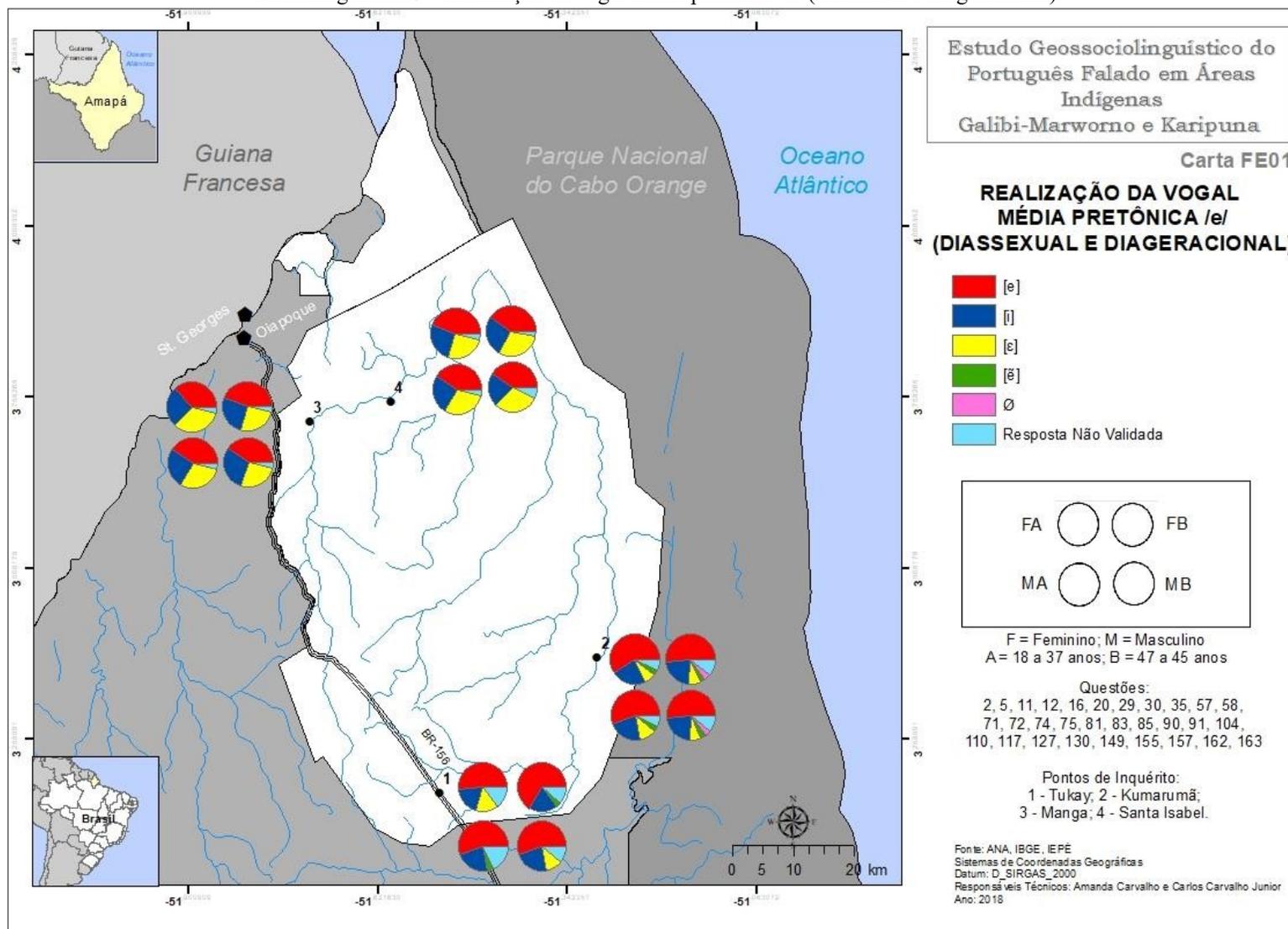
Em relação aos trabalhos anteriormente mencionados sobre o assunto, os dados gerais para a realização da vogal média pretônica /e/ apresentados nesta seção corroboram com a descrição realizada pelo ALAP, pois a análise do PB falado nas quatro aldeias indígenas pesquisadas mostram que existe um contínuo dialetal da vogal média pretônica [e].

Esse contexto nos permite propor que o falar regional do PB dos colaboradores não indígenas, que habitam áreas próximas às aldeias pesquisadas, é propagado nas áreas indígenas, formando, conseqüentemente, um contínuo de fala com marcas regionais.

#### 5.2.1.2 Análise Social

A análise geográfica sobre a realização da vogal média pretônica anterior /e/ mostrou que a variante [e] é a mais produtiva nas amostras coletadas. Por outro lado, a análise social apresenta que as variáveis de idade e sexo preferem a manutenção da vogal /e/, sendo assim, os resultados do ponto de vista diatópico são mais significativos na escolha da vogal. Contudo, observam-se algumas tendências apontadas nas referidas variáveis:

Carta Linguística 7 – Realização da vogal média pretônica /e/ (diassexual e diageracional)



Fonte: Dados da pesquisa

Nas comunidades Galibi Marworno, em relação à idade, observou-se que nos pontos de inquérito, a variante [ɛ] é utilizada apenas pela primeira faixa-etária com 5%, em contrapartida, o [ẽ] é realizado apenas pela segunda faixa-etária com 1%. Destaca-se, ainda, que o apagamento [Ø] de [e] é empregado apenas na segunda faixa etária. Ressalta-se que a variável sexo não apresentou tendências significativas para esse segmento (Quadro 10).

Quadro 10 – Estratificação por faixa etária e sexo da realização da vogal média pretônica /e/ nas localidades Galibi-Marworno

Variantes	Faixa-etária		Sexo	
	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	Feminino	Masculino
[e]	28%	28%	28%	28%
[i]	10%	10%	9%	10%
[ɛ]	5%	2%	4%	4%
[ei]	2%	2%	2%	2%
[ẽ]	1%	2%	1%	1%
Ø	0%	1%	0%	0%
Resposta não-validada	4%	6%	5%	5%

Fonte: Dados da pesquisa

Nas localidades Karipuna pesquisadas, ao se considerar as variáveis de idade e sexo, percebe-se que não houve registros com tendências significativas. O quadro 11 reforça tais considerações.

Quadro 11 – Estratificação por faixa etária e sexo da realização da vogal média pretônica /e/ nas localidades Karipuna

Variantes	Faixa-etária		Sexo	
	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	Feminino	Masculino
[e]	18%	19%	19%	18%
[i]	12%	12%	12%	12%
[ɛ]	13%	13%	13%	13%
[ei]	5%	5%	5%	5%
[ẽ]	0%	0%	0%	0%
Ø	0%	0%	0%	0%
Resposta não validada	2%	2%	2%	2%

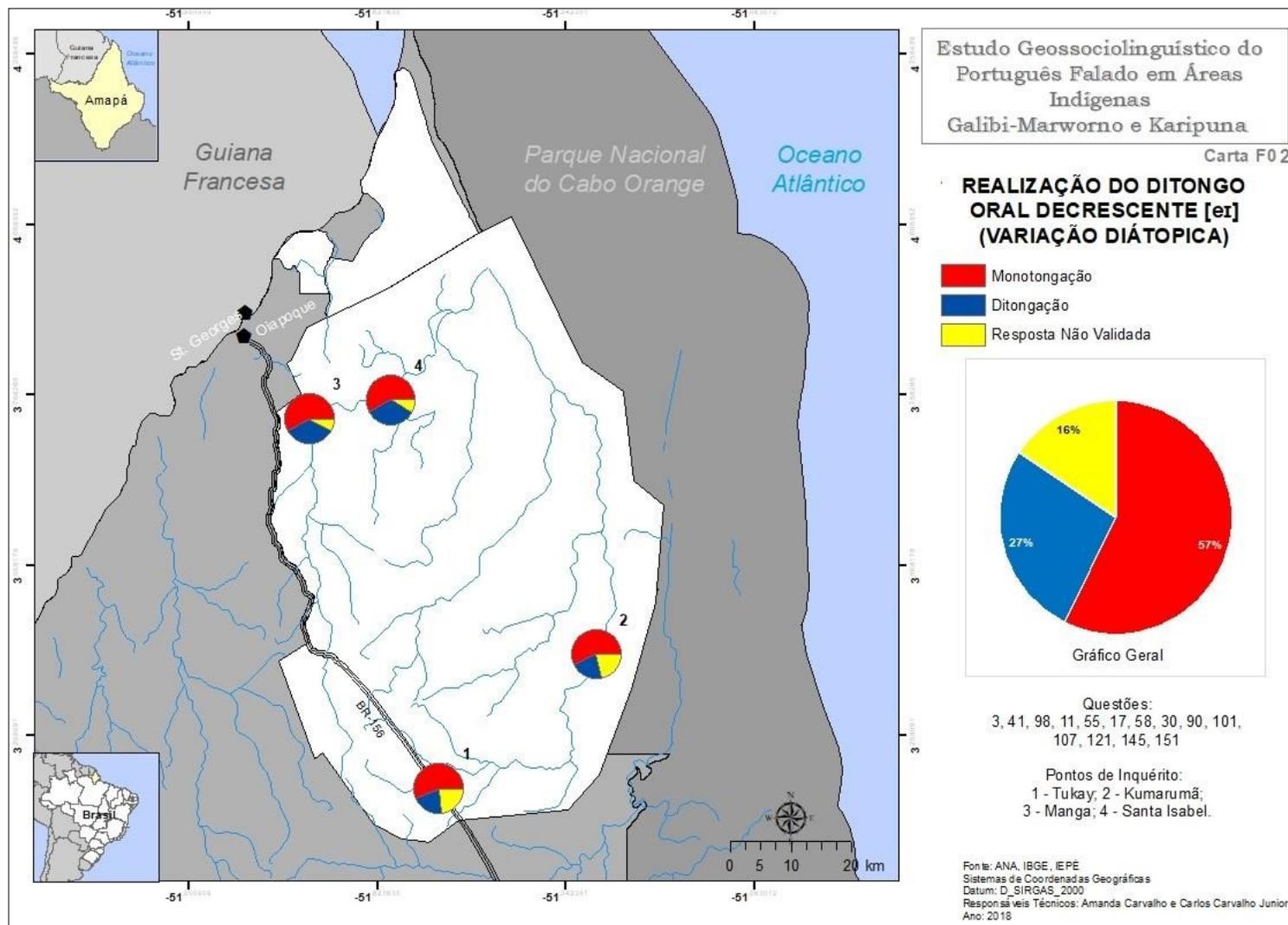
Fonte: Dados da pesquisa

Diante dessas observações, na seção seguinte, serão discutidos os dados coletados a respeito da realização do ditongo oral decrescente [ɛɪ] falado por indígenas pertencentes aos dois povos analisados neste trabalho, tanto na perspectiva espacial quanto social.

## 5.2.2 Realização do ditongo oral decrescente [ei]

### 5.2.2.1 Análise Diatópica

Carta Linguística 8 – Realização do ditongo oral decrescente [ei] (diatópica). Fonte: Dados da pesquisa



Observando a carta linguística 8, pode-se afirmar que o fenômeno fonológico de monotongação é mais frequente em todas as aldeias pesquisadas com o total de 57% dos dados gerais, ditongação com 27% e 16% de respostas não esperadas.

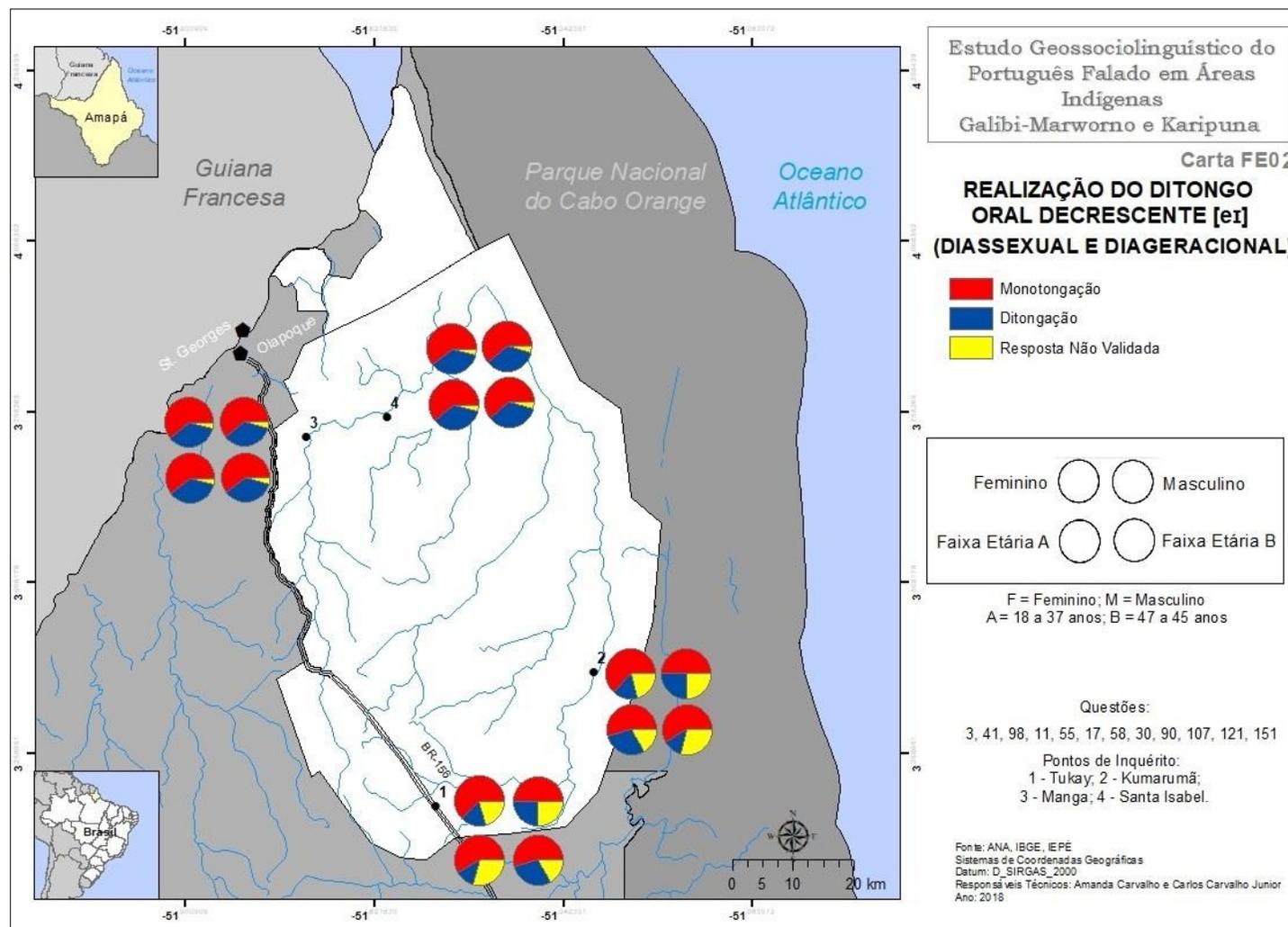
Nas aldeias Galibi-Marworno, as localidades 1 e 2, Tukay e Kumarumã, respectivamente, registram 58% de monotongação, 21% de ditongação e 23% de respostas não-esperadas.

Nas aldeias Karipuna, as localidades 3 e 4, Manga e Santa Isabel, apresentam em valores: 58% de monotongação, 33% de ditongação e 8% de respostas não-esperadas. Dessa forma, podemos observar que os pontos de inquérito 3 e 4 apresentam maior equilíbrio na utilização das segundas variantes, além do não registro de [ẽ] e do baixo percentual de respostas não esperadas.

Em relação aos trabalhos anteriormente mencionados sobre o assunto, os dados gerais para a realização do ditongo [ei] contrastam com a descrição realizada pelo ALAP (2017) onde a manutenção do ditongo [ei] é maior, refutando a nossa hipótese. Sendo assim, esse contexto nos permite afirmar que as aldeias indígenas aqui pesquisadas não seguem a tendência de manutenção do ditongo descrita pelo ALAP (2017), mesmo sendo próximas à sede de Oiapoque

## 5.2.2.2 Análise Social

Carta Linguística 9 – Realização do ditongo oral decrescente [eɪ] (diassexual e diageracional). Fonte: Dados da pesquisa



A perspectiva diatópica demonstrou a maior frequência na monotongação de [ei] e que também é 57% mais produtiva pela perspectiva diasssexual e a diageracional, como pode ser observado na carta linguística 9.

Nas aldeias Galibi-Marworno, como pode-se observar no quadro 12, a monotongação possui maior porcentagem para a 2ª faixa-etária com 29% e para o sexo feminino com 31%. A ditongação, por sua vez, apresenta maior frequência na 1ª faixa-etária com 15% e para o sexo masculino com 13%. As respostas não-validade foram mais frequentes nas 2ª faixa-etária com 15% e para os homens com 13%.

Quadro 12 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização do ditongo oral decrescente [ei] nas localidades Galibi-Marworno

Variantes	Faixa-etária		Sexo	
	1ª	2ª	Feminino	Masculino
Monotongação	27%	29%	31%	25%
Ditongação	15%	6%	8%	13%
Resposta não validada	8%	15%	10%	13%

Nas aldeias pesquisadas do povo Karipuna, o fator social não foi significativo para a realização da monotongação. Como pode ser observado no quadro 13, os valores apresentaram a mesma porcentagem, o que nos permite afirmar categoricamente que o fator geográfico é significativo na realização do fenômeno fonológico.

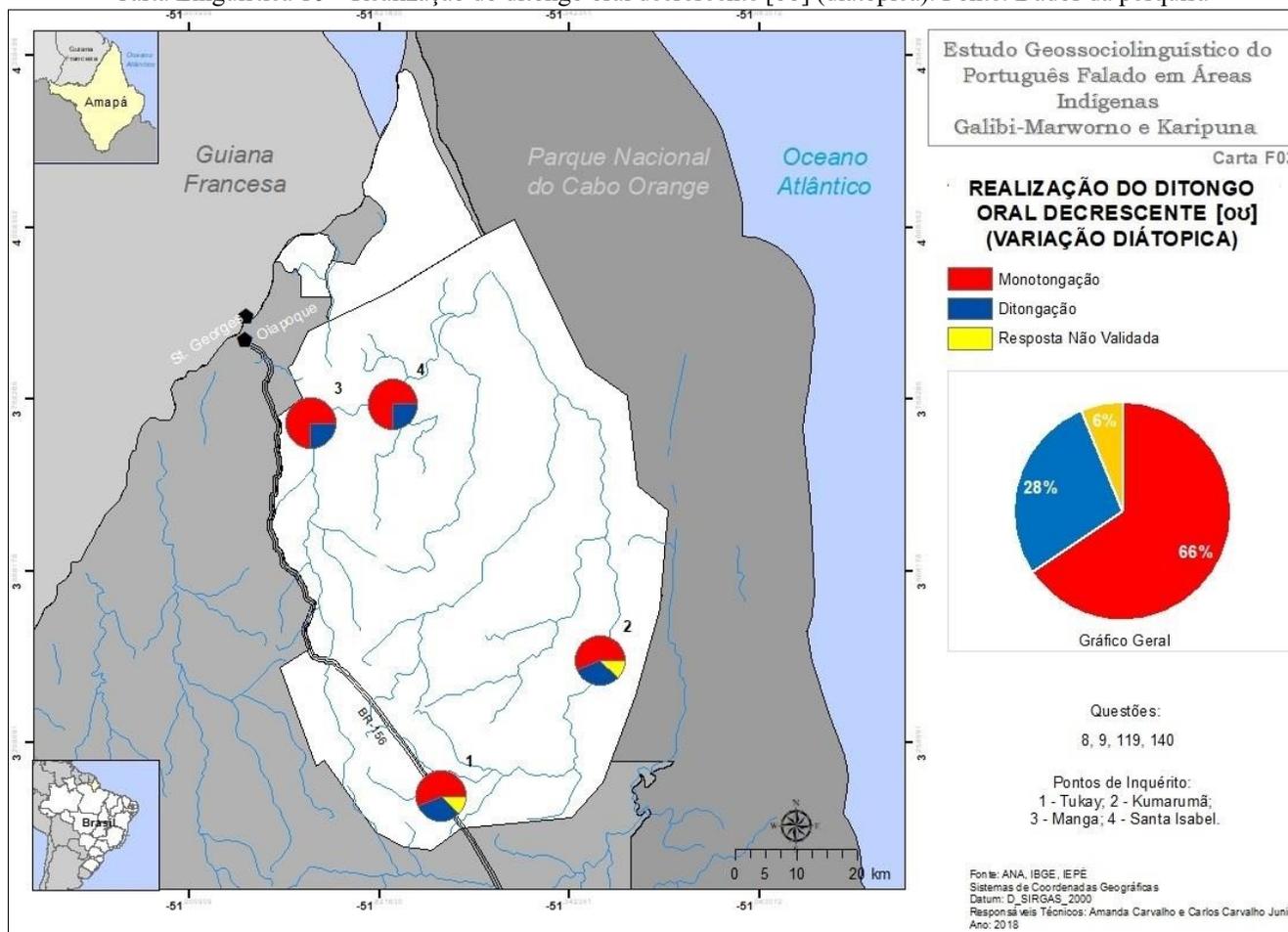
Quadro 13 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização do ditongo oral decrescente [ei] nas localidades Karipuna

Variantes	Faixa-etária		Sexo	
	1ª	2ª	Feminino	Masculino
Monotongação	29%	29%	29%	29%
Ditongação	17%	17%	17%	17%
Resposta não validada	4%	4%	4%	4%

## 5.2.3 Realização do ditongo oral decrescente [ou]

### 5.2.3.1 Análise geográfica

Carta Linguística 10 – Realização do ditongo oral decrescente [ou] (diatópica). Fonte: Dados da pesquisa



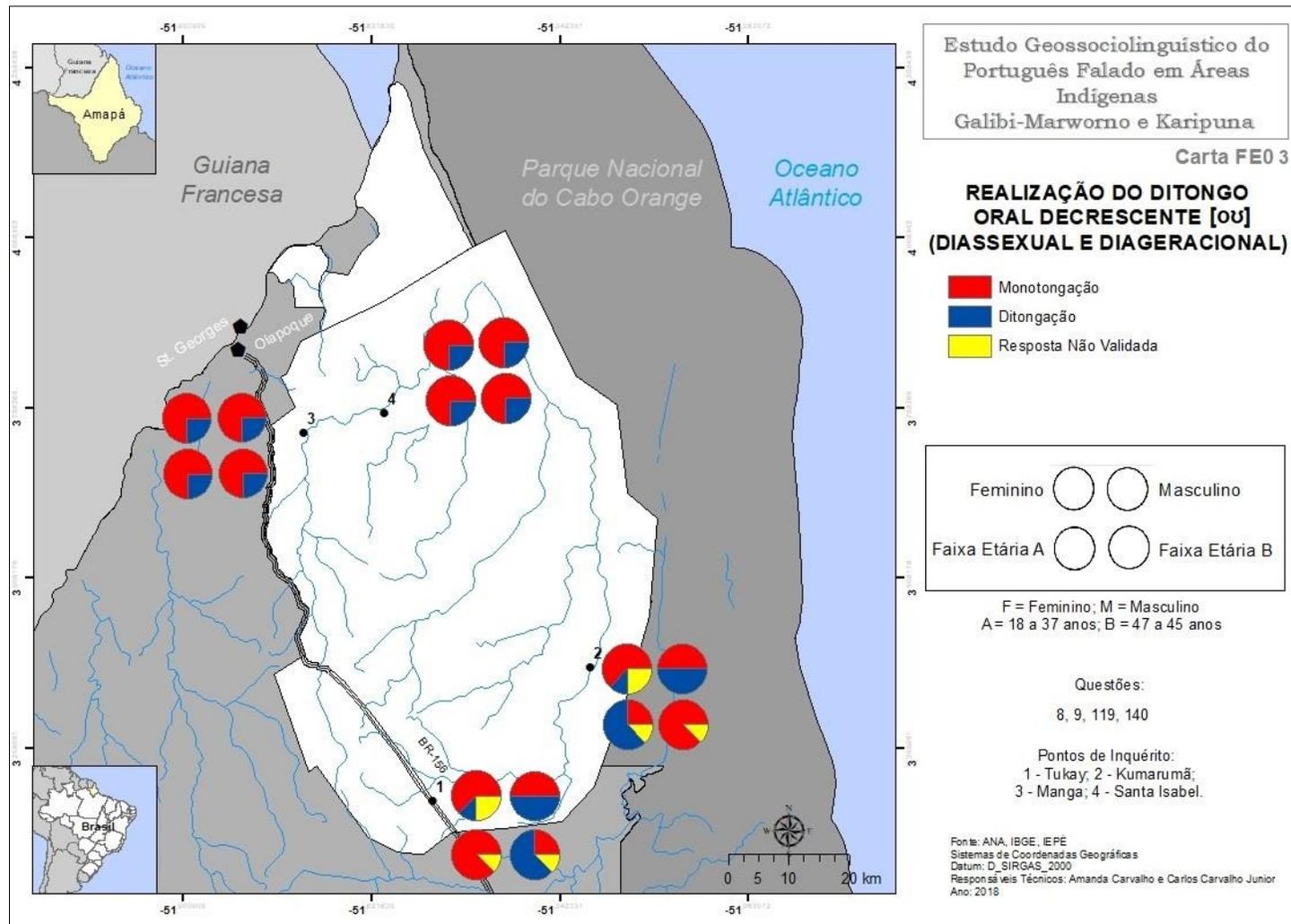
A carta linguística 10 nos revela que assim como em [ei], a realização do ditongo [ou] nas aldeias Galibi-Marworno e Karipuna pesquisadas é mais frequentemente a monotongação com 66%, ditongação com 28% e 6% de respostas não esperadas.

Nas aldeias Galibi-Marworno, as localidades 1 e 2, Tukay e Kumarumã apresentam, respectivamente, 56% de monotongação, 31% de ditongação e 13% de respostas não esperadas. Por sua vez, nas aldeias Karipuna, as localidades 3 e 4, Manga e Santa Isabel utilizam 75% de monotongação, 25% de ditongação e não houveram respostas não esperadas.

Tais resultados corroboram com a nossa hipótese da monotongação do ditongo [ou] baseada nos dados apresentados no ALAP (2017), em que a monotongação é 58% superior aos 42% de manutenção da ditongação.

5.2.3.2 Análise social

Carta Linguística 11 – Realização do ditongo oral decrescente [ou] (diassexual e diageracional). Fonte: Dados da pesquisa



A análise diatópica apresentou a maior frequência de monotongação [oo] também identificada na carta linguística 7 possuindo algumas variações em sua porcentagem dependendo das variáveis de sexo e idade, como pode ser visualizado nos gráficos disponíveis na carta.

Como pode ser observado no quadro 14, nas aldeias Galibi-Marworno, a monotongação possui maior porcentagem para a 2ª faixa-etária com 44% e para o sexo feminino com 31%. A ditongação, por sua vez, ocorre apenas na 1ª faixa-etária e apresenta 25% para o sexo masculino. As respostas não-validadas foram identificadas apenas no sexo feminino e não apresentaram diferença nas porcentagens de faixa-etária

Quadro 14 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização do ditongo oral decrescente [oo] nas localidades Galibi-Marworno

Variantes	Faixa-etária		Sexo	
	1ª	2ª	Feminino	Masculino
Monotongação	13%	44%	31%	25%
Ditongação	31%	0%	6%	25%
Resposta não validada	6%	6%	13%	0%

Nas aldeias Karipuna investigadas, como ilustra o quadro 15, os fatores de sexo e idade não foram relevantes para a monotongação do ditongo [oo].

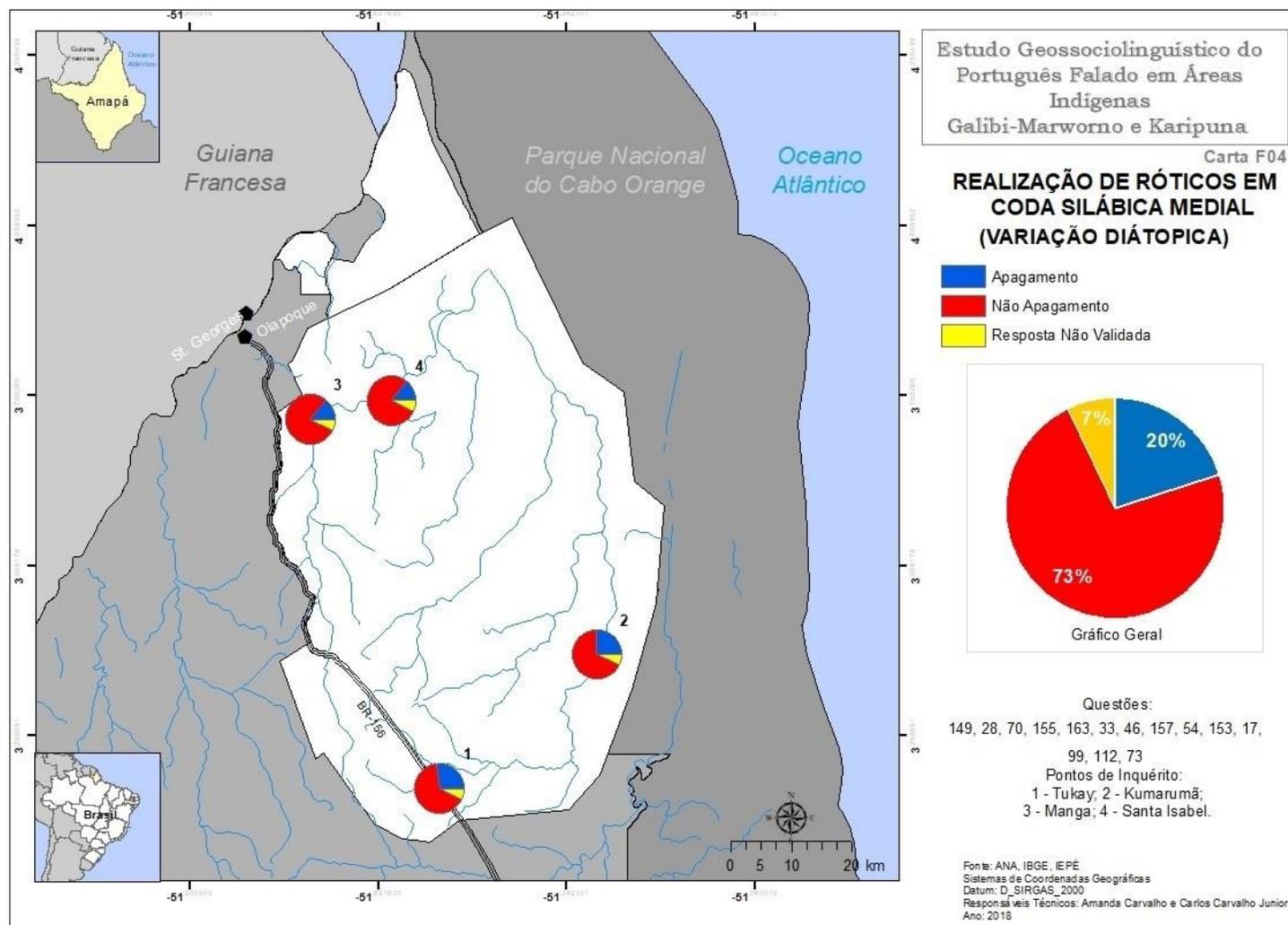
Quadro 15 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização do ditongo oral decrescente [oo] nas localidades Karipuna

Variantes	Faixa-etária		Sexo	
	1ª	2ª	Feminino	Masculino
Monotongação	38%	38%	38%	38%
Ditongação	13%	13%	13%	13%
Resposta não validada	6%	6%	6%	6%

## 5.2.4 Realização de róticos em coda silábica medial

### 5.2.4.1 Análise geográfica

Carta Linguística 12 – Realização de róticos em coda silábica medial (diatópica). Fonte: Dados da pesquisa



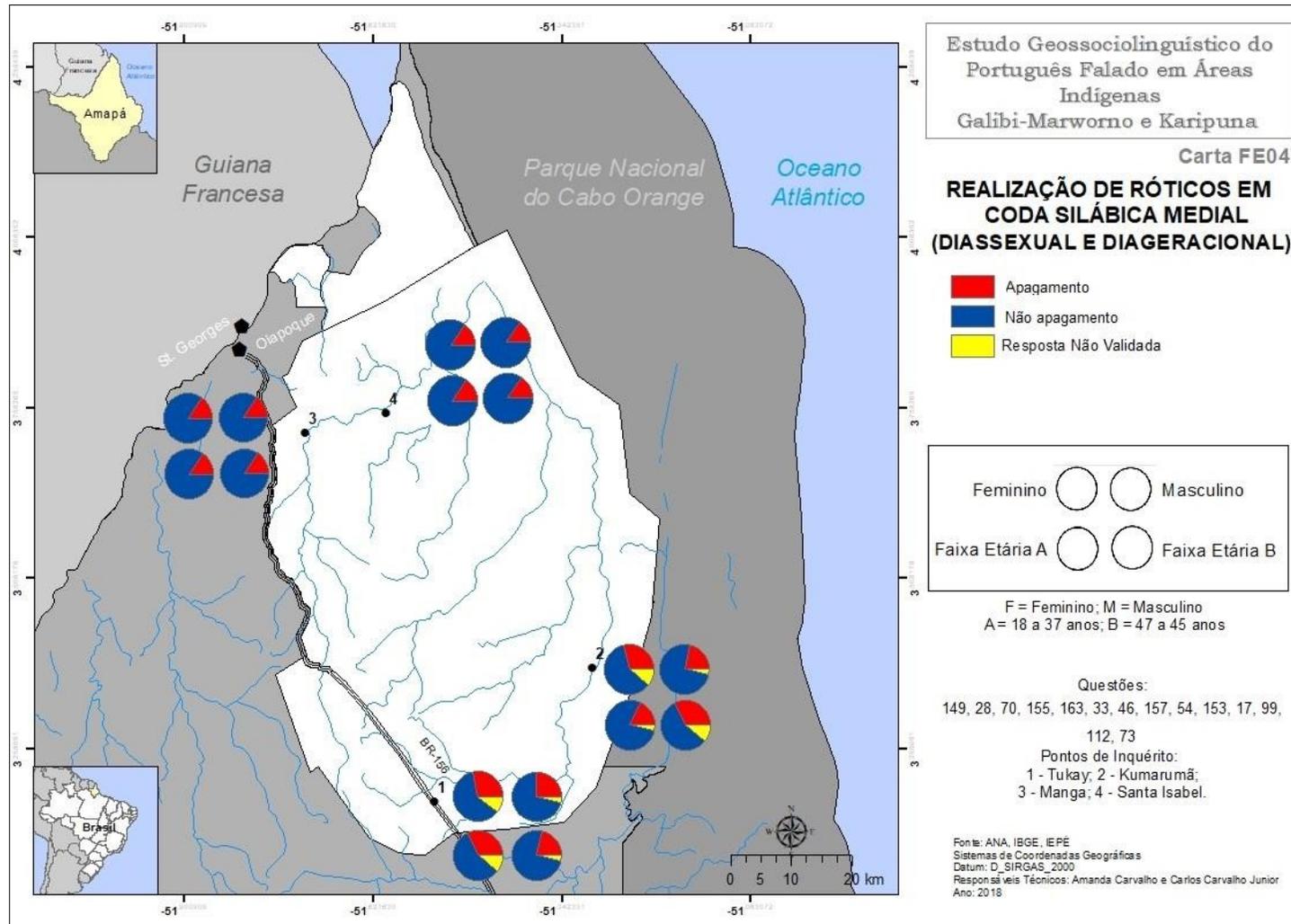
Como pode-se observar na carta linguística 12, a realização de róticos em coda silábica medial em sua maioria, com 73%, não sofre apagamento, contrastando com os 20% de apagamento e 7% de respostas não esperadas.

Nas aldeias Galibi-Marworno pesquisadas, referente ao ponto de inquérito 1, Tukay, o não-apagamento obtem 66% dos dados obtidos, 26% de apagamento e 7% de respostas não esperadas. Em Kumarumã, ponto 2, o não apagamento apresenta 34%, seguido dos 13% de apagamento e 4% de respostas não esperadas.

Nas aldeias Karipuna, nos pontos 3 e 4, Manga e Santa Isabel, respectivamente, foram descritos 79% de não apagamento do rótico, em 14% ocorreu apagamento e 7% de respostas não esperadas.

5.2.4.2 Análise social

Carta Linguística 13 – Realização de róticos em coda silábica medial (diageracional e diassexual). Fonte: Dados da pesquisa



Pela perspectiva da análise social, os Galibi-Marworno apresentam o não apagamento com maior porcentagem na 1ª faixa-etária com 38% e para com os homens com 37%. Já o apagamento tem maior frequência na 2ª faixa-etária com 16% e com as mulheres com 14%. As respostas não validadas assim como o apagamento, exibe maior porcentagem na 2ª faixa-etária com 5% e com as mulheres com 5%. O quadro 16 exibe essas informações.

Quadro 16 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização de róticos em coda silábica medial nas localidades Galibi-Marworno

Variantes	Faixa-etária		Sexo	
	1ª	2ª	Feminino	Masculino
Apagamento	10%	16%	14%	12%
Não Apagamento	38%	29%	30%	37%
Resposta não validada	2%	5%	5%	2%

Os colaboradores Karipuna, por sua vez, assim como já ocorrido em outras realizações fonéticas destacadas nesta pesquisa, não apresentou valores significativos por meio da estratificação social, como pode ser observado no quadro 17:

Quadro 17 – Estratificação por faixa-etária e sexo da realização de róticos em coda silábica medial nas localidades Karipuna

Variantes	Faixa-etária		Sexo	
	1ª	2ª	Feminino	Masculino
Apagamento	7%	7%	7%	7%
Não Apagamento	39%	39%	39%	39%
Resposta não validada	4%	4%	4%	4%

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou a análise de dados sociolinguísticos e fonéticos do Português Brasileiro Indígena (PBI) falado pelos povos Galibi-Marworno e Karipuna nas aldeias Kumarumã, Tukay, Manga e Santa Isabel, localizados na Terra Indígena Uaçá, tanto pela perspectiva diatópica como também a diastrática.

Os resultados sociolinguísticos apontam que os Galibi-Marworno e os Karipuna são dois povos totalmente distintos, embora identifiquem o Kheuól (KH) como língua materna, apresentam níveis diferentes de proficiência em KH e PBI.

Os colaboradores Galibi-Marworno, de ambos os sexos, avaliam positivamente o KH utilizado majoritariamente nas aldeias pesquisadas em todas as habilidades destacadas. Contudo, em relação as faixas-etárias selecionadas, “ler” e “escreve” não foi muito bem conceituada na segunda-faixa etária. Para o PBI, as habilidades obtiveram a avaliação de “bem” na maioria das aldeias pesquisadas, com o registro de “mal” em apenas 12,5% dos resultados.

Os Karipuna, por sua vez, apresentaram maior registro negativo em “lê/escreve” sobre KH do que havia sido descrito pelos Galibi-Marworno. Na aldeia Manga, por exemplo, houveram registros apenas de “bem” e “mal” e em Santa Isabel “razoável” e “mal” apareceram bastante equilibrados em suas realizações. Para o PBI, a avaliação foi bastante positiva, incluindo o não registro de “mal” em nenhuma das habilidades descritas na aldeia Manga. Observamos que a avaliação de “mal” sobre as habilidades de leitura e escrita PB são mais frequentes na percepção dos colaboradores da 2ª faixa etária. Constata-se ainda que o índice de “regular” é mais constante nas respostas Galibi-Marworno do que nas apresentadas pelos Karipuna.

No que tange a análise fonética, observamos que, os dados corroboraram com trabalhos anteriormente realizados sobre os fenômenos fonéticos identificados, com a exceção da realização do ditongo [ei]. Acrescentamos ainda que, os dados referentes às análises sociais dos dados fonéticos não foram significativos para a variação fonética. Esse contexto nos permite propor que o falar regional do PB dos colaboradores não indígenas que habitam áreas próximas às aldeias pesquisadas, é propagado nas áreas indígenas, formando, conseqüentemente, um contínuo de fala com marcas regionais.

De modo geral, as análises dos dados mapeados e analisados neste trabalho permitem concluir que os fatores históricos, geográficos, transito dos povos indígenas para os centros urbanos, assim como de não-indígenas dentro das aldeias, o processo de escolarização do PBI

nas comunidades foram significativos para a propagação de marcas regionais no nível fonético, assim como o contínuo de fala entre áreas indígenas e comunidades envolventes.

## REFERÊNCIAS

ALiB: **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

ALINEI, M. L' Atlas Linguarum Europae: rosultati, struttura, storia, prospettivi. In.: MOUTON, P. G. (Orgs.). **Geolingüística**: Trabajos europeos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994. p. 1-39.

ALLEYNE, M. C.; FERREIRA, J. S. Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. **Synchronic and diachronic perspectives on contact languages**, v. 32, p. 325, 2007.

ALTENHOFEN, C. V. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolingüística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos**: Estudos linguísticos, Sinop, v.6, n.12, p.31-52, jul./dez. 2013.

ALTENHOFEN, C. V.; BROCH, I. K. Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness). In: BEHARES, L. (Org.). **V Encontro internacional de investigadores de políticas linguísticas**. Montevideú: Universidad de la República e Asociación de Universidades Grupo Montevideo/ Núcleo Educación para la Integración, 2011. p. 15-22.

ALTENHOFEN, C.V.; KLASSMANN, M. S. (Orgs.). **Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS**: cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC; Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976 [1920].

ANONBY, S. **A report on the Creoles of Amapá**. Cuiabá: Summer Institute of Linguistics - SIL, 2007.

ARAGÃO, M. A despalatalização e conseqüente iotização no falar de Fortaleza. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE, Natal, 1996. **Anais...** Natal: UFRN, 1996.

\_\_\_\_\_. As variantes de natureza palatal no português do Brasil: descrição e transcrições. In: MOTA, J.; CARDOSO, S. (Orgs). **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 147-156.

ARAGÃO, M.; BEZERRA DE MENEZES, C. **Atlas linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BALBI, A. Atlas ethnographique du globe: ou Classification des peuples anciens et modernes d'apres leurs langues, précédé d'un discours sur l'utilité et l'importance de l'étude des langues appliquée à plusieurs branches des connaissances humaines; d'un aperçu sur les moyens graphiques employés par les différens peuples de la terre... avec

**environ sept cents vocabulaires des principaux idiomes connus, et suivi du tableau physique, moral et politique, des cinq parties du monde...** Paris: Chez Rey et Gravier, 1826.

BASTOS, C. M. C. B. Educação escolar indígena no Oiapoque nos anos do regime militar: dialogando com as fontes documentais. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. **Anais...** Natal: ANPUH, 2013. p. 1-11.

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2014. p.166-201.

BIONDELLI, Bernardino. **Atlante linguistico d'Europa**. [s.l.]: Felice Rusconi, 1841. BISOL, L. **Harmonização vocálica**, uma regra variável. 1981. Tese (Doutorado em Linguística e Filologia) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

BLANCH, J. M. L. El Atlas Lingüístico de México. **LEA: Lingüística española actual**, v. 13, n. 2, p. 153-172, 1991.

BOPP, F. **Vergleichende Grammatik des Sanskrit**. [s.l.]: [s.e.], 1833.

BORTONI, S. M. et al. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 20, p. 75-90, 1991.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. Sobre a lateral palatal no português do Brasil. In.: ASSIS ROSA (Orgs.). **Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais**. Belém: EDUNAMA, 2006. v. 6. p. 63-86.

CABRAL, A. S. A. C. et al. L' Atlas linguistique sonore des langues indigènes du Brésil: um projet em cours. **Géolinguistique**, Grenoble, n. 15, 2015, p. 215-227.

CAGLIARI, L. C. **Análise Fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].

CAMPETELA, C. et al. Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. **Lingui'Stica**. Rio de Janeiro, v.13, n. 1, p. 151-167, jan. 2017.

CARDOSO, S. A. M. Dialetoлогия. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (Orgs.) **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 13-22.

\_\_\_\_\_. Dialetoлогия atual: tendências e perspectivas. **Revista do GELNE**, João Pessoa, v. 5, n. 1-2, p.185-192, 2010.

\_\_\_\_\_. O Atlas Lingüístico do Brasil: de “nascituro” a “adolescente”. In: AGUILERA, V. A. (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2013. p.1-12.

\_\_\_\_\_. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas linguístico do Brasil: Cartas linguísticas 1**. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CARMO, M. C. do; TENANI, L. E. The pretonic mid-vowels in the variety of the Northwest of Sao Paulo: a sociolinguistic analysis/As vogais medias pretonicas na variedade do noroeste paulista: uma analise sociolinguistica. **Alfa**, v. 57, n. 2, p. 607-638, 2013.

CARUSO, P. A iotização de lh segundo o Atlas Prévio dos Falares Baianos. **Alfa**, São Paulo, n. 27, p. 47-52, 1983.

CELIA, G. F. et al. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES**. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de PósGraduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CONTINI, M. L'Atlas linguistique roman. **IKER**, v. 7, p. 339-356, 1992.

COSERIU, E. La geografía lingüística. **Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano**. Montevideú, n. 11, 1965.

\_\_\_\_\_. **O homem e a sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COUDREAU, H. A. **Chez nos Indiens: quatre années dans la Guyane Française**. Paris: Hachette et cie, 1895 [1887-1891].

COUTO, H. H. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRISTIANINI, A. C. Sociogeolinguística: uma abordagem para o estudo do léxico. In: SANTOS, Irenilde Pereira dos (Org.); Cristianini, A. C. (Org.). **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises**. 1. ed. São Paulo: Paulistana, 2012. v.1. 188p.

CRYSTAL, D. **A dictionary of linguistics and phonetics**. 6. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008 [1941].

**Currículo de ensino fundamental nas escolas indígenas Karipuna, Galibi-Marworno, Palikur e Galibi-Kalinã no município de Oiapoque**. 2. ed. Oiapoque: editora, 2006.

DIAS, M. P. **Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – PPGL/UFPA, Belém, 2017.

DIAS, M. P.; CASSIQUE, O.; CRUZ, R. O alteamento das vogais pretônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem (REVEL)**, Porto Alegre, n. 9, v. 5, jul. 2007.

DIETRICH, W.; THUN, H.; SYMEONIDIS, H.; AQUINO, A. Atlas Linguístico Guaraní-Românico. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, v. 8, p. 239-242, 2010. Tomo 1.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros et al. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ESRI (ENVIRONMENTAL SYSTEMS RESOURCE INSTITUTE). **ArcMap 9.2**. 2009.

FERGUSON, C. A. Diglossia. **Word**, v. 15, n. 2, p. 325-340, 1959.

FERNANDES, M. E. P.; RAZKY, A. O comportamento variável da lateral palatal /ʎ/ em Amapá e Pará. In: RAZKY, A.; LIMA, A. F. de; OLIVEIRA, M. B. de; OLIVEIRA, R. G. de.

**Estudo II: Geolinguística no Estado do Pará**. Belém: EDUFMA, 2014. p. 121-140.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, C. et al. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FIRCHOW, I. B.; FIRCHOW, J. An Abbreviated Phoneme Inventory. **Anthropological Linguistics**, 1969.

FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. **Journal of social issues**, v. 23, n. 2, p. 29-38, 1967.

FLÓREZ, L. **Manual del atlas lingüístico-etnográfico de Colombia**. [s.l.]: Instituto Caro y Cuervo, 1983.

FREITAS, S. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GALLOIS, D. T.; GRUPIONI, D. F. **Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?** São Paulo: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo, 2003.

GILLIÉRON, J. **Patois de la commune de Vionnaz**. Paris: Bibliothèque de l'École des hautes études, 1880.

GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. **Atlas linguistique de la France**. [s.l.]: [s.e.], 1902. v. 35.

GOMES, A. A. S. Português brasileiro em uso por professores indígenas no Estado do Amapá. In: SIELP, Uberlândia, 2012. v. 2., n. 1. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2012.

GRÉGOIRE, H. Lettre aux Philantropes, sur les malheurs, les droits et les réclamations des Gens de couleur de Saint-Domingue, et des autres iles françoises de l'Amérique; par **M. Grégoire, curé d'Emberménil, député du département de la Meurthe**. chez Belin. [s.l.]: [s.e.], 1790.

GRENIER, G. **Guyane-Amapá: Mieux structurer les territoires pour intensifier les échanges.** Caiena: CEROM, 2011.

GRIMM, J. Wilhelm. **Kinder-und Hausmärchen.** Munique: Engel oJ, 1812.

\_\_\_\_\_. **Deutsche Grammatik.** [s.l.]: [s.e.], 1819. v. 4.

GRUPIONI, L. D. B. **Quem são, quantos são, e onde estão os povos indígenas e suas escolas no Brasil?** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

GUEDES, R. **Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí- Guarani em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão:** Tomo I. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará. Belém, 2017.

GUEDES, R.; RAZKY, A.; COSTA, E. O. da. Agrupamentos fonéticos diatópicos no Português falado no Estado do Pará: o contínuo de fala entre áreas indígenas e comunidades envolventes. In: SÁ, E.; OLIVEIRA, M.; SANCHES, R. (Orgs.). **Diversidade linguística em comunidades tradicionais:** homenagem à Suzana Cardoso. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 171- 192.

GUEDES, W. M. M. **Línguas em contato no Oiapoque:** as comunidades indígenas Karipuna. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

GUY, G. R. Rumos da sociodialetoлогия da América Latina. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA, São Luís, 2012. **Anais...** São Luís: EDUFMA, 2012. p. 44-60.

HAUGEN, E. First grammatical treatise. The earliest Germanic phonology. **Language**, v. 26, p. 4-64, 1950a.

\_\_\_\_\_. The analysis of linguistic borrowing. **Language**, v. 26, n. 2, p. 210-231, 1950b.

\_\_\_\_\_. **The Norwegian language in America.** v. 2. Filadélfia: UN, 1953.

IBGE. **Censo 2010.** Disponível em: [www.ibge.gov.br/cidadesat](http://www.ibge.gov.br/cidadesat). Acesso em: 22 abr. 2018. v. 20.

LEITE, Y.; FRANCHETTO, B. 500 anos de línguas indígenas no Brasil. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V. (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 15-62.

MATRAS, Y. Contact, convergence, and typology. In: HICKEY, R. (Org.). **The Handbook of Language Contact.** [s.l.]: Wiley-Blackwell, 2010. p. 70-82

MESTHRIE, R. Pidgins/creoles and contact languages: an overview. In: KOUWENBERG, S.; SINGLER, J. V. (Orgs.). **The handbook of pidgin and creole studies.** [s.l.]: John Wiley & Sons, 2009. p. 263-270.

MONNIER, M. Vestiges d Antiquité observés dans le Jurassien. **Mémoires de la Société des antiquaires de France**, v. 4, p. 359, 1823.

MONTES GIRALDO, J. J. **Dialectología general e hispanoamericana**: orientación teórica, metodológica y bibliográfica. 2. ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

MOORE, D. Línguas Indígenas. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 217-240.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). **Documentos 2**: projeto atlas lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

MUSSOLINO, A. A. N. **Estrela do Norte**: reserva indígena do Uaçá. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

NASCENTES, A. **Linguajar Carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953a [1922].

\_\_\_\_\_. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS – Bulletin International de Documentation Linguistique**, Louvain, t. 1, n.1, p. 181-184, 1952.

\_\_\_\_\_. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS – Bulletin International de Documentation Linguistique**, Louvain, t. 1, n.2, p. 438-444, 1953b.

NAUMANN, C. The phoneme inventory of Taa (West! Xoon dialect). **Essays in memory of Anthony Traill**, 2013.

NIMUENDAJU, C. T. **Die Palikur Indianer und ihre Nachbarne**. Goetborg: Fjaerde Foeljden, 1926.

NINA, T. **Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém**. 1991. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, UFRJ, 1991.

NUNES, C. F. **Variações do fonema palatal /ʎ/ no falar de 4 cidades do Sudeste do Pará**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

OKSAAR, E. **The history of contact linguistics as a discipline**. [s.l.]: [s.e.], 1996. p. 1-12.

PICANÇO, M. E. R. A língua Karipuna do Amapá. **Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico – PAPIA**, v. 13, n. 1, p. 46-50, 2010.

PICANÇO MONTEJO, F. Masak, Masak: kaml, As adivinhas do povo Karipuna: Aspectos do contexto geografico, sociocultural e lingüístico. In: I ENCONTRO DE ESTUDOS CRIoulos, 2000. **Anais 2000**. p. 10-12.

PONTOPPIDAN, E. Glossarium norvagicum: eller Forsøg paa en Samling af saadanne rare norske Ord som gemeenlig ikke forstaaes af danske Folk, tilligemed en Fortegnelse paa norske Mænds og Qvinders Navne **1749**.

POP, S. **La dialectologie**: aperçu historique et methodes d'enquetes linguistiques. [s.l.]: [s.e.], 1950.

RADTKE, E.; THUN, H. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz. In: RADTKE, E.; THUN, H. (Orgs.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: WestenseeVerl., 1996. p. 1-24.

RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-56

RAZKY, A. Construção de atlas sonoros: procedimentos metodológicos para o ALISPA. RAZKY, A. (Org). **Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará**. Belém: Gráfica e Editora Grafia, 2003. p. 173-183.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Atlas linguístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. 1 CD- ROM.

\_\_\_\_\_. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. **Lenguaje**, v. 32, p. 313-330, 2010.

\_\_\_\_\_. A dimensão sociodialetal do léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 16, n. 2, p. 247-270, 2013.

RAZKY, A.; GUEDES, R. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA). In: CONTINI, M; LAI, J. (Orgs.). **La géographie linguistique au Brésil**: Geolinguistique. Grenoble: ELLUG, 2015. p. 149-162.

RAZKY, A.; GUEDES, R.; COSTA, E. A pesquisa geolinguística em áreas indígenas brasileiras: desafios e estratégias. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 126-138, 2018.

RAZKY, A.; LIMA, A. F. de; OLIVEIRA, M. B. de. As vogais médias pretônicas no falar paraense. **Signum: estudos linguísticos**. Londrina, n. 15, v. 1, p. 293-310, jun. 2012.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C.; SANCHES, R. D. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017a.

\_\_\_\_\_. O projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, v.61, n.2, p. 303-317, 2017b.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

RODRIGUES, A. D. Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia. In: SIMÕES, M. do S. (Org.). **Sob o signo do Xingu**. Belém: IFNOPAP/UFPA, 2003. p. 37-51.

RODRIGUES, M. D. G. **Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá**: uma abordagem geossociolinguística. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, v. 13, n. 2, 2013.

\_\_\_\_\_. Cartografia linguística. **Sgvclin Revista**, 2014. Disponível em: <http://sgvclin.altervista.org/htmls/cartografia.html>. Acesso em: 17 fev. 2018.

ROSSI, N. A dialetologia. **Alfa**, Marília, n. 11, p. 89- 116, 1967.

ROSSI, N. et al. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, E. J. de. **Atlas linguístico quilombola do Moxotó-Ipanema pernambucano (ALQUIMPE)**. Relatório de Pós-Doutorado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2018.

SANCHES, R. D.; RIBEIRO, C. M. Geolinguística no Amapá: da área urbana à indígena. In: SÁ, E. J.; OLIVEIRA, M. B.; SANCHES, R. D. (Orgs.). **Diversidade linguística em comunidades tradicionais**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 193-217.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix: 2001 [1916].

SCHMELLER, H. Technische Vorrichtungen der islamischen Welt und deren Bedeutung für die Geschichte der Naturwissenschaften. **1921**.

SILVA, R. G. Educação Escolar na Fronteira do Brasil entre os Karipuna e Galibi-Marworno: da Assimilação à Autonomia. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Paulo, 2001.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA NETO, S. **Guia para estudos dialectológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SOARES, E. P. M. **Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

\_\_\_\_\_. **As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Fortaleza, Fortaleza, 2008.

TASSINARI, A. M. I. **O processo de construção cultural das famílias Karipuna no Amapá**. São Paulo: Edusp, 2003.

TELES, A. Apresentando a cartografia aos linguistas: o Projeto ALiB. In: MOTA, J.; CARDOSO, S. (Orgs.). **Documentos 2** - Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 207-226.

THOMASON, S. G. **Language Contact: an introduction**. Washington: Georgetown University Press, 2001.

THOMASON, S. G; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization and genetic linguistics**. Berkeley: University of California, 1988.

THUN, H. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **Para uma história do português brasileiro: vozes, veredas, voragens**. Londrina: EDUEL, 2009. v. 8, tomo II, p. 531-558.

\_\_\_\_\_. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, v. 5., p. 787-789, 1998. **Anais...** Tübingen: Niemeyer, 1998.

\_\_\_\_\_. Movilidad demográfica y dimensión topodinâmica. Los motedideanos em Rivera. In: RADTKE, E.; THUN, H. (Orgs.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

\_\_\_\_\_. O trabalho geolinguístico segundo os princípios da dialetologia. Minicurso, 2017. **Handout**, Belém, 2017a.

\_\_\_\_\_. O velho e o novo na geolinguística. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre, 2017b.

THUN, H.; FORTE, C.; ELIZAINCÍN, A. El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruuay (ADDU). Presentación de um projecto. **Iberoromania**, n. 30, p. 26-62, 1989.

TOBLER, S. J. **The Grammar of Karipúna Creole**. Brasília: SIL, 1983. TRUDGILL, P. **Dialects in Contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

VAN COETSEM, F. **Loan phonology and the two transfer types in language contact**. Dordrecht: Foris, 1988.

VIDAL, L B. **Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver**. 2. ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2009.

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. 1987. Dissertação (Mestrado em Letras). Belo Horizonte: UFMG, 1987.

\_\_\_\_\_. **Verbetes Galibi-Marwono Língua**. 2000. Disponível em: <https://www.institutoiepe.org.br/media/artigos/doc13.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

WEIGAND, Gustav. **Linguistischer Atlas des dacorumänischen Sprachgebietes**. [s.l.]: [s.e.], 1909.

WENKER, Georg. **Sprach-Atlas von Nord-und Mitteldeutschland**. Trübner, 1881. WINFORD, D. **An introduction to contact linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

**ANEXOS**

## ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

**BILINGUÍSMO DOS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA**

1. Quanto ao \_\_\_\_\_ (LI), qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados?

**1.1 Fala:**

a) bem b) razoável c)mal

**1.2 Entende:**

a) bem b) razoável c)mal

**1.3 Lê:**

a) bem b) razoável c)mal

**1.4 Escreve:**

a) bem b) razoável c)mal

**1.5 Canta:**

a) bem b) razoável c)mal

**1.6 Imita:**

a) bem b) razoável c)mal

**1.7 Xinga:**

a) bem b) razoável c)mal

**1.8 Reza:**

a) bem b) razoável c)mal

**1.9 Pensa:**

a) bem b) razoável c)mal

**1.10 Sonha:**

a) bem b) razoável c)mal

2. Como aprendeu a falar \_\_\_\_\_ (LI)?

a) família b) escola c) eventos religiosos d) trabalho e) contato f) outros

3. Com quem você fala \_\_\_\_\_ (LI)?

a) avós b) pais c) irmãos d) parentes e) vizinhos f) amigos g) outros

4. Em que locais e situações você fala \_\_\_\_\_ (LI)?

a) Em casa b) na igreja c) nas festas d) na rua e) em reuniões f) outros

5. Quanto ao **PORTUGUÊS**, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados?

**5.1 Fala:**

a) bem b) razoável c)mal

**5.2 Entende:**

a) bem b) razoável c)mal

**5.3 Lê:**

a) bem b) razoável c)mal

**5.4 Escreve:**

a) bem b) razoável c)mal

**5.5 Canta:**

a) bem b) razoável c)mal

**5.6 Imita:**

a) bem b) razoável c)mal

**5.7 Xinga:**

a) bem b) razoável c)mal

**5.8 Reza:**

a) bem b) razoável c)mal

**5.9 Pensa:**

a) bem b) razoável c)mal

**5.10 Sonha:**

a) bem b) razoável c)mal

**6. Como aprendeu a falar PORTUGUÊS?**

b) família b) escola c) eventos religiosos d) trabalho e) contato f) outros

**7. Com quem você fala PORTUGUÊS?**

b) avós b) pais c) irmãos d) parentes e) vizinhos f) amigos g) outros

**8. Em que locais e situações você fala PORTUGUÊS?**

b) Em casa b) na igreja c) nas festas d) na rua e) em reuniões f) outros

**9. Quais línguas o senhor(a) fala?****10. O senhor(a) entende outra língua que não fala? Quais?****11. Qual língua o senhor(a) aprendeu primeiro? E qual foi a segunda? Quantos anos tinha?****12. Todas as pessoas daqui falam português? Quem? (Sugerir após resposta espontânea) – bilinguismo na comunidade**

- Avô, Avó, Pai, Mãe, Irmãos, Tios, Primos, Amigos, Vizinhos, Professores, Religiosos, Outros

13. Em quais situações o senhor(a) utiliza outra língua diferente do português e do \_\_\_\_\_.  
(Dizer o nome da língua indígena)?

14. Quais línguas são faladas em sua família?

15. Quais línguas o senhor(a) escreve?

<b>BILINGUÍSMO NA COMUNIDADE</b>
----------------------------------

16. Todas as pessoas daqui falam \_\_\_\_\_(LI)?

a) avô b) avó c) pai d) mãe e) irmãos f) tios g) primos h) amigos i) vizinhos j) professores  
l) religiosos m) outros

17. Quando vem uma visita, que língua(s) você(s) usa(m)? E se a visita fala só o português ou só o \_\_\_\_\_(LI)?

18. Que línguas são faladas na comunidade?

19. Como você [o (a) senhor (a)]avalia o \_\_\_\_\_(LI) em termos de língua falada no lugar?

a) legal b) grosseira c) Bonita d) errada e) engraçada f) outros  
Porque?

20. O que o senhor (a) espera que o governo faça para preservar a língua da comunidade?

21. E o que a comunidade tem feito para preservá-la?

## ANEXO B – FONÉTICO-FONOLÓGICO ADAPTADO

### 1. CASA

Qual é o tipo de moradia mais comum aqui na comunidade? E na sua língua? Obter a forma inserida em contextos mais amplos.

### 2. TERRENO

Onde se constrói uma casa? (O que preciso para construir uma casa?) E na sua língua?

### 3. PRATELEIRA

... aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.? E na sua língua?

### 4. PRATO

... aquela vasilha circular de vidro, porcelana, plástico em que são servidas comidas ou na qual se come? E na sua língua?

### 5. TELEVISÃO

... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogos, programas...? E na sua língua?

### 6. CAIXA

Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem dentro de quê? E na sua língua?

### 7. CATRAIA

... aquele tipo de barco que leva o pessoal do Oiapoque pra Saint-George? E na sua língua?

### 8. TESOURA

... O objeto com que se corta tecido? E na sua língua?

### 9. ROUPA

... aquilo que a gente veste para não andar pelado? E na sua língua?

### 10. CAMINHA

Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa deita para dormir, se for pequeno, como se chama? E na sua língua?

### 11. TRAVESSEIRO

... Aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama? E na sua língua?

### 12. VESTIDO

... um tipo de roupa das mulheres que é como se fosse a blusa e a saia juntas? E na sua língua?

### 13. LÂMPADA

... Aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? [Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?] E na sua língua?

### 14. LUZ

Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem\_\_\_\_\_?] E na sua língua?

#### 15. CAPUZ

... um tipo de roupa que cobre a cabeça e que vem colado a camisa? E na sua língua?

#### 16. ELÉTRICO

Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa? E na sua língua?

#### 17. TORNEIRA

... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia? E na sua língua?

#### 18. ÍMA

... aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego, alfinete? E na sua língua?

#### 19. ÍMPAR

Têm os números pares e os números .... (número 2 é par, o 4, 6, já o 1, 3, 5 são...?) E na sua língua?

#### 20. FECHA

Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, \_\_\_\_\_ a porta. E na sua língua?

#### 21. FÓSFORO

... aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo? E na sua língua?

#### 22. FUMAÇA

... aquilo que sai do fogo, em fogo de lenha, de carvão, e que, em uma fábrica, sai pela chaminé? E na sua língua?

#### 23. PÓLVORA

... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem? E na sua língua?

#### 24. VARRER

Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (*mímica*)? E na sua língua?

#### 25. ALMOÇO

... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas? E na sua língua?

#### 26. RUIM

Uma comida pode estar boa ou \_\_\_\_\_. E na sua língua?

#### 27. ARROZ

... o que se come no almoço, uns grãozinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne? E na sua língua?

#### 28. GORDURA

A carne de porco não é magra porque tem \_\_\_\_\_. (A gente diz que a pessoa é magra porque tem pouca.... ) E na sua língua?

**29. GRELHA**

... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou brasa, para assar carne, frango, etc.?

**30. PENEIRA**

... aquele objeto que se usa na cozinha para passar (mímica) farinha? Ou para coar a tapioca?

**31. COLHER (subst.)**

A carne se come de garfo e faca. E a sopa, como que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?

**32. LIQUIDIFICADOR/LIQUIDIFICADOR**

... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?

**33. FERVENDO**

Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolinhas, como é que se diz que ela está?

**34. SAL**

O que é preciso colocar na carne para temperar?

**35. CEBOLA**

... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?

**36. TOMATE**

... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?

**37. CASCA**

Para comer uma banana, o que é que se tira?

**38. CATAPORA**

... aquela doença que deixa a criança cheia de pintinhas vermelhas?

**39. CLARA**

No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?

**40. GEMA**

E a parte amarela?

**41. MANTEIGA**

... aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?

**42. BOTAR**

Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai \_\_\_\_\_ (mímica) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai \_\_\_\_\_ ovo].

**43. BONITO**

Qual é o contrário de feio?

**44. ROSA**

... aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho?

**45. ROXO**

... quando se bate em algum lugar ou levar um baque, o lugar machucado fica logo...?

**46. ÁRVORE**

O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?

**47. PLANTA**

Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem\_\_\_\_\_?]

**48. PLACA**

... aquele negócio que fica na estrada indicando a velocidade, onde começa as terras indígenas?

**49. OVELHA**

... a fêmea do carneiro?

**50. CAVALO**

... aquele animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para o outro? *Obter a forma inserida em contextos mais amplos.*

**51. MONTAR**

Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (*mímica*)?

**52. ABELHA**

... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colméias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?

**53. MEL**

E o que é que a abelha fabrica?

**54. BORBOLETA**

... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

**55. TEIA**

... aquilo que a aranha faz nas paredes?

**56. RATO**

... o bicho que o gato caça?

**57. ELEFANTE**

... um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (*mímica*)?

**58. PEIXE**

O que é que se pesca no rio que o pessoal gosta de comer assado ou cozido?

**59. CANOA**

... uma embarcação feita de madeira ou de tronco de árvore, utilizada para a navegação em rios, principalmente por índios, por pessoas que moram em lugares próximos de rios?

**60. REMANDO**

Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?

**61. FAZENDA**

... uma propriedade grande onde se cria gado, se planta café, cacau ou... (*Contextualizar*)?

**62. NAFTALINA**

... umas bolinhas que colocamos no meio da roupa para proteger de baratas?

**63. NOITE**

Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a \_\_\_\_\_?

**64. DIA**

E depois da noite, o que é que vem?

**65. ANO**

De janeiro a dezembro se diz que passou quanto tempo? [30 dias dá um mês, 12 meses dá um \_\_\_\_\_?] [Como é que se chama o período de 12 meses?] [ Quando vemos uma data, normalmente olhamos o dia, o mês e o ...?]

**66. SOL**

... aquilo que brilha no céu, de dia?

**67. AMANHÃ**

... o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje se deixa para acabar \_\_\_\_\_.] [ Se hoje é dia 28, dia 29 é... ?]

**68. SÁBADO**

... o dia que vem depois de sexta-feira?

**69. CALOR**

No inverno faz frio. E no verão?

**70. TARDE**

Qual é o contrário de cedo?

**71. TRÊS**

O que é que vem depois do dois?

**72. DEZ**

O que é que vem depois do nove?

**73. CATORZE / QUATORZE**

O que é que vem depois do treze?

**74. NÚMERO**

Quatorze não é uma letra, é o quê?

**75. ESTRADA**

Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?

**76. POÇA**

... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?

**77. DESVIO**

Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

**78. BICICLETA**

... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?

**79. PNEU**

... aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?

**80. VIDRO**

De que material são feitas as janelas, os pára-brisas dos carros?

**81. SEGURO**

Quando uma pessoa compra um carro e que se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?

**82. PASSAGEM**

Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

**83. REAL / REAIS**

E quanto é que se paga para viajar daqui a \_\_\_\_\_? *Dizer o nome de uma cidade próxima.*

**84. MUITO**

Qual é o contrário de pouco?

**85. DEVE**

Você / o(a) senhor(a) tomou / pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você / ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me \_\_\_\_\_ 500 reais.

**86. OBRIGADO**

Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando você / o(a) senhor(a) vai devolver, você / o(a) senhor(a) agradece. Como é que o(a) senhor(a) diz?

**87. TRABALHAR**

Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?

**88. EMPREGO**

Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê? [Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o \_\_\_\_\_?]

**89. INÍCIO**

Quando uma coisa está terminando, se diz que está no fim. E quando está começando, como é que se diz?

**90. PREFEITO**

Quem se elege para dirigir uma cidade?

**91. ESCOLA**

Onde as crianças vão para aprender a ler?

**92. COLEGAS**

O que as pessoas que trabalham juntas são uma das outras?

**93. GIZ**

... aquilo branquinho, assim (*mímica*), que serve para escrever no quadro, na escola?

**94. BORRACHA**

... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?

**95. RASGAR**

Fazer assim (*mímica*) em um papel é \_\_\_\_\_?

**96. AZUL**

Que cor é esta? *Mostrar*.

**97. BRASIL**

... o nosso país?

**98. BANDEIRA**

... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?

**99. PERNANBUCANO**

Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E que nasce em Pernambuco?

**100. SOLDADO**

... a pessoa que usa farda, que vive em quartel? [Tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?]

**101. CORREIO**

Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?

**102. LIQUIDAÇÃO / LIQUIDAÇÃO**

De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, às vezes para acabar até com a loja, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?

**103. CINEMA**

Aonde se vai para ver um filme?

**104. DEFESA**

No futebol os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam? [Numa luta, quem não está no ataque está na \_\_\_\_\_.]

**105. CALÇÃO**

Os jogadores de futebol aqui (*apontar*) usam camiseta. E aqui (*apontar*) o que é que usam?

**106. UNIÃO**

Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o quê? [Há um ditado que diz: Onde há \_\_\_\_\_, há força.]

107. **COMPANHEIRO**

Na escola, em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoas são uma das outras? [Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o quê da outra?]

108. **ADVOGADO**

Que profissional se pode contratar para defender os interesses na justiça?

109. **QUESTÃO / QÜESTÃO**

Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a \_\_\_\_\_? [Quando você / o(a) senhor(a) não quer muito uma coisa, o(a) senhor(a) diz: Eu não faço \_\_\_\_\_].

110. **PEGO**

Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o(a) senhor(a) diz: O ladrão foi \_\_\_\_\_pela polícia.

111. **INOCENTE**

Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?

112. **CERTO**

Qual é o contrário de errado?

113. **MENTIRA**

Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma \_\_\_\_\_?

114. **PROMOÇÃO**

Quando vai no mercado e vê que o preço de um produto tá mais baixo que o normal a gente diz que esse produto tá em...

115. **COROA**

... aquilo que os reis colocam na cabeça (*mímica*)?

116. **OLHO**

... isto? *Apontar*.

117. **PESCOÇO**

... esta parte? *Apontar*.

118. **ORELHA**

... esta parte? *Apontar*.

119. **OUVIDO**

E esta parte aqui dentro (*Apontar*) que se tem que limpar com algodão em um palito ou um cotonete?

120. **DENTE**

E isto? *Apontar*.

**121. PEITO**

Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do \_\_\_\_\_?]

**122. FÍGADO**

... o órgão que fica aqui (*apontar*), que adocece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?

**123. CORAÇÃO**

Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?

**124. COSTAS**

Aqui (*mostrar*) é a frente, e aqui (*mostrar*)?

**125. UMBIGO**

... aquele burquinho que se tem no meio da barriga?

**126. JOELHO**

... esta parte. *Apontar*.

**127. FERIDA**

Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?

**128. CASPA**

... uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?

**129. BANHO**

Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?

**130. DESMAIO**

Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?

**131. VÔMITO**

O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu a comida e fez mal?

**132. HOMEM**

Quando é criança a gente diz que é menino, depois que cresce vira...?

**133. MULHER**

Quando criança é menina, depois que cresce vira...?

**134. FAMÍLIA**

Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?

**135. TIO**

O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?

**136. GENRO**

O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?

137. **ÚNICO**

Quando a pessoa só tem um filho, se diz que ele é filho\_\_\_\_\_?

138. **ALTA**

O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm, 2 metros?

139. **BAIXA**

Qual é o contrário de alta?

140. **LOURA**

A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros e amarelados?

141. **VOZ**

Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa\_\_\_\_\_?

142. **DOIDO**

Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?

143. **VELHO**

Um sapato que não é novo é\_\_\_\_\_?

144. **SANDÁLIA**

Aquele calçado aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?

145. **MEIA**

Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?

146. **BRAGUILHA**

... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a \_\_\_\_\_?]

147. **SOBRANCELHA**

... esses pelos que ficam entre o olho e a testa?

148. **ANEL**

O que é que se usa aqui no dedo? *Ou apontar?*

149. **PERFUME**

O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?

150. **PRESENTE**

Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?

151. **BEIJAR**

Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (*mímica*)?

152. **SORRISO**

Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou pode dar um\_\_\_\_\_? *Ou mímica.*

153. **DORMINDO**

A pessoa que não está acordada está\_\_\_\_\_(*mímica*)?

154. **ASSOBIO**

Como se chama isto? *Assobiar.*

155. **PERDIDA**

Quando não se acha uma coisa, ela fica\_\_\_\_\_?

156. **ENCONTRAR**

Quando se perde uma coisa, se vai procurar até\_\_\_\_\_?

157. **PERGUNTAR**

Quando se quer saber uma coisa, se vai\_\_\_\_\_?

158. **SAIR**

Qual o contrário de entrar?

159. **BARULHO**

Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça \_\_\_\_\_, para ela não acordar.

160. **PAZ**

Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em\_\_\_\_\_.

161. **MESMA**

Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa\_\_\_\_\_roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a \_\_\_\_\_sogra.] [Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar \_\_\_\_\_roupa.]

162. **HÓSPEDE**

Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

163. **ESQUERDO**

Este lado é o direito e este (*mostrar*)?

164. **MORREU**

Quem não está mais vivo é porque já\_\_\_\_\_?